

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ROSANA DE CASTRO JANUÁRIO MURAYAMA

COERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO EM COMENTÁRIOS DO FACEBOOK

VITÓRIA
2020

ROSANA DE CASTRO JANUÁRIO MURAYAMA

COERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO EM COMENTÁRIOS DO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Júnior.

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M972c Murayama, Rosana de Castro Januário, 1973-
Coerência e argumentação em comentários do Facebook /
Rosana de Castro Januário Murayama. - 2020.
120 f. : il.

Orientador: Rivaldo Capistrano de Souza Júnior.
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Textos. 3. Coerência. 4. Argumentação. 5. Comentários. 6. Facebook. I. Souza Júnior, Rivaldo Capistrano de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Rosana de Castro Januário Murayama

**“COERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO EM COMENTÁRIOS DO
FACEBOOK”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 29 de junho de 2020.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Rivaldo Capistrano de Souza Júnior (UFES)
Orientador e Presidente da Comissão

Profa. Dra. Maria da Penha Pereira Lins (UFES)
Examinadora Interna

Profa. Dra. Ana Lúcia Tinoco Cabral (USP)
Examinadora Externa

Dedico este trabalho ao meu amado André, pelo amor sem medidas e por, sempre, estar ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Acredito que a gratidão é um dos sentimentos mais sublimes do ser humano, assim, procuro ter o coração sempre grato, por tudo e por todas as conquistas da vida!

A Deus, pois entendo que sem Ele nada seria possível.

À pessoa que mais acredita em mim, mais do que eu mesma, meu amado esposo, companheiro e melhor amigo, André, por tanto amor, dedicação, paciência e incentivo em todos os momentos; no antes, no durante e sei que estará ao meu lado no depois. A ti, amor da minha vida, mais que agradeço, dedico todo este trabalho.

A meus filhos, Arthur e Claudio, que são a razão de eu querer ser uma pessoa melhor, por estarem sempre ao meu lado e comemorarem, comigo, todas as conquistas e alegrias. Obrigada por todo carinho, paciência e por aprenderem a conviver com uma mãe mestranda. E, igualmente, agradeço ao meu querido Doki que esteve ao meu lado em cada página deste trabalho.

A toda minha família de São Paulo, por compreenderem minhas ausências e por me apoiarem com muito carinho.

Especialmente, a minha querida tia Anna, pelas conversas, por todo interesse, apoio e preocupação com meu mestrado, ajudando-me, em todos momentos, para que a minha caminhada fosse mais leve.

Ao meu orientador, professor Rivaldo Capistrano de Souza Júnior, que abriu, para mim, as portas da UFES, em um momento, que eu nem sabia o que era estar em um Mestrado. Obrigada pela confiança, contribuições e paciência.

Às professoras Ana Lúcia Tinoco Cabral e Maria da Penha P. Lins pelos olhares lançados na qualificação que muito contribuíram para a finalização deste trabalho e, por, também, estarem na banca de defesa. É uma honra saber que tenho um pouco de vocês na minha pesquisa. Muito obrigada!

Às professoras Janayna Casotti e Andréa Pisan por, gentilmente, aceitarem o convite de compor, na condição de suplente, a banca de defesa e trazerem suas leituras.

Aos amigos que percorreram comigo esse caminho de ansiedades e alegrias, especialmente, às amigas Aline, Adriana e Silvana pelas leituras atentas do meu texto e ajuda na elaboração do abstract.

Enfim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta me motivaram, me inspiraram e me deram forças para eu chegar até aqui. Minha eterna gratidão!

“Muitas palavras não indicam necessariamente muita sabedoria.”

Tales de Mileto

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar, com base na referenciação e no tópico discursivo, a coerência e a orientação argumentativa em comentários do Facebook. Esta investigação fundamenta-se no aporte teórico da Linguística Textual, de perspectiva sociocognitiva e interacional: MARCUSCHI (1999; 2002; 2007; 2008); KOCH (2003; 2006; 2007; 2015); JUBRAN (1992; 2006); MONDADA e DUBOIS (2003); LINS (2006; 2008); STORRER (2009); SCHNOTZ (2009); CAVALCANTE (2014; 2017); GALEMBECK (2017); ELIAS (2017); CABRAL (2017); LINS e CAPISTRANO (2017), nos estudos sobre as interações em redes sociais digitais: DEGANO (2014); RECUERO (2014; 2017); BARTON & LEE (2015); PAVEAU (2017); OLIVEIRA (2019) e nos trabalhos sobre argumentação: KOCH e ELIAS (2016) e CABRAL (2011; 2017). O *corpus* deste estudo é formado pelos comentários de duas postagens do Facebook da página UOL Notícias. É importante ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, analisa-se um recorte destes comentários. A seleção foi feita pelo critério de quantidade de reações às postagens *versus* o tempo de publicação, sendo a coleta realizada por meio de *prints*. Na perspectiva adotada, entende-se que não existem textos incoerentes em si e que toda produção (hiper)textual tem uma orientação argumentativa. Nos comentários do Facebook, os usuários, por meio de múltiplas conexões, estabelecem cadeias referenciais e evidenciam a focalização e a relevância do tópico discursivo. Essas relações proporcionam que os usuários orientem a argumentação de seus comentários e construam a coerência, auxiliados principalmente pelo uso constante dos recursos tecnológicos do ambiente virtual. A interatividade constante e a participação colaborativa caracterizam as experiências cotidianas dos usuários e servem para a expressão de seus pensamentos, sentimentos e opiniões em uma constante prática inter e (hiper)textual de leitura e escrita, nos sistemas de comentários do Facebook.

Palavras-chave: Coerência. Orientação argumentativa. Comentários. Facebook.

Abstract

This work aims to analyze the coherence and argumentative orientation in Facebook comments and it bases on referencing and the discursive topic. This investigation focuses on the theoretical contribution of Textual Linguistics, from a sociocognitive and interactional perspective: MARCUSCHI (1999; 2002; 2007; 2008); KOCH (2003; 2006; 2007; 2015); JUBRAN (1992; 2006); MONDADA and DUBOIS (2003); LINS (2006; 2008); STORRER (2009); SCHNOTZ (2009); CAVALCANTE (2014; 2017); GALEMBECK (2017); ELIAS (2017); CABRAL (2017); LINS and CAPISTRANO (2017). About the studies on interactions in digital social networks: DEGANO (2014); RECUERO (2014; 2017); BARTON & LEE (2015); PAVEAU (2017); OLIVEIRA (2019) and in the papers on argumentation: KOCH e ELIAS (2016) and CABRAL (2011; 2017). The *corpus* of this study uses the comments of two Facebook posts on the UOL Notice's page, however, we emphasize that, because it is a qualitative research, we analyzed a section of these comments. The selection has made by the criterion of quantity of reactions to the posts versus the time of publication, being the collection accomplished through prints. In the adopted perspective, we understand that there are no incoherent texts in themselves and that all (hyper) textual production has an argumentative orientation. Thus, we found that on Facebook, contextually, the users, through multiple connections establish referential chains and highlight the focus and relevance of the discursive topic. These relationships enable users to build coherence and guide the argumentation of their comments, aided mainly by the constant use of the various technological resources available in the virtual environment. Constant interactivity and collaborative participation characterize people's everyday experiences and serve to express their thoughts, feelings and opinions in a constant inter and (hyper) textual practice of reading and writing, on Facebook's comment systems.

Keywords: Coherence. Argumentative orientation. Comments. Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Botões de reações utilizados no Facebook	30
Figura 02 - As quatro redes com 1 bilhão de usuários ativos em 2018	32
Figura 03 - Visualização da página da UOL Notícias, no computador	35
Figura 04 - Visualização da página da UOL Notícias, no <i>smartphone</i>	36
Figura 05 - Comentário do Facebook - Exemplo 01	39
Figura 06 - Comentário do Facebook - Exemplo 02.....	39
Figura 07 - Exemplo de postagem motivadora.....	40
Figura 08 - Distribuição dos elementos nas postagens do Facebook	71
Figura 09 - Média de interações por tipo de post no Facebook	72
Figura 10 - Exemplo de postagem com vídeo	72
Figura 11 - Exemplo de postagem na UOL	73
Figura 12 - Postagem motivadora 1	75
Figura 13 - Comentários da Postagem 1.....	76
Figura 14 - Postagem motivadora 2	77
Figura 15 - Comentários da Postagem 2.....	78
Figura 16 - Postagem motivadora 1	79
Figura 17 - Comentário 1.1	80
Figura 18 - Comentário 2.1	88
Figura 19 - Postagem motivadora 2	96
Figura 20 - Comentário 1.2	96
Figura 21 - Comentário 2.2	103

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Postagem motivadora 1	19
Tabela 2 – Postagem motivadora 2	19
Quadro 1 - Modalidades de expansão tópica	58
Quadro 2 – Comentários a Comentários C1.1	83
Quadro 3 – Comentários a Comentários C2.1	91
Quadro 4 – Comentários a Comentários C1.2	99
Quadro 5 – Comentários a Comentários C2.2	105
Quadro 6 – Sínteses das análises Postagem Motivadora 1	110
Quadro 7 – Sínteses das análises Postagem Motivadora 2.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C - Comentário

CC - Comentário a Comentário

LT - Linguística Textual

R - Resposta

RID - Recurso Imagético Digital

UOL - Universo On Line

WEB - World Wide Web

WWW - World Wide Web

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1	22
1. O MUNDO VIRTUAL DOS COMENTÁRIOS	22
1.1. <i>INTERNET E WEB</i>	22
1.2. REDES SOCIAIS VIRTUAIS E INTERAÇÕES	25
1.2.1. O Facebook	28
1.3. OS GÊNEROS TEXTUAIS NA <i>WEB</i>	33
1.3.1. Gênero, mídia e suporte	34
1.3.2. Comentário virtual e suas interações	37
CAPÍTULO 2	44
2. COERÊNCIA (HIPER)TEXTUAL: CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS	44
2.1. TEXTO, CONTEXTO E HIPERTEXTO	44
2.1.1. Texto	45
2.1.2. Contexto	47
2.1.3. Hipertexto	49
2.2. REFERENCIAÇÃO E TOPICALIDADE	52
2.2.1. Referenciação	52
2.2.2. Topicalidade	54
2.2.2.1. <i>Focalização e Relevância</i>	56
2.2.2.2. <i>Expansão tópica</i>	58
2.3. SOBRE COERÊNCIA (HIPER)TEXTUAL E ARGUMENTAÇÃO	59
2.3.1. A coerência na perspectiva interacional	60
2.3.2. A coerência no ambiente virtual (perspectivas)	61
2.3.2.1. <i>A intertextualidade</i>	64
2.3.3. Argumentação	66
2.3.3.1. <i>A orientação argumentativa</i>	68
CAPÍTULO 3	70
3. A COERÊNCIA E A ARGUMENTAÇÃO NOS COMENTÁRIOS DO FACEBOOK: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	70
3.2. SELEÇÃO DAS POSTAGENS MOTIVADORAS E COMENTÁRIOS	74
3.2.1. Postagem motivadora 1 e os comentários selecionados	74

3.2.2. Postagem motivadora 2 e os comentários selecionados	76
3.3.COERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO NOS COMENTÁRIOS DO FACEBOOK ..	79
3.3.1. Postagem Motivadora 1 e análise dos comentários.....	79
3.3.1.1. <i>Comentário 1 – Focalização no roubo.....</i>	80
3.3.1.1.1. Comentários a Comentários.....	82
3.3.1.2. <i>Comentário 2 – Focalização na situação do país.....</i>	88
3.3.1.2.1. Comentários a Comentários.....	90
3.3.2. Postagem Motivadora 2 e análise dos comentários.....	96
3.3.2.1. <i>Comentário 1 – Focalização na filmagem</i>	96
3.3.2.1.1. Comentários a Comentários.....	99
3.3.2.2. <i>Comentário 2 – Focalização no pedido do governo</i>	103
3.3.2.2.1. Comentários a Comentários.....	105
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

Esta dissertação está inserida na linha de pesquisa de Estudos sobre Texto e Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e busca, com base nos princípios teórico-metodológicos da Linguística Textual (doravante LT), de perspectiva sociocognitiva e interacional, e dos estudos sobre interação em redes sociais digitais, analisar a coerência e a orientação argumentativa em comentários do Facebook.

O Facebook é um espaço de interação que ganhou muito destaque, nos últimos anos e, conforme Recuero (2014, p. 117), o seu uso “torna mais fácil a manutenção das conexões sociais já existentes”, como também “facilita a associação com outros atores que não conhecemos ou que conhecemos muito pouco, e com os quais dificilmente teríamos oportunidade de aprofundar os laços sociais”. De acordo com a autora, o Facebook é uma ferramenta que constrói o espaço social do cotidiano das pessoas e, muitas vezes, ressignifica suas práticas, dentre elas a conversação. Essa prática, outrora focada em trocas entre os falantes, passa a ser adaptada para ferramentas primariamente textuais.

Além do mais, Barton & Lee (2015) afirmam que o Facebook é um dos melhores representantes da convergência de ideias, de mídias e de recursos de comunicação e que os textos publicados, nas redes sociais virtuais, evidenciam as ideias, as intenções, os gostos e as opiniões de uma sociedade que vive conectada. É importante ressaltar que o Facebook, apesar de ter perdido usuários nos últimos tempos, ainda é a maior rede social do mundo¹. Nesse sentido, a fim de contribuir para os estudos linguísticos contemporâneos, consideramos o Facebook como um importante objeto de estudo.

Em face do intenso processo de criação textual desta plataforma, podemos nos deparar com comentários que inicialmente pareçam soltos e perdidos no tempo e no espaço, isto é, eles podem ser classificados por algumas pessoas como incoerentes e desconectados dos assuntos das postagens motivadoras² e até mesmo dos outros

¹ Fonte: Oficina da Net. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Último acesso em: 25 de fev. de 2019.

² Designamos o termo “postagem motivadora” para nomear as publicações iniciais, pois acreditamos que é a partir delas que as interações são motivadas, conforme, será especificado no capítulo 3.

comentários. Contudo, não concebemos essas produções como textos incoerentes entre si, pois, durante o processo interativo e criativo por meio de recursos verbais e tecnológicos, os usuários focalizam em seus comentários, explicitamente (cotextos) ou implicitamente (contextos), o que pretendem compartilhar com seus interlocutores.

Essas relações de cotexto e contexto, acopladas aos recursos tecnológicos, contribuem para responder à seguinte questão: Como é construída a coerência e a orientação argumentativa, em uma escrita produzida por muitos autores e organizada (hiper)textualmente, nos sistemas de comentários do Facebook?

Neste sentido, partimos da ideia de hipertexto como um tipo de escrita que interliga os diferentes modos de exprimir significados e isso nos permite pensar “que não há textos soltos no tempo e no espaço. Todos os escritos mantêm de alguma forma laços ainda que distantes entre si.” (XAVIER, 2013, p. 162). Assim, os comentários do Facebook mantêm vínculos, hiper e intertextuais, entre eles e com a postagem motivadora.

Investigamos, para isso, os processos referenciais e o tópico discursivo, em um processo inter e (hiper)textual com os recursos tecnológicos do Facebook³. Acreditamos que, no ambiente (hiper)textual, os comentários são construídos coerentemente e apontam para a orientação argumentativa pretendida por seus produtores. Conseqüentemente, a mobilização desses processos textuais, nestes espaços, possibilita a criação constante de novos comentários.

Com base no exposto, relacionamos os seguintes objetivos:

Geral

- Analisar como os usuários, do Facebook, constroem a coerência e a orientação argumentativa em seus comentários.

Específicos

³ Como por exemplo os *links*, os *RID's* (Recursos Imagéticos Digitais, Oliveira, 2019) e os botões de reações que serão elucidados ao longo da pesquisa.

- Descrever e analisar a função da referenciação e da topicalidade na construção da coerência (hiper)textual;
- Verificar a orientação argumentativa nos comentários.

Para o cumprimento dos objetivos, a pesquisa é fundamentada nos estudos da LT, de perspectiva sociocognitiva interacional, e nesse quadro, a coerência é concebida como uma construção de sentidos motivada pelos conhecimentos de língua, de textos e de mundo. Os autores de nossa base teórica são Marcuschi (1999; 2002; 2006; 2007; 2008) e Koch (2003; 2007; 2015).

Além deles, trazemos para nossas reflexões as contribuições de Mondada & Dubois (2003), Jubran et al. (1992; 2006); Lins (2006; 2008), Pinheiro (2006), Schnotz (2009), Storrer (2009), van Dijk (2012), Xavier (2013), Oliveira (2013), Cavalcante, (2014), Barton & Lee (2015), Galembeck (2017), Koch e Elias (2016), Cabral (2011; 2017), Elias e Cavalcante, (2017), Lins e Capistrano Jr. (2017), Carvalho (2018), Cavalcante et al. (2017;2019), Oliveira (2019), Capistrano et al (2019).

Sobre a construção da coerência, em ambientes (hiper)textuais, nossa pesquisa se pauta em estudos sobre a interação na *Web* com Jenkins (2006), Santaella (2013), Degano (2014), Recuero (2014, 2017), Barton & Lee (2015) e Paveau (2017). Os conceitos de gêneros partem de Bakhtin (1997) e de Marcuschi (2002) para chegar à visão de gêneros virtuais de Bonini (2011) e de comentário na *internet* com Oliveira (2013) e Paveau (2017).

Diante do que já é dito sobre coerência textual, surge a necessidade de desenvolver e de repensar modelos teórico-analíticos para o tratamento dos textos que aparecem nos ambientes da *internet*. Elias e Cavalcante (2017) afirmam que as inovações tecnológicas propiciam novas práticas de interação, numa convergência⁴ de linguagens e mídias.

Posto isto, na análise do *corpus*, verificamos como os processos referenciais e o tópico discursivo atuam na construção da coerência dos comentários do Facebook e

⁴ Usamos convergência tal qual o conceito abordado por Jenkins (2006), que será explicitado mais à frente.

como estabelecem a orientação argumentativa. Assim, para nosso estudo, selecionamos os comentários, a partir de duas postagens da página da UOL Notícias⁵.

Os dados foram coletados no mês de fevereiro de 2019, e a seleção das postagens foi feita pelo critério de quantidade de reação às postagens motivadoras *versus* o tempo de publicação, até o momento da coleta. Como pode ser visualizado, nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – Postagem motivadora 1

<i>Aluno é apreendido por furtar material de R\$ 8 e gera onda de doações em MG.</i>					
Data e hora da publicação		14 de fevereiro de 2019 às 09h55m.			
Data e hora da coleta		18 de fevereiro de 2019 às 11h33m.			
Número total de comentários: 791					
Compartilhamentos: 1,7 mil					
Reações: 11 mil					
Curtir: 5,7 mil	Haha: 36	Amei: 76	Grr: 156	Triste: 5,3 mil	Uau: 422

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 2 – Postagem motivadora 2

<i>Reação de pedido do MEC sobre hino tem memes, paródias e protestos.</i>					
Data e hora da publicação		27 de fevereiro de 2019 às 16h03m.			
Data e hora da coleta		28 de fevereiro de 2019 às 16h45m.			
Número total de comentários: 1,764 mil					
Compartilhamentos: 762					
Reações: 6,9 mil					
Curtir: 3,5 mil	Haha: 1,7 mil	Amei: 570	Grr: 417	Triste: 148	Uau: 70

Fonte: Elaborada pela autora.

A coleta de dados foi realizada por meio de *prints* (congelamento de imagens) das postagens e dos comentários, utilizando a rede social da pesquisadora para ter acesso à página do Facebook da UOL Notícias. Os comentários foram selecionados com a ferramenta “mais relevantes” ativada e, em seguida, foi utilizada a ferramenta

⁵ Os dados sobre a página UOL Notícias serão detalhados no decorrer da pesquisa.

“ver mais comentários”, para que se pudesse ter uma visão mais ampla das interações. Dessa forma, em relação ao total postado, tivemos acesso a uma quantidade de textos que consideramos suficientes para as análises.

Adotamos uma abordagem qualitativa, em que partimos de uma investigação do particular para o geral seguindo uma cadeia de raciocínio que leve a uma conclusão da construção da coerência e da orientação argumentativa, nos comentários. Para isso, consideramos os conjuntos de mensagens, constituídos pelas postagens motivadoras, pelos comentários e pelas respostas (comentário a comentário)⁶, em conformidade com a focalização e a relevância.

Analisamos, assim, a coerência e a orientação argumentativa em cada comentário, tendo em vista as seguintes categorias de análise:

- *Os processos referenciais*: os objetos de discurso (expressões nominais referenciais ou referentes imagéticos);
- *Os processos de instauração, de progressão e de expansão do tópico discursivo*;
- *Os processos de intertextualidade*, principalmente, no uso de *links*.

Em relação à organização, esta pesquisa está dividida em três capítulos, além desta introdução e da conclusão. O primeiro capítulo trata do mundo virtual dos comentários. Para essa finalidade ele é dividido em três seções: primeiramente uma breve apresentação da *internet* e da *Web*; em seguida abordamos as redes sociais e suas interações, com foco no Facebook e ao final deste capítulo apresentamos as concepções de comentário e de gênero textual, para o mundo virtual, que embasam esta pesquisa.

O segundo capítulo considera algumas definições teóricas sobre texto, contexto, hipertexto e coerência, observando como a referenciação e a topicalidade atuam na construção textual. Na segunda seção deste capítulo, delineamos perspectivas para a construção da coerência, no mundo virtual, embasada nas relações de

⁶ Consideramos que todos os comentários são reações a postagens anteriores, portanto, por motivos didáticos usaremos o termo « comentário a comentário “CC” » para as respostas aos comentários.

(hiper)textualidade, de intertextualidade e das convergências de fatores linguísticos e extralinguísticos.

O terceiro capítulo apresenta a contextualização do *corpus*, a apresentação das postagens motivadoras e dos comentários e finaliza com a realização das análises e com as discussões de dados.

Por fim, apresentamos as conclusões, a partir das constatações evidenciadas nas análises e nos estudos teóricos. Lançando, a partir dos resultados encontrados, reflexões para os estudos linguísticos contemporâneos.

CAPÍTULO 1

1. O MUNDO VIRTUAL DOS COMENTÁRIOS

Neste capítulo, na primeira parte, abordamos brevemente o surgimento da *internet*, do aparecimento da *Web* e das características da *Web 1.0* e *Web 2.0*, com as contribuições de Santaella (2013) e Paveau (2017). Na seção seguinte, tratamos das redes sociais com foco no Facebook e suas interações, na visão de Recuero (2014, 2017) e Barton & Lee (2015).

Na terceira e última seção deste capítulo, discorreremos sobre o conceito de gênero. Para isso partimos dos conceitos de gêneros de discurso de Bakhtin (1997) e de gêneros textuais de Marcuschi (2002)⁷. Para em seguida, discutir gênero textual na visão de Bonini (2011). Expomos o gênero comentário sob o ponto de vista da Análise do Discurso Digital⁸ que, para nossa pesquisa, contribui no sentido em que esse campo de conhecimento analisa as produções nativas da *internet* (PAVEAU, 2017) e na Análise da Conversação que cita os comentários da *internet* como uma “quase conversação”, ou seja, uma forma contígua de interação que liga um comentário a outro (OLIVEIRA, 2013).

1.1 INTERNET E WEB

A *internet* surge, durante a Guerra Fria, no final dos anos de 1960, com a finalidade de interligar computadores e facilitar a comunicação militar⁹, mas sua utilização vai muito além desse intento. Sendo que essa rede de computadores, desde sua criação,

⁷ Trazemos o pensamento de Bakhtin (1997) de gêneros de discurso, para demonstrar que as atividades humanas estão sempre ligadas ao uso da linguagem por meio de enunciados, no entanto compreendemos os comentários virtuais como eventos textuais dinâmicos e plásticos, assumindo para este estudo o termo gêneros textuais.

⁸ “A Análise do Discurso Digital consiste na descrição e na análise do funcionamento das produções linguageiras nativas da *internet*, e mais particularmente da *web 2.0*, em seus ambientes de produção, mobilizando os recursos linguísticos e não linguísticos das produções” (PAVEAU, 2017, p.27). Tradução, da autora, para: “*L’analyse du discours numérique consiste en la description et l’analyse du fonctionnement des productions langagières natives d’internet, et plus particulièrement du web 2.0, dans leurs environnements des production, en mobilisant à considération égale les ressources langagières et non langagières des énoncés élaborés*”.

⁹ Fonte: História da Internet. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-da-internet/>. Último acesso em: 07 de maio de 2019.

vem causando uma crescente evolução nos meios de comunicação e em vários aspectos da vida humana.

Nesse contexto, assinalamos que o constante desenvolvimento de tecnologias modifica a vida das pessoas, como: nos serviços e na comunicação (exemplo dos correios eletrônicos e da telefonia); no comércio (no comércio eletrônico compramos de tudo a qualquer hora); nos jogos (os jogos virtuais são cada vez mais reais e interativos) e, principalmente, nos compartilhamentos de arquivos, informações e conhecimentos. Sem dúvida foi a invenção da *internet*, a grande responsável pela veloz modificação das relações humanas. Paveau (2017) nos esclarece que

[...] a *Internet (Inter Network)*, surgida no final da década de 1960, é uma rede que conecta computadores entre si em todo o mundo, esta rede oferece vários serviços, compartilhamento de arquivos, mensagens instantâneas, telefonia, envio de e-mail e a *Web*. (PAVEAU, 2017, p.14, tradução nossa)¹⁰.

A partir de sua criação várias ferramentas vêm sendo, constantemente, desenvolvidas e modificadas e, na década de 90, presenciamos uma das maiores revoluções trazida pela *internet*: o aparecimento da “*World Wide Web*” (denominada *Web* ou *www*)¹¹. A *Web* é desenvolvida pelo cientista, físico e professor britânico Tim Berners-Lee e graças a esse desenvolvimento histórico, a *internet* se popularizou. Essa década ficou conhecida como o “*boom da internet*”, pois aumentou muito o número de participantes da rede de computadores e conseqüentemente das interações por meio eletrônico.

Com o aparecimento da *Web*, a forma de armazenar documentos e conectar informações e pessoas cresce de uma maneira grandiosa. Contudo, para chegarmos à qualidade de usuários ativos, como somos hoje em dia, o sistema de *Web* passou por algumas modificações.

Essa inovação surge, primeiramente, no formato de *Web* 1.0 por meio dos portais de informações e dos fóruns, nos quais os usuários absorvem dados, informações e

¹⁰ Tradução, da autora, para: “[...] rappelons qu’*Internet (Inter Network)*, apparu à la fin des années 1960, est un réseau que relie des ordinateurs entre eux au niveau mondial, ce réseau proposant plusieurs services, le partage de fichiers, la messagerie instantanée, la téléphonie, l’envoi de courrier électronique et le web.”

¹¹ *World Wide Web*: significa em língua portuguesa “*Rede de Alcance Mundial*”, também conhecida como *Web* ou *www*. É um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na *internet* que surgiu como um integrador de informações, dentro do qual a grande maioria das informações disponíveis na *internet* poderia ser acessada de forma mais simples e consistente em diferentes plataformas. Fonte Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/world-wide-web/>. Último acesso em: 28 de novembro de 2018.

conhecimentos, de fontes variadas, em um ambiente de leitura e compartilhamento de arquivos, em suma é um ambiente de interação não participativo. Paveau (2017) elucida que nesta fase contamos com uma *Web* estática e unilateral, que conecta e distribui as informações em um sistema *push*¹². A autora reforça que a *Web* foi inventada como um serviço,

[...] uma aplicação da *Internet* e não coincide com ela. Ela tem uma história marcada por evoluções estruturais que geralmente são marcadas por números: a *Web* 1.0 ou *Web* estática, implantada na década de 1990, conecta informações e é baseada no sistema "push" de distribuição de informações (é a *Web* dos portais de informação e dos fóruns) [...] (PAVEAU, 2017, p.14, tradução nossa)¹³.

A *Web* 1.0 contribuiu muito para o acesso à informação e na busca pelo conhecimento, mas ainda, de forma muito limitada, seja na tecnologia seja na possibilidade de comunicação. As ferramentas eram muito simples e não permitiam ao usuário as possibilidades de interação multilateral, que desfrutamos hoje em dia.

Na direção da evolução da *Web*, nos anos 2000, nasce a *Web* 2.0 que se caracteriza pela participação e interação dos usuários, sobretudo pelo fato que ela “[...] conecta pessoas e depende da interação multi-agente (esta é a *Web* das redes sociais e do compartilhamento de multimídia) [...]” (PAVEAU, 2017, p.15, tradução nossa)¹⁴.

O surgimento desse novo momento da *internet* transforma os espaços unilaterais de uma *Web* 1.0 estática para dar vez aos interesses e vontades dos usuários, através de uma fase participativa, a *Web* 2.0. Enquanto uma privilegia difundir a informação a outra procura compartilhar, de maneira muito mais dinâmica, as informações e conhecimentos da rede. Os serviços da *Web* 2.0 se tornam, cada vez mais, um meio

¹² A *tecnologia Push* é um sistema de distribuição de conteúdo da *Internet* em que a informação sai de um servidor para um cliente, com base em uma série de parâmetros estabelecidos pelo cliente, também chamado de "assinatura". Um usuário comum pode assinar vários tópicos de informação de um provedor de conteúdo e, a cada vez que uma nova atualização é gerada pelo servidor, essa atualização é "empurrada" para o computador do usuário, daí o nome ("push", em inglês, significa "empurrar"). Esta forma de distribuição de conteúdo é distinta do uso comum da *Web*, uma vez que nesse caso a informação é procurada pelo usuário em um servidor. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/TecnologiaPush>. Último acesso em: 28 de novembro de 2018.

¹³ Tradução, da autora, para: “[...] une application d’*Internet*, et ne coincide pas avec lui. Il a une histoire marquée par des évolutions structurelles que l’on balise habituellement par des chiffres : le web 1.0 ou web statique, déployé dans les années 1990, connecte des informations et repose sur le système « push » de distribution de l’information (c’est le web des portails d’informations et des forums) [...]”.

¹⁴ Tradução, da autora, para: “[...] connecte des personnes et repose sur l’interaction multi-agents (c’est le web des réseaux sociaux et du partage multimédiatique) [...]”.

social e participativo, principalmente pelo aparecimento das plataformas de redes sociais (*Orkut, Facebook, LinkedIn, Twitter*, entre outras).

Nessas redes, interesses, intenções, desejos e afetos, entre outras relações dos usuários são revelados em um processo incessante de compartilhamentos. Como discorre Santaella (2013), a partir da

[...] implantação das interfaces gráficas de usuário (*www*), na primeira metade dos anos 1990, quando a *internet* se tornou uma *internet* de pessoas, a evolução das redes tem sido meteórica e sua mira evolutiva tem crescentemente tomado a direção do usuário. (SANTAELLA, 2013, p. 20)

Consequentemente, a ideia de redes sociais virtuais aparece como uma maneira das pessoas se comunicarem e interagirem de forma muito mais rápida e efetiva. Essas inovações nascem e oferecem aos participantes uma atuação mais dinâmica das ações, já que é possível criar, editar, divulgar, comunicar e interagir de modo contínuo. Atualmente, é quase impossível pensar num mundo sem a *internet*. Seu uso criou uma necessidade humana de estarmos interligados praticamente o tempo todo.

Desse modo, as apresentações sobre *internet* e *Web* expostas até aqui nos interessam não só para tentarmos compreender as transformações sociais por meio de seus surgimentos e expansões, mas também para procurar entender a constante ação e interação dos sujeitos em práticas de leitura e escrita, nas redes sociais virtuais.

1.2 REDES SOCIAIS VIRTUAIS E INTERAÇÕES

A *internet* trouxe diversas transformações tecnológicas e sociais para as nossas vidas, e uma das mudanças mais importantes foi a possibilidade das pessoas se expressarem, interagirem e se comunicarem umas com as outras por meio de ferramentas do computador. Para Recuero (2014) o advento da *internet* trouxe diversas

[...] mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa, para este trabalho, é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. (RECUERO, 2014, p. 24).

Em consonância com essa visão, é no surgimento das redes sociais do ambiente da *Web 2.0* que as interações se ampliam e possibilitam o compartilhamento de todo tipo de informação a qualquer hora e em qualquer lugar do mundo. Essa nova forma de comunicação torna-se, a cada dia, mais usual, prática e natural.

Recuero (2014) afirma que, na *internet*, as redes sociais são formas de navegação que possibilitam a comunicação e interação a bilhões de pessoas, no mundo todo e para que esses intercâmbios ocorram são fundamentais dois elementos: as pessoas e as conexões. Em suma, para a autora, são os laços que os usuários constroem através das plataformas de redes sociais que propiciam a construção de uma rede social. A estudiosa apresenta a definição de rede como

[...] uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2014, p. 24).

Nesse sentido, uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: os *atores* (pessoas, instituições ou grupos) e suas *conexões* (interações ou laços sociais). Assim, todo tipo de perfil pode ser tomado como um “*nó*” da rede social e o surgimento de ferramentas mais complexas para as trocas sociais permitem que os sujeitos construam suas representações, por meio de perfis ou páginas, nos *sites* de redes sociais¹⁵.

Contudo, para criar uma rede social virtual é necessário não só construir um perfil, mas é imprescindível que os usuários cultivem as relações e os laços através da interação social, ou seja, a ação de um participante depende de uma troca interativa constante. Recuero (2014) esclarece que analisar a

[...] interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas. (RECUERO, 2014, p. 31).

As pessoas se relacionam em situações de trocas comunicativas constantes e, no caso das redes sociais virtuais, essas trocas se dão, principalmente, pela interação

¹⁵ Assumimos os termos “*sites* de redes sociais” ou “*plataformas*” para nos referirmos ao Facebook, pois como será desenvolvido ao longo da pesquisa entendemos o conceito de “*rede social*”, assim como Recuero (2014), de uma forma mais ampla.

nos comentários, entre os usuários. Tais trocas interativas refletem suas opiniões, pensamentos e gostos, por meio de diversos recursos textuais ou imagéticos proporcionados pela plataforma. As redes sociais são dinâmicas e estão em constantes transformações e na maioria das vezes, essas mudanças são pautadas nas necessidades interacionais de seus usuários.

Nesse sentido, a *internet* proporciona muitas ferramentas de comunicação com características específicas para os processos interativos. No caso do ambiente virtual do Facebook, a plataforma proporciona para seus usuários um espaço interativo em constante desenvolvimento evidenciado por uma escrita em fluxo, com o uso de vários recursos tecnológicos, como imagens, sons, vídeos e, principalmente, os *RID's*. Em conformidade com Oliveira (2019), as pessoas

[...] com o avanço tecnológico, passam a utilizar os recursos imagéticos digitais, como os emoticons, *emojis*, *stickers*, gifs e memes, que são símbolos que podem exprimir emoções, sensações e representam expressões faciais e modalizações nas interações virtuais, a fim de refutar ou ratificar algum posicionamento argumentativo (OLIVEIRA, 2019, p. 23).

Nessa perspectiva, as pessoas se conectam pela palavra escrita, mas sobretudo usam o dinamismo das redes sociais virtuais para alterar os padrões tradicionais da escrita. Recuero (2014) afirma que as redes não são elementos estáticos e que esse dinamismo tende a mostrar como os comportamentos humanos, nos ambientes da *internet*, podem impactar uma estrutura social, nos quais as pessoas se adaptam e formam novos padrões de interação e de sociabilidade no ciberespaço. No Facebook, esses padrões são nascidos da apropriação de ferramentas, que o ambiente proporciona, e a manutenção e evolução se dão pelas interações constantes entre seus usuários.

Além disso, o aumento surpreendente do uso das redes sociais se deu em grande parte ao crescente número de dispositivos conectados às redes de *internet*, possibilitando a presença *online* e a participação veloz e quase ininterrupta de seus usuários. No geral, essa participação permite que os usuários compartilhem suas experiências cotidianas, por meio de diversos recursos tecnológicos¹⁶ e gêneros

¹⁶ O uso dos botões de reações faz parte da participação, como veremos à frente. Dar um *like* é uma forma de participação.

textuais, mas é principalmente pelo sistema de comentários que essa participação fica mais intensa.

A noção de rede social apresentada, nesta seção, nos interessa para compreender que “é preciso diferenciar as redes sociais dos *sites* de rede social” (RECUERO, 2017, p. 21), como vemos, a seguir, no caso da plataforma Facebook.

1.2.1 O Facebook

Assim como a *internet* surge para conectar uma rede de máquinas, o Facebook nasce para ligar pessoas e sustentar suas relações sociais. Ele se constitui em uma ferramenta social digital, isto é, um *site* que conecta pessoas. Recuero (2014) defende que *sites* de redes sociais foram definidos como

[...] aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os *sites* de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador. (RECUERO, 2014, p. 102)

Na visão da autora, podemos classificar o Facebook como um *software*, isto é, um sistema, uma ferramenta da comunicação mediada pelo computador que serve para conectar pessoas e proporcionar formas de interação. Recuero (2017) assegura que

[...] o Facebook, por si só, não apresenta redes sociais. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de desvelar redes que existem ou que estão baseadas em estruturas sociais construídas por essas pessoas (muitas vezes, de modo diferente daquele previsto pela própria ferramenta). Uma vez que passem a usar o Facebook, os atores criarão ali redes sociais que passarão a ser exibidas por ele. (RECUERO, 2017, p. 22)

Por mais que as pessoas estejam acostumadas a designar o Facebook como “a *rede social Facebook*”, ele não é um sinônimo de rede social, pois reconhecemos que é a manutenção ativa das interações dos usuários que constitui o elemento fundamental para a existência de uma rede social. O sistema funciona, apenas, como um meio para a existência das relações sociais de seus participantes e não como a rede social em si, pois embora os *sites* de redes sociais

[...] atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São

os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. (RECUERO, 2014, p. 103)

Nesta perspectiva, entendemos o Facebook como um sistema que promove aos seus usuários, informações, formas de interação e sustenta as muitas relações sociais que são criadas, principalmente, por meio das postagens e dos comentários. Para conhecermos, um pouco mais, deste *site*, tratamos a seguir de sua criação e das transformações sofridas, ao longo do tempo.

Em fevereiro de 2004, surge o *site* Facebook, criado por Mark Zuckerberg e mais três amigos, no entanto, a ideia da invenção de um *site* que conectasse as pessoas já vinha sendo esboçada. A história do Facebook¹⁷ começa quando o americano inventa um *site* chamado *FaceMash* cuja intenção era comparar fotos de universitárias e escolher as mais bonitas. A invenção foi um sucesso entre os estudantes, mas a universidade não gostou muito do intento, por utilizarem dados da instituição sem autorização. O *site* saiu do ar e um ano depois Zuckerberg implanta o *The Facebook* como um diretório onde você cria um perfil e em seguida adiciona fotos e amigos, com o objetivo de um conferir as informações do outro. O intuito era oferecer um sistema para interligar os estudantes de sua universidade. No início era só isso e foi um sucesso. Dois anos depois, o *site* foi disponibilizado para o público geral e daí em diante a rede de participantes só cresceu e se modificou.

Segundo Barton & Lee (2015), as funcionalidades e *layouts* do Facebook se transformaram e foram redesenhadas ao longo do tempo, a fim de atrair cada vez mais os usuários. Contudo, os autores ressaltam que na visão de uma geração de pessoas que estão nascendo e crescendo com as mídias digitais, tudo isso se torna rotineiro. Na verdade, muitas tecnologias são consideradas, pelos jovens, como desatualizadas devido ao constante avanço tecnológico. Desse modo, percebemos que os espaços de interações e de escrita, do Facebook, sempre foram preservados, tanto nas atualizações de *status*, quanto nos recursos de comentários, contudo, o *site* está sempre procurando se atualizar e melhorar a experiência do usuário.

Um exemplo dessa evolução foi o lançamento, em 2009, do mais famoso recurso da mídia: o botão “*curtir*”, a fim de reagir a todo tipo de discussão, mas só ele não foi

¹⁷ Fonte: Tecmundo. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/132485-historia-facebook-maior-rede-social-domundo-video.htm>. Último acesso em: 16 de maio de 2019.

capaz de dar conta de distinguir e transmitir as emoções dos usuários, e por muitas vezes ocorriam dificuldades e enganos na comunicação. De tal modo, em 2016, vemos este recurso se ampliar com os botões de reações: “*amei*”, “*haha*”, “*uau*”, “*triste*” e “*grr*”, a fim de marcar uma emoção mais apropriada para as interações do *site*, conforme visualização da figura 01.

Figura 01: Botões de reações utilizados no Facebook.



Fonte: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/02/facebook-libera-cinco-novos-botoes-alternativos-ao-curtir.html>. Acesso em 18 jun. 2019.

A criação dos cinco botões veio como uma alternativa para expandir o processo interacional, pois, quando a interação é feita com um desses botões, a opinião fica registrada evidenciando a orientação argumentativa do usuário. Eles são compostos por *emojis*, que expressam diferentes sentimentos com um incrível poder de síntese. Oliveira (2019) esclarece que “o significado desses novos *emojis* contribui para o processo interacional, uma vez que expressam diferentes relações para cada situação. A autora traz as seguintes definições: o botão

[...] “*amei*” é usado para demonstrar muita felicidade e também concordar com o *post*. Já o “*haha*” demonstra que a postagem foi engraçada, substituindo muitas vezes os comentários “*kkkk*” e “*rsrsrs*”, também pode ser usado para expressar ironia e sarcasmo. O botão “*uau*” é utilizado para situações surpreendentes, podendo ser boas ou ruins. A opção “*triste*” pode ser usada em postagens com conteúdo “*desalegres*”, tais como morte de um familiar, mas também é utilizado como forma de desaprovação de algum *post*. E por último, o “*grr*” demonstra raiva e total desaprovação da postagem publicada. (OLIVEIRA, 2019, p. 45)

Outra atualização recente do Facebook foi a atribuição do recurso de “*selos*” aos seguidores fiéis das páginas. Desse modo, pode aparecer ao lado do nome do usuário a qualificação de “*superfã*”¹⁸, evidenciando o alto grau de participação que a pessoa tem com a página¹⁹, o que ratifica a interação constante da pessoa com aquele local.

¹⁸ Fonte: Olhar digital. Disponível em: https://olhardigital.com.br/dicas_e_tutoriais/noticia/o-que-e-ser-superfa-do-facebook-e-como-se-tornar-um/84948. Último acesso em 11 de julho de 2019.

¹⁹ As páginas são locais no Facebook que artistas, figuras públicas, empresas, marcas, organizações e ONGs usam para se conectar com fãs ou clientes. Quando uma pessoa curte ou segue uma página no Facebook, ela começa a ver as atualizações dessa página no Feed de Notícias. Diferente de um perfil que é um local no Facebook que você cria e pode compartilhar informações sobre si mesmo e de seus interesses, como: fotos, vídeos, cidade atual, cidade natal, etc... Fonte: Facebook Central

Nessa dinâmica, os usuários das páginas, a fim de revelar suas participações e posicionamentos, lançam mão, de forma muito espontânea, de recursos verbais e imagéticos (*links*, *emojis*, memes, *gifs*, entre outros), presentes na plataforma, os quais sempre estão se atualizando.

Apesar das atualizações, o espaço de escrita fundamental no Facebook são os comentários os quais sempre foram preservados e cada vez mais dão espaço e possibilidades para as pessoas apresentarem suas ideias e debaterem seus posicionamentos. Barton & Lee (2015, p. 59) esclarecem que, no Facebook, ocorre uma série de formas de interações, mas que o recurso de comentários é um dos mais significativos e funciona “como um *site* para mini fóruns de discussão” e o consideram como um dos melhores representantes da cultura da convergência²⁰. Assim, os autores trazem os comentários do Facebook como textos produzidos em fluxo, em um espaço interativo e de constante evolução.

Nestes ambientes, os usuários unem a escrita ao dinamismo dos conteúdos virtuais e os textos são criados não só de maneira (hiper)textual (uso de imagens estáticas ou não, sons, vídeos, entre outros recursos tecnológicos), mas também intertextual (conexões com diferentes textos e recursos). “Os usuários podem facilmente se conectar a *sites* externos, por exemplo, um artigo de jornal, clicando no botão ‘curtir’. Isto imediatamente cria conexões intertextuais entre textos e os recursos disponíveis *online*” (BARTON & LEE, 2015, p. 59).

Por essas e outras razões, nos últimos anos, o Facebook chegou a ser o *site* de comunicação de maior popularidade, no Brasil e no mundo. No entanto, dados recentes revelam que o Facebook perdeu muitos usuários²¹, entre eles um grande número de brasileiros. Essa queda se deu, principalmente, pela expansão do

de ajuda. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/337881706729661>. Último acesso em: 20 de fev. de 2020.

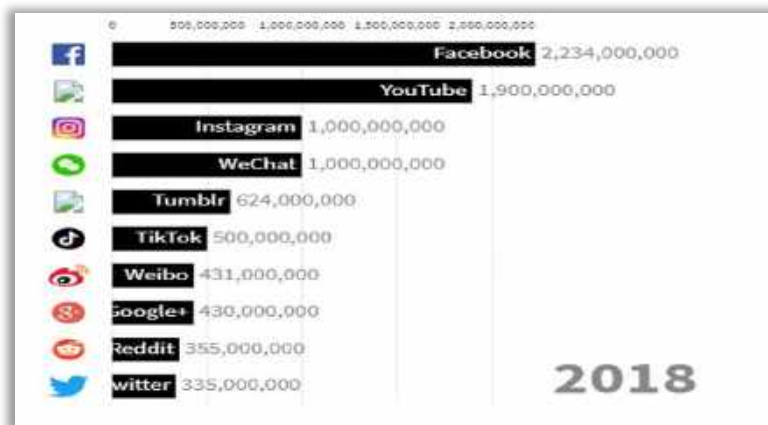
²⁰ *A cultura da convergência* é um conceito abordado no livro de Henry Jenkins (2006) que traz esse mesmo título. Para Henry, as formas de comunicação tendem cada vez mais a convergirem para um único meio. Segundo o autor, todas as principais mídias estão sendo influenciadas pela *internet* como uma forma de adaptação às transformações culturais, sociais e mercadológicas. Fonte: Internet Innovation. Disponível em: <https://www.internetinnovation.com.br/blog/entenda-o-conceito-de-transmidia-e-a-cultura-da-convergencia/> Último acesso em: 29 de nov. de 2018.

²¹ Fonte: UOL Notícias: Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/04/10/porque-o-facebook-esta-perdendo-usuarios.htm>. Último acesso em: 16 de maio de 2019.

aplicativo de mensagem “WhatsApp”²² que atraiu os usuários mais jovens, como também pelo desgaste de sua imagem , nos últimos anos, pela disseminação de “Fake News”²³ e pelas acusações de vazamento de dados de seus usuários, acarretando uma ameaça para privacidade das pessoas.

Embora muita gente tenha apagado seus perfis ou trocado por concorrentes e mesmo com o crescimento de outras mídias sociais e todos os percalços, o Facebook continua com o título de “maior rede social” do mundo. O *site* se mantém no topo dos ambientes virtuais preferidos pelos usuários de redes sociais, que procuram um espaço de discussões e debate de ideias, na *internet*. No final de 2018, ele alcançou a marca de mais de dois bilhões de usuários e ficou em primeiro lugar, entre as redes com mais de um bilhão de usuários ativos. Esses dados podem ser verificados, na figura, a seguir.

Figura 02: As quatro redes com 1 bilhão de usuários ativos em 2018.



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/06/grafico-animado-mostra-as-redes-sociais-mais-populares-de-todos-os-tempos.ghtml>. Acesso em: 17 jun. de 2019.

Até o momento, o Facebook continua sendo o maior *site* de rede social, no Brasil e no mundo, e por isso, o consideramos como um instrumento significativo para analisar

²² O WhatsApp foi fundado em 2009, nos Estados Unidos, por Brian Acton e Jan Koum. Nascido como uma alternativa para as mensagens via SMS, o aplicativo se consagrou em todo o mundo como uma das plataformas de comunicação mais populares entre os usuários. Em fevereiro de 2014, ele foi comprado pelo Facebook, mas continua operando como um *app* independente. Fonte: CanalTech. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/whatsapp/>. Último acesso em: 12 jul. de 2019.

²³ Fake News são notícias falsas divulgadas com a intenção de incitar as pessoas a terem determinados comportamentos, influenciar decisões, provocar revolta, entre outros. Na maior parte das vezes elas são compartilhadas nas redes sociais. Fonte: TodaMatéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/fake-news/>. Último acesso em: 18 jul. de 2019.

as interações da *internet* e como as pessoas organizam seus textos, nestes ambientes.

Todas nossas interações são manifestadas por meio de gêneros textuais, no mundo virtual isso não é diferente, pois a maioria dos gêneros utilizados, nestes ambientes, são conhecidos dos ambientes tradicionais. No entanto, eles migram e se transformam no ambiente virtual. Tratamos essa questão, a seguir.

1.3 GÊNEROS TEXTUAIS NA *WEB*

Levando em conta as inúmeras possibilidades de relações humanas promovidas pelas redes sociais virtuais, não podemos deixar de retomar o pensamento de Bakhtin (1997) de que as atividades humanas estão ligadas ao uso da linguagem, por meio de enunciados, específicos e relativamente estáveis, denominados como gêneros do discurso. Seguindo o pensamento do autor sobre os gêneros do discurso, partimos da ideia de recriação e transmutação desses gêneros, para entender os gêneros que circulam no ambiente virtual, uma vez que a riqueza e a

[...] variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 158)

Nessa noção, a variedade de gêneros aumenta, à medida que as atividades humanas vão se desenvolvendo. Na direção da transformação dos gêneros, Marcuschi (2002) apresenta a ideia dos gêneros textuais como ferramentas não estanques e que esta mudança é fundamentada na ação criativa de seus usuários. Ele caracteriza os gêneros textuais como

[...] eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2002, p. 19)

O autor compreende os gêneros como eventos textuais dinâmicos e plásticos a partir de uma necessidade sociocultural das relações com as inovações tecnológicas. O mundo virtual coloca à disposição das pessoas possibilidades de interações muito inovadoras, no entanto, é por meio dos textos que essas interações se concretizam.

Posto isto, um gênero é caracterizado por uma organização composicional com certos atributos linguísticos que o distingue e sua identificação, no mundo virtual, pressupõe o reconhecimento não só pela sua organização composicional, mas de uma forma mais ampla, como buscamos demonstrar a seguir.

1.3.1 Gênero, mídia e suporte

Para a noção de gênero de uma forma mais ampla, recorreremos ao conceito de Bonini (2011) que entende o gênero como uma unidade da interação que se organiza, num modo peculiar de recepção e produção. Segundo o autor, “não se entende mais que o gênero exista fora de relações, e os estudiosos constroem conceitos que procuram mapear essas relações, de modo que a questão do contexto passou a ser um ponto central nesse debate” (BONINI, 2011, p. 680).

As interações, no espaço virtual, acontecem numa velocidade impressionante e assim gêneros já estabelecidos são reproduzidos e adaptados, para esses ambientes. Nesse sentido, o ambiente de circulação se torna extremamente importante na compreensão dos textos que ali aparecem. Pensar nos gêneros textuais em ambientes, como os das redes sociais virtuais, requer admitir que eles apresentam alguns elementos composicionais prototípicos, mas que se transformam e se ampliam, conforme as necessidades do meio de circulação.

Para Bonini (2011), o gênero , como é o exemplo dos comentários, é a unidade de interação que circula em um ambiente virtual, como também as notícias, as manchetes, os anúncios, as notas, entre outros gêneros estabelecidos que aparecem o tempo todo, dentro de uma mídia que os transformam e os ampliam.

Desta maneira o autor traz a mídia como o elemento-chave para esse movimento e, desta forma, o Facebook e outros *sites*, contextualizam e determinam as coordenadas de cada gênero, durante as interações. Ele afirma, ainda, que tudo isso é contextualizado de acordo com o suporte a qual esse gênero é veiculado.

O elemento suporte é entendido, por Bonini (2011), como o componente material de uma mídia, por exemplo, um computador ou um *smartphone* e todos os acessórios materiais que os compõem. Em suma, ele trata os termos: gênero, mídia e suporte, da seguinte maneira:

- a) gênero – unidade da interação linguageira que se caracteriza por uma organização composicional, um modo característico de recepção e um modo característico de produção. Pode ser de natureza verbal, imagética, gestual, etc. Como unidade, equivale ao enunciado bakhtiniano;
- b) mídia – tecnologia de mediação da interação linguageira e, portanto, do gênero como unidade dessa interação. Cada mídia como tecnologia de mediação, pode ser identificada pelo modo como caracteristicamente é organizada, produzida e recebida e pelos suportes que a constituem; e
- c) suporte – elemento material (de registro, armazenamento e transmissão de informação) que intervém na concretização dos três aspectos caracterizadores de uma mídia (suas formas de organização, produção e recepção) (BONINI, 2011, p. 688).

Neste contexto, o Facebook permite a interação entre seus usuários e, como tecnologia de intermédio (mídia), ele ajusta a unidade de interação (o gênero) para determinado contexto e o suporte pode influenciar o modo como o usuário interage, como veremos à frente. Bonini (2011) traz o suporte como um elemento material que concretiza a organização, a produção, a recepção e a visualização de uma mídia, para que ocorra a interação dos usuários, por meio de um gênero.

Considerando a página do Facebook em dois suportes distintos notamos que, de acordo com o dispositivo escolhido para acessar o *site*, os usuários encontram os conteúdos em formatos diferentes. A figura, a seguir, apresenta o formato e a organização de uma mídia a partir de um computador, e em seguida, com a finalidade de comparação temos a apresentação em um *smartphone*.

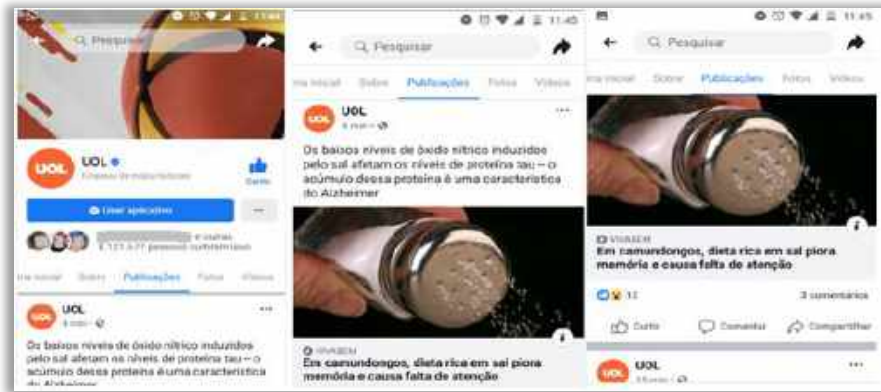
Figura 03 – Visualização da página da UOL Notícias, no computador.



Fonte: Página inicial da UOL Notícias do Facebook da autora [coletada em 20 de fevereiro de 2019, às 21 horas e 06 minutos]

No computador, a apresentação da página do Facebook é praticamente completa, temos uma visão ampla. A leitura e os acessos de interação são facilitados. Já, em um *smartphone* essa visão se reduz e sua organização é diferente. Como constatamos, na figura 4.

Figura 04 – Visualização da página da UOL Notícias, no *smartphone*.



Fonte: Página inicial da UOL Notícias do Facebook da autora [coletada em 26 de outubro de 2019, às 11 horas e 45 minutos]

A figura 4 é composta por três *prints*, pois foi necessário “rolar” a página algumas vezes, para se ter acesso a leitura e a visualização completa da postagem até chegar à seção de comentários. Essas ações podem favorecer uma interação diferente daquela que se tem da apresentação completa da postagem, já em um primeiro contato. Isso impacta não só na organização de uma mídia, mas também na recepção, na visualização e, principalmente, na produção dos comentários de uma rede social virtual.

Essas informações nos interessam, sobretudo, para entendermos que dependendo da forma de acesso dos usuários os comentários podem ter características diferentes. No entanto, não nos aprofundaremos nesses aspectos, uma vez que os comentários de nossa pesquisa foram selecionados somente no suporte computador.

Bonini (2011) considera que pelo dinamismo da mídia e pelo modo de circulação dos gêneros, no ambiente da *internet*, os diferentes gêneros textuais se imbricam, dando margem para construção de outros textos e até para agrupamentos de gêneros em uma unidade maior que é denominada, pelo autor, como hipergênero. O autor diz que a *internet* se organiza e funciona

[...] basicamente por meio de hipergêneros: *sites* de busca, *sites* institucionais, dicionários e enciclopédias, páginas pessoais, blogs, etc. Em

todos eles, podem ser introduzidas outras mídias: vídeo, e-mail, arquivo (pdf, doc, ppt, entre outros), chat, fórum, programa de conversação instantânea (p. ex., MSN), fotografia, áudio, etc. Algumas dessas mídias compõem-se de um único gênero componente: o chat e o fórum, por exemplo. O e-mail, por sua vez, corresponde a um gênero específico, mas, como mídia, permite a circulação de diversos outros gêneros e mídias. Ou seja, nós interagimos mediante gêneros e hipergêneros no contexto imediato de mídias que, por vezes, aparecem encadeadas (BONINI, 2011, p. 700).

Cada perfil ou página²⁴ do Facebook podem ser entendidas como hipergêneros, isto é, um espaço onde circulam diversos gêneros, inclusive os comentários. Além disso, suas organizações possibilitam a ação interativa e (hiper)textual por *links* que dão acessos a outros gêneros (mapas, mensagens, notícias, notas, fotos, anúncios, vídeos, etc...). Para Elias e Cavalcante (2017), os comentários, no ambiente virtual, são produzidos em um movimento envolvendo gêneros textuais distintos, isto é, a poligenericidade.

A *internet* da *Web 2.0*, com as incessantes possibilidades de interações, principalmente por meio dos comentários, dá lugar a voz de qualquer usuário que pretenda deixar sua marca, em relação ao que é postado. De tal modo, esses espaços, por meio dos recursos da mídia, comportam diferentes participações/práticas sociais na construção de novos textos. Assim tratamos a seguir como esses comentários são vistos e produzidos.

1.3.2 Comentário virtual e suas interações

Entre as formas textuais da *internet*, os comentários aparecem como os mais frequentes e numerosos. Eles estão presentes em quase todos os meios: *blogs*, *sites* comerciais, *sites* de notícias entre outros espaços virtuais (OLIVEIRA, 2013). Pesquisas apontam que, em 2019, mais de um bilhão de pessoas usaram o Facebook diariamente²⁵, sendo que a maioria delas utilizou o recurso de comentários para marcar a participação na rede. Percebemos, assim, a grandeza da circulação destes textos, no mundo virtual.

Os comentários estão cada vez mais presentes, na vida das pessoas, e desde que a *internet* se popularizou, os *sites* de redes sociais são vistos como os novos espaços

²⁴ Ressaltamos que perfil e página do Facebook são organizados com características e funções diferentes, conforme exposto, anteriormente. Para nós interessa a organização de páginas.

²⁵ Fonte: UOL Notícias: Disponível em: <https://olhardigital.com.br/noticia/13-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-o-facebook/42911>. Último acesso em: 21 de maio de 2019.

de interação que vêm ligando pessoas (RECUERO, 2014). Nesse contexto, e com a expansão das redes sociais, os comentários evidenciam uma crescente ação/interação dos usuários nas práticas de leitura e escrita (BARTON & LEE, 2015).

Para Paveau (2017), o gênero comentário é uma antiga forma textual de compartilhar ideias e opiniões que evoluiu através dos tempos e ganhou novas funções na *internet*. Originalmente, o comentário se constituiu como um gênero textual que apresentava um juízo de valor sobre algo ou alguém (cinema, dança, literatura, vida dos famosos, política, esporte, etc...) e era, comumente, encontrado, em jornais ou revistas, na maioria das vezes, era só isso.

Na *internet*, esse gênero textual se transforma, amplia suas possibilidades e ganha novas características e funções. Segundo Paveau (2017) ele se caracteriza como um *tecnodiscurso*²⁶, ou seja, passa a ser uma escrita digital, pois é produzido com a ajuda de vários elementos tecnológicos. Suas funções, também, são ampliadas, muitas vezes, os usuários estabelecem verdadeiros debates de opiniões e vão muito além do ato de comentar.

Dentre as novas funções dessa escrita digital, Joseph Reagle (2015)²⁷ indica que os comentários na *internet* podem informar, aprimorar, manipular, alienar, assustar e até mesmo, moldar as pessoas. Segundo o autor, os comentários podem afetar a autoestima e a identidade das pessoas (para o bem ou para o mal). Mas, ao mesmo tempo, eles contribuem para termos uma imagem da comunicação contemporânea e que a maioria dos usuários utiliza os comentários para marcar sua participação nas redes.

²⁶ Para “*tecnodiscursivo*” a autora busca “o sentido de composições neológicas com o elemento *tecno-*, implantando no trabalho da análise do discurso digital para dar conta de uma evolução necessária: falar de tecnodiscursos, de tecnopalavra, de tecnosigno, de tecnogênero de discurso e de tecnografismo, é incluir na análise uma opção teórica que modifique o “conhecimento” convencional das ciências da linguagem” (PAVEAU, 2017, p.11). Tradução para: “*C’est le sens des termes néologiques composés avec l’élément techno-, employés dans le travail de l’analyse du discours numérique pour rendre compte d’une évolution théorique nécessaire : parler de technodiscours, de technomot, de technosigne, de technogène de discours et de technographisme, c’est inscrire dans l’analyse une option théorique qui modifie l’ épistémé mainstream des sciences du langage*”.

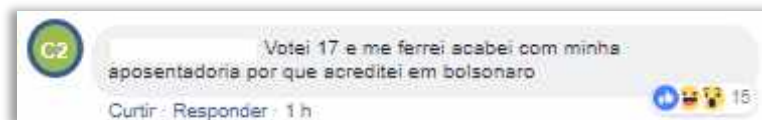
²⁷ No livro “*Reading the comments*” do professor e pesquisador, Joseph Reagle, da Northeastern University, nos EUA (<https://reagle.org/joseph/>). Fonte: “Por que queremos comentar tudo na internet. Disponível em: <https://terranova.cv/index.php/rubrica/107-saber-mais/6698-por-que-queremos-comentar-tudo-na-internet>. Acesso em 20 de dezembro de 2019.

O comentário virtual, ainda segundo Paveau (2017) é um gênero renovado pela *internet*, com uma escrita rápida, geralmente sucinta, mas com compartilhamentos de ideias muito mais ágeis e mais complexas do que as escritas em suportes físicos tradicionais. Pouco se escreve no papel e muito nas telas; o lápis e caneta são trocados pelo teclado e pelo “*touch screen*”, o que aumenta, cada vez mais, a velocidade e a quantidade de produção dos comentários. Em suma, a autora denomina os comentários virtuais como uma das formas *tecnodiscursivas* mais utilizadas da *Web 2.0*.

Em tempos de redes sociais, é indiscutível o aumento da quantidade de comentários, no entanto, nem sempre esses textos podem ser classificados como rápidos e sucintos. Eles podem ter poucas palavras ou apenas um recurso tecnológico e serem postados *online* (síncrona), mas também podem ser mais pensados, mais elaborados e extensos, serem produzidos *offline* (assíncronos) e postados depois de um tempo.

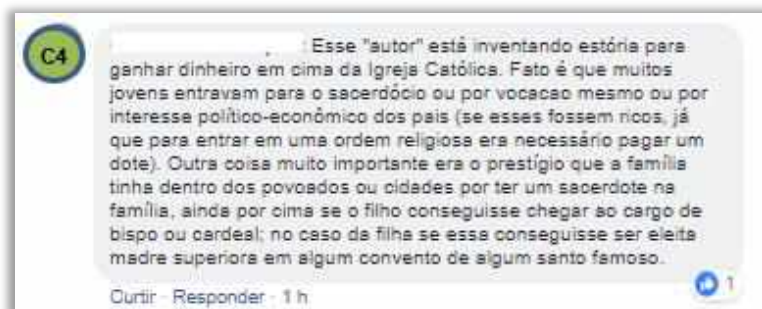
Barton & Lee (2015, p. 237) asseguram que “a demolição da dicotomia *online-offline* também é evidente em práticas linguísticas do dia a dia, pois as pessoas levam a vida entrelaçando recursos *online* e *offline*”. Para os autores, essa dicotomia só faz sentido numa construção contínua da língua, isto é, a linguagem da *internet* transita entre os domínios *online* e *offline* da vida. Assim sendo, os usuários nem sempre constroem comentários curtos e instantâneos. Conforme, exemplos a seguir:

Figura 05 - Comentário do Facebook - Exemplo 01



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora [coletada em 21 de fevereiro de 2019, às 15 horas e 26 minutos]

Figura 06 - Comentário do Facebook - Exemplo 02



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora [coletada em 21 de fevereiro de 2019, às 15 horas e 26 minutos]

Os participantes de uma rede social, de uma forma ou de outra, produzem seus textos, baseados em experiências e conhecimentos de mundo, mas é, geralmente, a partir da leitura de um texto primeiro que os usuários começam seus comentários. Dessa forma, podemos dizer que os comentários são produzidos a partir de uma intenção comunicativa e de um texto primeiro. No Facebook, eles nascem a partir de uma postagem motivadora.

Figura 07– Exemplo de postagem motivadora



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
[coletada em 21 de fevereiro de 2019, às 14 horas e 33 minutos]

Os usuários do Facebook, antes de lançarem suas ideias e opiniões, no comentários, têm a possibilidade do contato com a postagem motivadora, mas é na relação entre os usuários (outros comentários) e a mídia que esse gênero se desenvolve e convida cada um a interagir (curtir/reagir, comentar ou compartilhar), da maneira e no tempo desejado.

Nesta intensa atividade interacional, outros textos e recursos (vídeos, fotos, gráficos, pesquisas, notícias, entre outros) que circulam na *internet* podem ser acessados pelos usuários. Isso possibilita que os comentários, no espaço virtual, sejam construídos por meio de elementos verbais, imagéticos e sonoros, disponibilizados pelos recursos tecnológicos do *site*, mas também por características (hiper)textuais (ELIAS e CAVALCANTE, 2017). A construção de comentários é atrelada a um universo de ações tecnológicas e interativas colocadas à disposição dos usuários.

No que diz respeito a interação, notamos outra característica fundamental dos comentários em ambiente virtual: o modo contíguo da interação. Esses espaços abrem um canal de convívio tão próximo entre seus usuários que em alguns casos os comentários parecem diálogos. Em estudos sobre blogs potencialmente conversacionais, Oliveira (2013) investiga a dinâmica interacional nos espaços destinados a comentários e relaciona alguns comentários que refletem padrões de interações face a face.

Para a autora, as trocas interacionais dos comentários *online* apresentam semelhanças ao da conversação casual, pois apesar dos comentários na *internet* serem publicados de forma escrita eles atuam como complementação de outros comentários. Contudo, ela conclui que a ligação desses comentários não pode ser trabalhada com base na teoria da Análise da Conversação, já que nos comentários pode se verificar, por exemplo, a falta de “uma identidade temporal”, apontada pelas distâncias temporais e pela publicação de comentários ao mesmo tempo. Condições não esperadas em uma conversação genuína.

Dessa forma, Oliveira (2013) considera os comentários da *internet* como uma “quase conversação”, denominação que adotamos para esse tipo de interação, nos comentários. Na verdade, os usuários do mundo virtual estão, cada vez mais, mudando a relação entre conversa, leitura e escrita, construindo seus textos em uma mistura de fala e escrita. Barros (2017) considera que muitos fenômenos que eram exclusivos da fala

[...] como pausas, hesitações, truncamentos, falsos começos, por exemplo, que levam a incompletudes sintáticas, anacolutos, redundâncias, etc. (embora a interação virtual esteja colocando uma série de desafios aos analistas). De modo geral, há também interesses diversos, mais voltados para as análises dos processos interacionais mobilizados nas diversas

atividades de interação social ou mais voltados para o estudo de estratégias atualizadas no processamento textual. (BARROS, 2017, p. 328)

A vida contemporânea está mudando a forma como as pessoas lidam com a linguagem e as práticas comunicativas. Os comentários do Facebook motivam novos comentários, podendo o assunto ser retomado em qualquer tempo, inclusive, por outros participantes que não estavam na interação inicial.

Neste complexo processo interacional, os usuários conduzem os comentários como uma espécie de polílogos²⁸ (MARCOCCIA, 2004), isto é, não acontecem polílogos originais, mas sim pequenos blocos de conversação poligeridas que falam ou não dos mesmos assuntos, numa espécie de expansão tópica. Nesse sentido as interações, também, são poliautorais. Capistrano Junior et al. (2019) sugerem que

[...] os tópicos instaurados nos comentários se afastem da postagem iniciadora, ramificando-se em uma “conversa paralela”. Assim, em decorrência das interações poligeridas, Marcoccia (2004) diz que o surgimento de múltiplas conversas paralelas pode envolver subgrupos de usuários que participam de apenas uma das várias conversas e/ou envolver usuários que participam de várias conversas, repercutindo na dinâmica das interações e, conseqüentemente, no gerenciamento do(s) tópico(s) instaurado(s). (CAPISTRANO JUNIOR et al, 2019, p.176).

Essa visão apresenta um conjunto de possibilidades para ampliar e expandir o tópico discursivo e sua forma de análise. Essa interatividade do ambiente virtual vem apresentando transformações na formação dos textos, desde a sua composição até como seu sentido é estabelecido, assim como a coerência é construída, em um ambiente de interação, cooperação, conexões e compartilhamentos, características da *Web 2.0*.

Todas essas ligações dos comentários virtuais nos levam a ampliar a ideia de uma coerência dos textos tradicionais para um estudo da compreensão da coerência, dos textos produzidos no espaço digital. Para isso, levamos em conta os recursos textuais e imagéticos que propiciam as conexões entre os textos para que os vínculos, sejam percebidos pelo cotexto e pelos contextos (CAVALCANTE, 2014), no campo intertextual e (hiper)textual.

²⁸ Um polílogos original é a capacidade para discorrer sobre muitos assuntos diferentes. Fonte dicionário Priberam. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/polilogia>>. Último acesso em: 20 de fev. de 2020.

Nesta direção, as informações sobre redes sociais, interações e comentários referem-se, principalmente, à maneira como as pessoas lidam com a tecnologia em ações interacionais, no ambiente virtual. Dessa maneira, em uma tentativa de tecer uma análise da coerência e da orientação argumentativa nos comentários do Facebook, versamos, no capítulo a seguir, sobre o que é dito da coerência textual, nas mídias tradicionais, para em seguida procurar adaptações para o espaço das novas mídias da *internet*.

CAPÍTULO 2

2. COERÊNCIA (HIPER)TEXTUAL: CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS

Apresentamos, neste capítulo, os pressupostos teóricos sobre a construção da coerência (hiper)textual e a orientação argumentativa em comentários virtuais, na perspectiva sociocognitiva interacional da LT. Dividimos o capítulo em três seções.

Na primeira seção, apresentamos os conceitos de texto, contexto e hipertexto. Na segunda seção, tratamos da referenciação e da topicalidade e de suas funções na construção da coerência no gênero textual comentário virtual. Na terceira seção, verificamos como vem sendo vista a coerência na perspectiva sociocognitiva interacional, a coerência (hiper)textual e o modo de evidenciar a orientação argumentativa dos textos no ambiente virtual.

Para esse intento recorreremos, neste capítulo, aos estudos de Jubran et al. (1992; 2006), Marcuschi (1999; 2006; 2007; 2008), Koch (2003; 2007), Mondada & Dubois (2003), Pinheiro (2006), Lins (2006), Jenkins (2006), Schnotz (2009), Storrer (2009), Cavalcante (2014), Degano (2014), Barton & Lee (2015), van Dijk (2012), Galembeck (2017), Elias e Cavalcante (2017), Paveau (2017) e Cavalcante et al. (2019).

2.1. TEXTO, CONTEXTO E HIPERTEXTO

Pesquisas em LT, motivadas, sobretudo, pelos novos contextos de interação, de produção, circulação e recepção de textos, vêm sendo desenvolvidas, no intuito de discutir conceitos-chave da disciplina, tais como o de texto, contexto e hipertexto, bem como de definir critérios analíticos deles advindos. Para iniciar nossas discussões partimos da ideia de que, atualmente,

[...] muitos trabalhos em LT, no Brasil, se guiam pela dimensão sociocognitiva e interacional da linguagem. Segundo essa perspectiva teórica, os sujeitos, ao realizarem ações textuais, submetem-se a um conjunto de circunstâncias de natureza interacional, cultural e social, as quais determinam e são determinadas por suas práticas, e mobilizam, de forma situada, percepções e sistemas de conhecimento socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos (KOCH, 2004). Nesse quadro, os estudos vêm se diversificando e evidenciando uma abordagem necessariamente inter e multidisciplinar na análise e interpretação de fenômenos de natureza textual. (LINS, M.P.P.; CAPISTRANO JUNIOR, 2017 p. 16)

À luz da LT, os autores garantem que o conjunto de ações interacionais dos sujeitos é determinante para construir, reconstruir e compartilhar textos e conhecimentos. Assim, a LT vem ajustando e relacionando, relativamente, seus objetos de análise a outros suportes teóricos e por diferentes perspectivas, como vemos a seguir.

2.1.1 Texto

O texto, já algum tempo, não é mais visto como algo pronto ou como um produto que pressupõe uma compreensão passiva em que o interlocutor, simplesmente, decodifica os elementos de sua materialidade linguística. Na verdade, ele vem sendo concebido como um processo sociocognitivo criativo cujos sentidos são construídos durante a interação.

Há mais de uma década, Marcuschi (2008) defende uma noção de texto formado de múltiplas participações, em diferentes práticas discursivas e que transcendem o funcionamento de regras fixas, isto é, “[...] o texto se dá como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações alternativas e colaborativas” (MARCUSCHI, 2008, p. 79). Para ele, o texto não é um produto, mas um evento na qual sua existência depende do processamento feito por alguém em algum contexto.

O autor sustenta que o texto se faz de “um conjunto de fatores, acionados para cada situação de interação, que determinam sua coerência” (MARCUSCHI, 2008, p. 88). Portanto, seus traços característicos dependem de sua realização sociodiscursiva, conduzidas cognitivamente e não de fatores intrínsecos. Tudo isso faz o texto ser “plástico” capaz de ser reproduzido e renovado com a situação comunicativa de seus participantes.

Essa noção abre para a LT de base sociocognitiva e interacional, possibilidades de ver o texto de forma muito mais ampla, muito além dos elementos presentes na superfície textual e das regras fixas. Ela mostra que os sujeitos são vistos como construtores ativos e o texto como o próprio espaço de interação. Nesse sentido, o usuário do Facebook, ao entrar no *site*, se depara com uma série de textos e cada construção, desse ambiente, “será um texto na medida em que se consiga oferecer acesso interpretativo a um indivíduo que tenha uma experiência sociocomunicativa relevante para a compreensão” (MARCUSCHI, 2008, p. 89).

Nessa lógica, os comentários do Facebook são criados a partir das experiências de seus usuários e como Marcuschi (2008) afirma os textos são dotados de plasticidade, reprodução e renovação, acompanhando as demandas comunicativas dos contextos sociais, no caso de nossa pesquisa, o Facebook. A participação ativa dos usuários, nesta mídia, proporciona várias situações de interação em que os textos são produzidos com uma rapidez alarmante e apresentam características distintas.

Os textos assumem atributos próprios do ambiente, isto é, “à medida que as práticas sociais das pessoas se mudaram para o âmbito *online*, muitos textos em nossa vida contemporânea fizeram o mesmo e assumiram diversas propriedades” (BARTON & LEE, 2015, p. 42). Dessa forma, os comentários são produzidos em massa e podem ser textos curtos, longos, verbais ou não verbais, na verdade, não importa seu tamanho ou até sua nova forma organizacional, pois “o que faz o texto ser um texto é o conjunto de fatores, acionados para *cada situação de interação*, que determinam a coerência dos enunciados” (CAVALCANTE, 2014, p. 18, grifo nosso).

No Facebook, os textos são criados consoante com as práticas sociais de seus usuários, assumindo e exibindo em sua constituição interativa a coerência necessária, a fim de manter a prática comunicativa desses ambientes. Atualmente, o grupo Protex²⁹ traz o texto “como um *enunciado*, que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contextos, expressa por uma combinação de sistemas semióticos” (CAVALCANTE, et al., 2019).

Alguns textos produzidos nos espaços de comentários, das redes sociais virtuais, à primeira vista, podem parecer desconexos e soltos, no entanto, para nós eles são eventos singulares e coerentes. Como também, em vista de seu contexto de produção e por suas relações dialógicas, carregam motivações argumentativas em torno de toda

²⁹ O grupo de pesquisa PROTEXTO, criado há duas décadas, atua na linha de pesquisa Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará e reexamina, em diferentes estudos simultâneos, conceitos mais macrotextuais, como de interação, (hiper)gênero, argumentação, texto, sequência e plano textual, coerência e discurso; além de conceitos mais microtextuais, como referência, intertextualidade e heterogeneidades enunciativas. O grupo é liderado pela Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante em parceria com a Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito. Fonte :UFC-PROTEXTO. Disponível em: <https://protex.to.ufc.br/pt/>. Último acesso em 02 de março de 2020.

sua constituição textual. O texto é um enunciado/evento singular e único em uma unidade de comunicação em diferentes contextos.

2.1.2 Contexto

Como já abordado, no item anterior, o texto é um evento único que se constrói a partir das situações de interação de seus interlocutores. Nas redes sociais da *internet*, os usuários produzem seus textos de acordo com os propósitos comunicativos desejados, ou seja, eles focalizam o que seja relevante para cada situação de comunicação. De tal modo, os comentários do Facebook se constituem como eventos discursivos singulares, num processo cognitivo complexo para a construção de sentidos e da coerência.

Nesse sentido, compreender os textos, dos espaços virtuais, é levar em conta o seu contexto de produção, pois os contextos não são situações sociais que objetivam alcançar uma única finalidade “e sim constructos dos participantes, subjetivos embora socialmente fundamentados, a respeito das propriedades que para eles são relevantes em tal situação, isto é, modelos mentais” (VAN DIJK, 2012, p. 87). Esses modelos mentais podem ser representados por suas experiências cotidianas com base em tudo aquilo que os rodeiam, para determinada situação de interação. Para o autor, a coerência se constrói se os usuários da língua

[...] forem capazes de construir modelos mentais dos eventos ou fatos sobre os quais estão falando ou ouvindo, e se forem capazes de relacionar entre si eventos ou fatos que estão nesses modelos, por exemplo, por meio de relações de temporalidade ou causalidade. (VAN DIJK, 2012, p. 90)

Nos comentários do Facebook, os usuários discutem sobre suas percepções e suas experiências e mobilizam os eventos relevantes, além do mais, eles fazem a interpretação dos elementos cotextuais das postagens. As pessoas constroem seus comentários fundamentados em seus modelos mentais sobre os assuntos, mas também nos aspectos superficiais das postagens. Dessa forma, se os usuários produzem comentários sobre determinada postagem eles constroem seus modelos mentais relacionando os eventos e os textos lidos, assim seus comentários vão sendo construídos de forma coerente.

Cada usuário pode ter um modelo mental diferente, pessoal e subjetivo ao interpretar as postagens, pois o que faz sentido para um, pode não fazer sentido para o outro. Segundo van Dijk (2012) cada modelo mental de um texto ou de uma situação comunicativa pode ser único. Apesar disso, os textos não se tornam incoerentes, pois embora os contextos sejam subjetivos, os comentários são motivados, consoante à relevância pessoal e aos elementos superficiais do texto, apresentadas nas postagens.

No caso do contexto da *internet*, podemos acrescentar que os usuários, ao produzirem os comentários, ativam seus modelos mentais e por meio dos recursos (hiper)textuais da plataforma compartilham experiências armazenados em suas memórias. Mesmo que um modelo mental de um texto ou de uma situação seja único, “sua estrutura abstrata pode ser definida ‘objetivamente’ pelas percepções acumuladas das pessoas” (VAN DIJK, 2012, p. 94).

Os modelos mentais pressupõem o “conhecimento social”, tudo o que sabemos sobre os eventos servem como orientações, para a construção de sentidos de um texto, baseadas em nosso conhecimento geral e sociocultural. A maioria desse conhecimento não precisa ser explicitado e, nessa perspectiva, os textos

[...] são muito incompletos ou implícitos. Seus autores pressupõem grandes quantidades de ‘conhecimento de mundo’, e os leitores constroem, assim, modelos mentais dos eventos que estão lendo, ativando partes relevantes desse conhecimento, e então preenchem o modelo com a informação que está implicada ou pressuposta no texto. (VAN DIJK, 2012, p. 97)

Em vista desta declaração, quando ativamos nosso conhecimento geral (conhecimento do assunto, objetivos, interesses, entre outros) partimos para a compreensão e construção da coerência textual. Mas não é só isso, pois para o mundo virtual dos comentários, conforme já apontado neste estudo, o Facebook é uma mídia que organiza uma tecnologia fundamental na instauração da interação. Então essa mídia passa a ser o contexto imediato do usuário, pois ela traz recursos que auxiliam o entendimento e a expansão dos assuntos tratados.

Dessa forma, para a produção dos comentários virtuais, os usuários interagem mediante a todo um contexto que aparece encadeado, no ambiente virtual. Além disso, Storrer (2009, p. 99) assegura que “nas representações de estruturas textuais e discursivas, é possível descrever a coerência por meio das relações que existem

entre os elementos contedúísticos dos textos.” Essas relações podem ser notadas por meio dos recursos verbais e imagéticos, (referentes explícitos) ou mesmo recuperadas pelo leitor com base no contexto e no conhecimento de mundo.

Esse contexto gere a unidade de interação dos comentários nas ações de textualização, de produção e compreensão e é concretizada pelo elemento material do suporte (computadores, *tabletes*, *smartphones*, etc.). As interações dos comentários virtuais acontecem, principalmente, nas ações (hiper)textuais, e quando pensamos em coerência (hiper)textual, recorremos a Storrer (2009) que nos esclarece que a tecnologia do

[...] hipertexto disponibiliza recursos especiais para a construção da coerência, para compensar os problemas que surgem junto com a recepção descontínua, a falta de limites do suporte midiático e a falta de uma ordem previsível de leitura. Se esses recursos forem adequadamente aplicados na organização de um hipertexto, é até possível facilitar a construção da coerência em sua recepção seletiva mais do que na leitura parcial e seletiva de documentos impressos. (STORRER, 2009, p. 113)

Nesse sentido, Storrer (2009, p. 98) afirma que “os textos devem ser formulados de tal maneira que os destinatários reconheçam a conexão entre seus constituintes e possam construir um modelo mental coerente do conteúdo do texto.” A autora acrescenta que essa afirmativa vale, sobretudo, para um contexto em que as pessoas troquem conhecimentos e informações, ou seja, “para as novas tecnologias de leitura e escrita” as quais ela denomina de hipertextos

Por isso, para nossa pesquisa, acreditamos na ideia de hipertexto como um tipo de escrita que interliga modos de expressão e recursos a fim de que os sentidos sejam organizados coerentemente. Esse é o próximo tema a ser tratado.

2.1.3 Hipertexto

Nos primeiros trabalhos da LT brasileira sobre o hipertexto, temos a concepção de hipertexto como uma escrita eletrônica não sequencial e não linear, que se converge e permite ao leitor um número de acessos quase ilimitados a outros textos, em tempo real (MARCUSCHI, 1999). O estudioso sustenta a ideia de que os hipertextos sempre existiram, isto é, não é uma novidade radical. A novidade está na tecnologia que permite a construção de uma nova textualidade. Portanto, o hipertexto para o autor é

[...] uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto caracteriza-se, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, que, segundo Bolter (1991:10), introduz um novo 'espaço de escrita', que ele caracteriza como 'escrita eletrônica', tendo em vista a tecnologia de base. (MARCUSCHI, 1999, p. 1).

Nessa concepção, a “escrita eletrônica”, ainda, é baseada na tecnologia “*push*” da Web 1.0, em que os usuários passeiam pelos *links*, tornando os textos, como descreveu Marcuschi (1999), multilinearizados e multisequenciais. Essas ações, ainda, são unilaterais e indeterminadas. No entanto, essa visão não satisfaz os modos de análises dos comentários das redes sociais virtuais, pois como já assinalamos, esses textos são eventos singulares, com começo, meio e fim.

Dessa definição, nos interessa observar, que o hipertexto já era visto como uma escrita cooperativa e fundamentada na participação de um leitor-construtor, em um ambiente tecnológico. Mais recentemente, Paveau (2017) apoia a ideia que a noção de hipertexto foi bem descrita e analisada, desde os anos de 1990, pelas ciências da informação, comunicação e recentemente pela Linguística. Dessa forma, destaca três “famílias de hipertexto” para, depois, ampliar sua concepção. Para ela o hipertexto pode ser visto como:

1. Fragmentos digitalizados (anos 60-70), estocados e relacionados por um sistema de *links*;
2. Um elemento gerado pela máquina (anos 80-90), num processo em que a memória artificial se relaciona com a inteligência humana;
3. Parte das atividades humanas (desde os anos 2000).

Paveau (2017) considera o *link* como “uma dimensão importante da escrita (hiper)textual, contribuindo para a forma de enunciados, a elaboração de seu significado e seu modo de circulação”, pois ele define o caminho de navegação. No entanto, na *Web 2.0*, esses caminhos não são construídos por *links* unilaterais, mas sim por ligações que provêm das escolhas, dos interesses e dos conhecimentos dos usuários, para a construção de seus textos. Para a autora, o hipertexto surge de atividades humanas, e se apoia em uma descrição *tecnodiscursiva*. Ela garante que

[...] devemos adotar uma perspectiva que considere os usos, isto é, os processos tecnolinguísticos de elaboração, tanto na produção como na recepção, uma vez que os dois se fundem. A descrição do hipertexto é

baseada principalmente nas noções de *link* (a relacionalidade dos enunciados no contexto (hiper)textual), de não-linearidade e/ou descontinuidade (a concepção do texto como uma relação dinâmica de fragmentos) e de *escrituleitura* (co-construção de significado pelo usuário em um duplo gesto de leitura e escrita) (PAVEAU, 2017, p. 214, tradução nossa)³⁰.

A percepção de como, no ambiente virtual, os usuários constroem seus textos num processo em que a leitura e a escrita se fundem, chamado pela autora de *escrituleitura*, corrobora com as ações dos usuários das redes sociais que leem as postagens e elaboram suas produções, quase ao mesmo tempo. Nas redes sociais virtuais, o diálogo do usuário com o ambiente virtual é feito a partir das escolhas de navegação pelo *site* e da utilização dos recursos disponíveis. Storrer (2009) lembra

[...] que é melhor falar de um diálogo entre o usuário e o sistema (hiper)textual cujo percurso não pode ser gerenciado pelo produtor, durante o período de funcionamento [*Laufzeit*], mas pode ser influenciado pela estruturação do hipertexto e pelo uso de recursos de navegação e de orientação específicos ao hipertexto. (STORRER, 2009, p. 112-113).

No Facebook, os usuários podem optar por ler a notícia completa, acessando *links* disponíveis nas postagens; observar as reações dos outros usuários e reagir ou não; ler ou não os comentários já postados; responder a comentários ou simplesmente escrever seu comentário a partir de suas impressões. Tudo isso contribui para a recepção e produção do comentário virtual.

Dessa maneira, vemos o hipertexto como um texto híbrido, formado por vários recursos tecnológicos e por várias linguagens (PAVEAU, 2017). Além disso, podemos pensar em um hipertexto como um constructo “resultante da participação e do trabalho realizado colaborativamente por usuários em interação *on-line*” (ELIAS E CAVALCANTE, 2017, P. 321). No ambiente das redes sociais virtuais, o hipertexto deve ser analisado levando em conta suas diversas características de conexão entre os usuários e todo o ambiente (hiper)textual.

À vista disso e por se tratar de um novo espaço de circulação, leitura e produção de textos, as propriedades (hiper)textuais transformam-se em objetos de estudos e

³⁰ Tradução, da autora, para: “Pour fournir une description technodiscursive de l’hypertexte, il faut adopter une perspective qui prend en compte les usages, c’est-à dire les processus technolinguistiques d’élaboration, en production comme en réception puisque les deux se confondent. La description de l’hypertexte s’appuie principalement sur les notions de lien (la relationalité des énoncés en contexte hypertextuel), de non-linéarité et ou discontinuité (la conception du texte comme mise en relation dynamique de fragments) et d’écritecture (coconstruction du sens par l’usager dans un geste double de lecture et d’écriture)”.

discussões para pesquisadores de áreas distintas do conhecimento. Para nosso estudo, ponderamos o modo como as propriedades (hiper)textuais atuam nos textos e como essas características, típicas dos textos tradicionais, contribuem para a construção da coerência e dos aspectos argumentativos, nos espaços virtuais. Nesse sentido, tratamos, na próxima seção, da referenciação e da topicalidade.

2.2. REFERENCIAÇÃO E TOPICALIDADE

A referenciação e o tópico discursivo são dois aspectos essenciais na construção da coerência textual e na compreensão da orientação argumentativa. Elas fornecem subsídios para as análises textuais não só em mídias tradicionais, mas também em novas mídias e proporcionam uma análise da coerência (hiper)textual.

2.2.1. Referenciação

O processo de referenciação, desde a década de 90, é um tema de destaque da LT. Mondada & Dubois (2003) abordam esse processo não como uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas, mas das representações linguísticas como instruções que devem se ajustar, apropriadamente, ao mundo e, neste ponto de vista é uma estratégia essencial para o processamento textual da coerência.

Marcuschi (2006) aponta duas tendências no tratamento da referência: uma que se funda numa visão instrumentalista de língua, isto é, a relação de correspondência entre as palavras e as coisas e outra que postula uma noção de linguagem sociocognitiva, na qual a interação, a experiência e os aspectos situacionais interferem na determinação referencial.

É na tendência de noção sociocognitiva que nos guiamos, a fim de compreender as funções textual-discursivas das expressões referenciais na construção de sentidos dos comentários do Facebook, pois a língua produz resposta para cada situação e os objetos se (re)constroem na realidade extralinguística, no andamento das interações e intenções, pois a dificuldade não é mais de se perguntar como a informação

[...] é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo. Em outros termos, falaremos de *referenciação*, [...]. (Mondada e Dubois, 2003, p.20)

Conseqüentemente, o termo referenciação demonstra o dinamismo dos processos referenciais, pois essa movimentação desencadeia “uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.20).

O espaço virtual revela a dinâmica dessas ações referenciais e são colocadas em evidência, pelos usuários, durante suas interações e experiências situacionais, pois os processos de referenciação dependem mais das escolhas dos participantes do que do sentido dos objetos de discurso. Os referentes são construídos e procedem da percepção da realidade discursiva e grosso modo,

[...] pode-se dizer que a referência providencia pistas sugestivas para a produção de sentido e a *coerência é o aproveitamento dessas sugestões para elaboração de sentidos específicos em modelos representacionais*. [...] Certamente, haverá casos em que a inferenciação dependerá de uma atividade global e não se dá por relações imediatas nem na simples identificação de referentes. Isto sugere que em boa medida dos casos, *coerência e referenciação são atividades imbricadas e essencialmente co-determinadas, realizando-se tanto global como localmente*. (MARCUSCHI, 2006, p.19, grifos nossos)

Na referenciação temos processos que fornecem pistas para a produção de sentidos de um texto e, conseqüentemente, de sua coerência. Eles interligam atividades cognitivas e linguísticas e são percebidos para que se possa compreender o sentido que se pretende. Para Cavalcante (2014), os processos referenciais podem ser investigados, por meio:

1. Da introdução referencial: os objetos do discurso são apresentados pela primeira vez.
2. Das anáforas: retomam um referente, por meio de novas expressões e oferecem uma continuidade referencial. Elas podem ser diretas (referente já apresentado no discurso) ou indiretas (por um novo objeto de discurso inferível a partir do nosso conhecimento de mundo). Nestas retomadas os processos anafóricos de encapsulamento, rotulação e recategorização se fazem presentes.
3. Das dêixis, tanto podem introduzir objetos de discurso, como podem retomá-los, como vimos nos processos anteriores, mas o que as define é a propriedade

de identificar o referente com as coordenadas do enunciador. Este item não será aprofundado, devido não ser foco deste estudo.

Tais processos conduzem uma aparente estabilização dos objetos de discurso, uma vez que, eles são dinâmicos e não ficam completamente estáveis na mente dos participantes. Eles podem sofrer modificações pelas contribuições dos participantes de uma interação, pois cada um negocia maneiras diferentes de processar os referentes e construir a coerência, em seus textos. Dessa forma, os processos de

[...] introdução referencial e de anáfora são, portanto, estratégias sociocognitivo-discursivas de tentativas de estabilização dos objetos de discurso no texto. As introduções referenciais, que apresentam referentes no texto, e as anáforas, que os retomam, mantendo-os e recategorizando-os, são dois movimentos distintos, imprescindíveis para que os interlocutores elaborem a coerência textual. (CAVALCANTE ET AL, 2017, p. 97)

A referenciação é uma atividade viva e complexa na interação virtual, numa constante negociação entre as partes. Esse movimento exerce papel fundamental na construção de sentidos e na orientação argumentativa dos textos, pois, essas ações garantem a continuidade e progressão referencial e servem de base para o desenvolvimento do tópico, como é abordado no próximo item.

2.2.2. Topicalidade

Nos últimos tempos, a investigação da topicalidade ganhou muito destaque na LT, de tendência sociocognitiva interacional, e o tópico discursivo é considerado objeto fundamental na estruturação da coerência textos. Segundo Cavalcante (2014 p. 79) “um dos fatores mais importantes para a construção da coerência global do texto é a adequada organização tópica, ou temática”.

Jubran (2006) traz a noção de tópico discursivo como uma categoria analítica abstrata e propõem a assimilação de duas propriedades tópicas, a centração: originada de contribuições conversacionais para um assunto relevante e a organicidade: motivada a partir da “organização dos tópicos no texto, em termos de sequenciação e de variáveis graus de detalhamento que eles comportam nas manifestações verbais” (JUBRAN, 2006, p.3). Podemos dizer que:

1. A centração é o inter-relacionamento entre as unidades do texto, que convergem para o tópico central , isto é, o “assunto” ao que todos os demais

se relacionam. Na concentração de determinado assunto o tópico abrange os traços de concernência, relevância e pontualização. Grosso modo, na *concernência* usufruímos de uma relação entre os elementos textuais, ao integrar referentes explícitos ou inferíveis do texto; na *relevância* os elementos textuais são delineados como os focais, no texto e na *pontualização* ocorre a localização desses conjuntos em determinado ponto do texto. Esses aspectos são muito importantes, pois conferem “à categoria de tópico discursivo critérios para o reconhecimento do estatuto tópico de um fragmento textual” (JUBRAN, 2006, p. 35). A propriedade da concentração define uma unidade concreta para a análise, já que o tópico discursivo é considerado uma categoria abstrata. Logo, observar a concentração de um texto é um princípio muito valioso para a conservação do tópico em toda sua produção.

2. Quanto à organicidade, a mesma autora elucida que sua manifestação se dá por meio de relações de interdependência tópica e intratópica estabelecidas, de forma simultânea, em dois planos: o *hierárquico ou vertical*, conforme as dependências de tópicos que se implicam e o plano *linear ou sequencial* que é a articulação tópica que sucede por meio de interposições de tópicos caracterizados por continuidade tópica (organização sequencial) e descontinuidade tópica (interrupção sequencial). No princípio da organicidade, o processo de articulação tópica promove a progressão do tópico por meio da continuidade tópica que pode ser caracterizada pela relação de proximidade entre dois tópicos.

Nas interações do Facebook as categorias definidoras do tópico discursivo: concentração e organicidade são percebidas e contribuem para o processo de construção da coerência dos comentários. De acordo com Oliveira (2019), essas categorias apresentam interdependência semântica, focal e interativa que são evidenciadas pelos processos referenciais. Esses movimentos possibilitam que os comentários ampliem o tópico, no momento da interação do espaço virtual. Diante disso, o ambiente virtual favorece o alargamento da noção de tópico discursivo e precisamos levar em conta que essa noção vai além do assunto a ser tratado dentro de uma interação.

Desta forma, o tópico discursivo é visto como uma categoria interacional abstrata resultante da interação e colaboração dos participantes, em uma relação de interdependência em torno de um conjunto referencial. Neste sentido, ao nos depararmos com um comentário virtual, fazemos conexões entre seus elementos para a construção dos sentidos e para a organização textual. Pinheiro (2006) afirma que o tópico

[...] se identifica com a questão de interesse imediato, serve para descrever o conteúdo sobre o qual se fala/escreve e sinaliza a perspectiva focalizada. Nesse sentido ele é visto como uma categoria analítica, de base textual-discursiva, ou seja, relaciona-se ao plano global de organização do texto. Mas é também uma categoria interacional, pois é resultante da natureza interativa e colaborativa do discurso. (PINHEIRO, 2006, p. 44)

Em vista desta definição, a organização tópica pode ser desenvolvida e ampliada nos comentários do Facebook, uma vez que o ato de comentar intenta focalizar o que seja relevante para o usuário, que procura construir e manter a coerência, nos comentários. Lins (2008) destaca, ainda, que toda sequência conversacional é tópica, semântica e pragmaticamente relevante. Isso proporciona uma relação lógica e coerente nos blocos conversacionais. Do mesmo modo, a falta dessa logicidade, não acarreta, necessariamente, em incoerência.

No ambiente virtual, o tópico progride e conseqüentemente a coerência textual vai sendo construída, por meio de recursos textuais e tecnológicos. O tópico pode ser percebido pelo contexto e intensificado pelas interações dos usuários da *internet*. Em vista disso, no processo de construção da coerência e da orientação argumentativa dos hipertextos, os usuários utilizam os processos de referência para demonstrar o que é focalizado e posto em relevância, a fim de guiar a progressão tópica.

2.2.2.1. *Focalização e Relevância*

Schnotz (2009) trata a focalização como um processo que leva à construção de uma representação mental dos fatos descritos, ou seja, subjetivamente, ocorre “uma captação do significado do texto”. Essa focalização é conduzida pelas informações externas (cotexto) e pelas informações internas (conhecimento prévio).

Segundo o autor “o leitor precisa dirigir o foco da sua atenção sempre para o tema atual e, no caso de uma mudança de tema, precisa deslocar esse foco conforme as

circunstâncias” (SCHNOTZ, 2009, p. 176), isto é, o foco em um tópico serve de guia para a construção de sentidos e de coerência de um texto. Na mudança do assunto, a focalização age como um estímulo para a busca de referentes.

Assim, o usuário, tendo conhecimento do assunto, cria um modelo mental e pode comparar o “referente focalizado até então e, no caso de concordância, mantém o foco, ou, no caso de discordância, procura na representação mental por um novo referente (Sidner, 1983)” (apud SCHNOTZ, 2009, p. 176). A focalização funciona como sinais de comando para a condução e progressão de um tópico, indicando o que é relevante para o usuário.

A relevância como semântica funciona como modelos de contexto, que são construções singulares para cada sujeito (conhecimentos, valores, saberes, informações, etc...). Em processos interacionais, como nas redes sociais, “os modelos de contexto representam aquilo que é *relevante* para os participantes numa dada situação comunicativa” (VAN DIJK, 2012, p. 116).

Desse modo, o que é relevante para um sujeito, nem sempre é para o outro, dessa maneira o resultado de uma construção textual interacional pode variar. Nesta direção, Van Dijk (2012) propõe que, numa situação comunicativa, os modelos de contextos representam aquilo que é relevante para cada participante, em determinado contexto e momento.

Os usuários do Facebook interagem com diferentes comentários e por meio de seus modelos mentais assumem o que é relevante a partir de um tópico central. “O que é ‘comunicativamente relevante’ nessas situações são o tipo de informações que se ajusta ao modelo de contexto e suas categorias social e culturalmente compartilhadas.” (VAN DIJK, 2012, p. 118).

Nas interações das redes sociais, os usuários ao comentarem suas opiniões, gostos e ideias focalizam e definem a relevância dos assuntos tratados, a fim de expandir os sentidos dos textos sem perderem o fio condutor central.

Assim do ponto de vista discursivo, os usuários podem realizar suas interações com base no que é relevante e gerar a expansão do tópico focalizado, como vemos a seguir.

2.2.2.2. *Expansão tópica*

Para Galembeck (2017), o tópico discursivo evidencia a relevância na construção, no estabelecimento e na manutenção do texto. Assim, podemos dizer que, os usuários ao produzirem seus comentários utilizam

[...] procedimentos variados para a expansão do tópico. Esses procedimentos correspondem a diferentes formas de atuação e participação dos interlocutores e são realizados com dupla finalidade: reforçar a focalização do tópico em andamento, por meio do fornecimento de informações complementares ou adicionais, e proporcionar pistas de contextualização que venham a situar os assuntos tratados no universo cognitivo-conceitual dos interlocutores. (GALEMBECK, 2017, p. 199)

Para o autor, o tópico constitui a reiteração de dois ou mais sujeitos que precisam ter algo para dizer e o “tópico se mantém apenas enquanto os participantes do ato interacional tiverem a atenção centrada no mesmo foco, identificada por um conjunto de referentes textuais explícitos ou inferíveis” (GALEMBECK, 2017, p. 210). Para ele, quando os sujeitos mudam o foco da atenção do tópico em andamento variados processos de expansão tópica podem ocorrer.

O autor divide os procedimentos de expansão tópica em dois grupos, um em que ocorre o desdobramento do tópico e constitui uma expansão mais nítida e evidente e o outro em que não há um desdobramento do assunto, mas sim a exposição da opinião do sujeito, ou seja, evidencia uma orientação argumentativa.

O quadro a seguir exhibe algumas das formas apresentadas por Galembeck (2017):

Quadro 1: Modalidades de expansão tópica

Grupos	Modalidade	Característica
I) Continuidade colaborativa, sentido estrito do assunto, mais nítida e evidente.	Explicitação	Fornecimento de informações complementares
	Exemplificação	Alusão a casos particulares
	Relações causais	Justificar uma afirmação de um fato
II) Continuidade incorporativa, esfera subjetiva e menos nítida.	Objeção ou ressalva	Juízo ou ponto de vista contrário
	Opinião	Juízo ou opinião pessoal

Fonte: Elaborado pela autora com inspiração em Galembeck (2017, p. 208 e 209).

As modalidades do primeiro grupo são mais frequentes e possibilitam o enquadramento do tópico, pois provam as características de um fato e permitem

inserir o tópico no conhecimento prévio de cada interlocutor e no contexto compartilhado que se cria no momento da interação.

No segundo grupo, a continuidade exprime os efeitos contextuais, pois os usuários deixam de tratar do que foi dito para tratarem do que pensam sobre o tópico. Galembeck (2017) afirma que as ocorrências dessas modalidades são menos frequentes, contudo, quando nos deparamos com os comentários do Facebook, compreendemos que as ocorrências com orientação argumentativas são comuns.

O estudo dos comentários do ambiente das redes sociais alarga a ideia do uso do tópico discursivo e como Galembeck (2017) afirma: o dinamismo e as coparticipações dos participantes de uma interação atuam decisivamente nos procedimentos de expansão e continuidade tópica.

Neste momento, eles estabelecem uma continuidade de sentidos e de coerência (hiper)textual, por meio de referentes explícitos ou não, bem como demonstram a orientação argumentativa que pretendem oferecer aos seus comentários, conforme tratamos, no item, a seguir.

2.3. SOBRE COERÊNCIA (HIPER)TEXTUAL E ARGUMENTAÇÃO

Em vista das considerações até o momento, verificamos que as pessoas, ao produzirem seus comentários virtuais, procuram estratégias para construir sentidos e coerência. Koch e Elias (2016) explicitam que na coerência de um texto, os conhecimentos de língua, de textos, de mundo e de interação se convergem e o que se pressupõe é que com todos esses conhecimentos compartilhados ocorra um processamento textual coerente. As autoras explicitam que

[...] a coerência é uma construção 'situada' dos interlocutores. Esse processo, que se desenvolve com base nas pistas existentes no interior do próprio texto que funcionam como instruções de como o texto deve ser lido/entendido [...] (KOCH e ELIAS, 2016, p. 22).

Esse processamento regulariza a própria interpretação de um texto, sendo que nos comentários virtuais não é diferente, pois buscamos, o tempo todo, sentidos em nossas interações. Dessa maneira, construir coerência solicita a identificação e caracterização de referentes de forma situada e de maneira que envolva os contextos, a materialidade linguística e os diversos conhecimentos armazenados.

Além do mais, quanto maiores forem os conhecimentos e condições de construir sentidos nos textos, maior será a capacidade de produzir qualquer (hiper)texto coerente, além de apresentar opiniões e orientação argumentativa nas produções pretendidas. Assim discorreremos, a seguir, da coerência na perspectiva interacional, traçamos algumas perspectivas para a coerência (hiper)textual e abordamos a orientação argumentativa nos ambientes virtuais.

2.3.1. A coerência na perspectiva interacional

Cavalcante (2014) afirma que, pela coerência de um texto, o leitor é capaz de construir sentidos ao que lê, tendo como base os seus conhecimentos sociocognitivos e interacionais ligado à materialidade linguística. Na direção da autora, Lins e Capistrano Jr. (2017) apresentam o texto como um constructo em que o usuário, no próprio espaço de interação, faz de sua criação textual um evento discursivo coerente.

Nesse sentido, construir a coerência em um texto é fazer conexões entre o cotexto e os contextos que se dão pelas interações dos usuários, a fim de estabelecer sentidos em suas produções. Na perspectiva sociocognitiva e interacional, o texto passa a ser visto como o próprio espaço de interação e a coerência não é mais uma mera propriedade do texto, mas o modo como os usuários mobilizam as estratégias textuais para a construção de sentidos.

Koch (2003) já apresentava uma visão de texto e de coerência baseada, principalmente, na interação. A autora afirma que o sentido de um texto é

[...] construído na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação. Também a coerência deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução, vêm a constituir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos. (KOCH, 2003, p. 17)

A coerência é proposta como fruto de um processo cognitivo muito complexo e dependente da cooperação dos integrantes de uma interação. Dessa forma, os estudos trazem a coerência como algo que não se pode simplesmente ser apontado no texto, mas como uma construção.

Marcuschi (2007) afirma que a coerência é o principal fator de textualização e que podemos identificar, ao longo dos estudos da LT, pelo menos três noções de coerência: a estrutural, a inferencial e a interacional. Elas se caracterizam tais qual a concepção teórica adotada e podemos brevemente defini-las da seguinte forma:

1. Na noção estrutural a coerência é uma propriedade do texto e se relaciona à coesão textual;
2. Na noção inferencial a coerência é um resultado de fatores cognitivos realizados em atividades inferenciais de produção e compreensão dos textos;
3. Na noção interacional a coerência é construída interativamente como resultado de um trabalho dinâmico e coletivo.

É nesta última noção que nossa pesquisa se pauta a fim de analisar os comentários do Facebook. Para Marcuschi (2008), nesta perspectiva, existe uma unidade de comunicação entre o contexto e o cotexto e a coerência está submetida à inferências sucessivas, comandadas parcialmente por evidências textuais.

Por conseguinte, a coerência é um fenômeno negociado entre os usuários de textos e “se constrói a partir do cotexto e dos contextos, numa dada situação comunicativa, na qual o leitor, com base em seus conhecimentos sociocognitivos interacionais e na materialidade linguística, confere sentido ao que lê” (CAVALCANTE, 2014, p. 31). Podemos dizer que a coerência é um processo dinâmico que acontece por meio de uma construção situada dos participantes de uma interação.

A construção dos sentidos e da coerência de um texto é estabelecida pela mobilização dos elementos cotextuais e contextuais, contudo, em função das novas características dos hipertextos, novas formas de mobilização surgem e são adaptadas. Neste sentido, ampliar a noção de coerência textual para uma coerência (hiper)textual e interacional é necessário, a fim de dar conta da nova forma de organização de textos, nesse novo ambiente.

2.3.2. A coerência no ambiente virtual (perspectivas)

Em textos tradicionais o processamento de construção da coerência é estabelecido entre construção local (nexos semânticos próximos) e construção global (nexos feitos entre seções maiores de texto). Cavalcante (2014) considera que trechos de textos

com problemas de coerência local podem ocorrer, mas de forma global todos os textos são coerentes, pois todos os textos abrigam uma intencionalidade de seu produtor. No ambiente virtual, não é diferente, e não podemos negar que os textos produzidos nestes ambientes também tragam problemas.

É inegável que a agilidade e as facilidades, desse espaço virtual, promovem avanços na forma como as pessoas interagem e constroem seus textos. No entanto, não são raras as vezes que surgem muitas dificuldades para a compreensão da construção da coerência nos comentários virtuais. Segundo Storrer (2009),

[...] quanto mais um texto corresponde as expectativas sobre os padrões textuais convencionalizados, tanto menores são os custos cognitivos durante o processamento textual e tanto maior é o grau da construção da coerência (STORRER, 2009, p. 109).

Para a autora, com as novidades e mudanças para a construção de hipertextos, surgem os problemas de percepção da construção da coerência. Ela considera a ausência de limites do suporte midiático e a falta de uma ordem previsível de leitura como as situações mais problemáticas. No entanto, ela considera alguns recursos para compensar essas dificuldades e aponta alguns caminhos para a construção de uma coerência (hiper)textual.

A estudiosa diz que a coerência, nos espaços hipertextuais, acontece com relações semióticas bem mais intensas que nos espaços tradicionais de produção de textos e menciona que as instruções de um preenchimento referencial, nessas esferas, são válidas para o texto inteiro, isto é, os recursos tecnológicos auxiliam na ligação referencial de todo um ambiente. Essas escritas, caracterizadas como (hiper)textuais, são muito compartilhadas e evidenciam uma nova forma de escrever e de construir coerência, no mundo virtual.

Com o advento da *Web 2.0*, os usuários criam, publicam e compartilham seus textos, utilizando, como recurso principal a escrita verbal, mas é com as imagens (*emoticons, emojis, gifs, stickers, memes, vídeos*), *links*, entre outros recursos tecnológicos que vão surgindo, na internet, que suas produções ganham verdadeiro sentidos (BARTON & LEE, 2015). Os autores declaram que a maioria das produções textuais são resultantes da interação e da colaboração dos usuários do mundo digital.

Esses espaços são caracterizados por proporcionarem uma escrita em fluxo e uma participação colaborativa com conteúdos autogerados e interativos. Cada comentário virtual é um novo texto e podemos analisá-los com base nos recursos tecnológicos que a mídia oferece.

Jenkins (2006, p. 28) afirma que cada um de nós constrói uma “mitologia pessoal”, isto é, uma cultura única, a partir de pedaços “de informações extraídas do fluxo midiático e transformadas em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana”. Cada texto produzido tem um “*enunciado* singular” com uma unidade negociada e contextualizada de coerência.

E nesse sentido, a coerência (hiper)textual “resulta de um trabalho interpretativo baseado em aspectos contextuais e em pistas textuais que orientam as múltiplas conexões que podem ser feitas no interior de um texto, entre textos e contextos” (CAPISTRANO JUNIOR et al, 2019, p.175). Todo esse movimento influencia, cada vez mais, o processo de construção textual.

Os usuários das redes sociais virtuais, naturalmente, constroem seus textos, baseados na forma tradicional, porém, dificilmente, os recursos tecnológicos, presentes na *internet*, ficam de lado. No Facebook, há uma intensa e variada produção de comentários: verbais, não-verbais, mais pessoais, mais curtos, mais longos, de aprovação, de reprovação, entre outros que, pela participação intensa dos usuários, motivam novos comentários.

Segundo Oliveira (2019), um dos principais recursos tecnológicos das mídias de redes sociais são os *RID's* (recursos imagéticos digitais). É o caso dos botões de reações que são utilizados, com frequência, para ampliar o assunto tratado. De tal forma, é possível, nos comentários virtuais, com um único *click* vincular informações, ampliar conhecimentos, expressar emoções, opinar, desenvolver a argumentação e construir a coerência.

Esses botões são recursos tecnológicos disponíveis na mídia Facebook, a fim de que seus usuários atuem de forma rápida e coerente ao expressarem suas emoções. Eles enriquecem a comunicação nos processos de construção de textos, pois muitas vezes suprem várias palavras (OLIVEIRA, 2019).

Dessa forma, percebemos que, no ambiente virtual, a coerência não depende da linearidade cronológica, mas sim, de "metáforas espaciais", isto é, recursos que são disponibilizados, nos espaços das mídias, para as interações de seus usuários (DEGANO, 2014). No ambiente virtual, criamos, facilmente, textos únicos e para cada situação de comunicação. Assim, a autora, afirma que os

[...] 'usuários de texto devem construir uma configuração de *caminhos* entre [significados] para criar um *mundo textual*, e [coerência é] o resultado da combinação de conceitos e relações dentro de uma *rede* composta por *espaços de conhecimentos* centrados em torno de tópicos principais. (DEGANO, 2014, p. 417, tradução nossa)³¹.

Por esse motivo, toda postagem torna-se um convite tácito para o usuário possa construir significados, por meio de relações e conhecimentos em torno dos assuntos. O ambiente virtual, cada vez mais, conta com a colaboração e interatividade de seus participantes, logo, as interações se constituem, naturalmente, de formas (hiper)textuais, mas é, principalmente, nas ligações intertextuais que a coerência é construída.

2.3.2.1. A intertextualidade

Os comentários das redes sociais virtuais, por vezes, parecem soltos, mas na verdade, os laços que constroem a coerência, estão por todo o ambiente da *internet*, em constantes movimentos intertextuais. Elias e Cavalcante (2017) sustentam que, no universo (hiper)textual, a conectividade possibilita que seus usuários ativem *links* e "saltem" de um ponto a outros, a fim de produzir e consumir textos.

Nessa perspectiva, a intertextualidade é um tema, da LT, relevante para a análise dos textos produzidos na *internet*, devido a sua condição de reproduzir sentidos, dado os diferentes nós, entre os textos e ambiente virtual. Nestas ligações, ela permite o sucesso do processo de construção da coerência entre comentários, postagem motivadora e toda uma gama de recursos disponíveis no espaço interativo do Facebook.

³¹ Tradução, da autora, para: [...] 'text users must build up a configuration of *pathways* among [meanings] to create a *textual world*, and [coherence is] the result of combining concepts and relations into a *network* composed of *knowledge spaces centred around* main topics.

O espaço interativo do sistema de comentários do Facebook mostra que “a circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia (...) depende fortemente da participação ativa dos consumidores” (JENKINS, 2006, p. 27). O autor evidencia uma cultura participativa e como essas interações incentivam os usuários a criarem conexões. Para ele, a convergência

[...] representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. [...] A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. (JENKINS, 2006, p. 27 e 28)

Nos espaços da *Web*, os usuários tem uma forma intuitiva de perceber o mundo textual. Para Degano (2014) são as “*Webs affordances*”³² que ligam esse conhecimento ao texto escrito na *internet*. A autora ao analisar a estrutura de *sites* na *internet*, explica que eles não mais possuem somente dados (hiper)textuais, mas sim um modo de comunicação que impulsiona os usuários a cada vez mais interligar informações e conhecimentos.

Carvalho (2018) afirma que as relações intertextuais podem não ser recuperáveis ou perceptíveis, mas estão subentendidas em todo o texto ou a partir dele. A fim de evidenciar essas relações, a autora assume as concepções de intertextualidades ampla e estrita. Quanto à natureza do fenômeno, ela define

i) estritas, dadas pela inserção efetiva de parte(s) de um texto em outro ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto e ii) amplas, dadas pela retomada não de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa e relativa a conjuntos de textos, verificada por indícios atinentes à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos ou a uma temática particular divulgada por diversos textos. (CARVALHO, 2018, p. 81)

Ainda que as intertextualidades, ampla e estrita, apareçam descritas como fenômenos distintos, elas não se excluem e é possível a percepção de ambas, em um mesmo texto. No ambiente do Facebook, apesar de muitas vezes notarmos a intertextualidade estrita, em que o usuário transcreve no seu comentário parte de outros textos, é mais

³² *Affordance* termo inglês, sem tradução consensual no português, mas que nesse contexto, pode ser entendido, por “reconhecimento”, isto é, a qualidade que permite ao indivíduo identificar a funcionalidade sem a necessidade de prévia explicação, o que ocorre intuitivamente. Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Affordance>. Último acesso em: 12 jul. de 2019.

frequente a intertextualidade ampla, isto é, uma retomada de forma difusa e relativa, em que não há um texto específico, mas indícios de vários textos, falas ou discussões sobre o assunto, a fim de desempenharem os propósitos textuais/discursivos e argumentativos, naquele momento.

Nesse movimento, os comentários produzidos e postados, nas redes sociais, indicam evidências intertextuais que, geralmente, são intencionais. Isso cria um mundo textual em que os textos são construídos, não só de forma coerente, mas também com uma orientação argumentativa, como será discutida a seguir.

2.3.3. Argumentação

Se a comunicação se dá por meio de textos que são construídos por pessoas em atos interativos, podemos dizer que argumentar é um ato humano (KOCH e ELIAS, 2016) e está presente nas formas de manifestação e de posicionamentos das pessoas, perante o mundo.

Desde a antiga Retórica até os dias de hoje, os estudos da argumentação vêm sendo desenvolvidos e, é notório que é um fenômeno muito vasto e abarca muitas teorias (CABRAL, 2017). Compreendendo esse fato e não desmerecendo as várias teorias existentes, nosso estudo segue no sentido de abordar as questões de uma argumentação da língua e, principalmente, como notamos a orientação argumentativa, nos comentários do Facebook.

Incluir a análise de aspectos argumentativos, no âmbito da LT, é assegurar um “pressuposto inegável” para a análise de diversas estratégias de organização textual; é levar “em conta a intencionalidade do sujeito e seu livre arbítrio para deixar marcas de seus posicionamentos discursivos no cotexto” (CAVALCANTE, 2016, p. 116). Notamos que nos comentários do Facebook as pessoas deixam suas marcas, posicionamentos e intenções ao elegerem o assunto que vão tratar.

Quando os usuários do Facebook constroem seus comentários eles de alguma maneira procuram atingir seus interlocutores, uma vez que “se o locutor produz um enunciado, é porque ele procura produzir com ele algum efeito sobre seus interlocutores” e “o uso da linguagem implica uma troca de propósitos” (CABRAL, 2017, p. 241-242).

Neste sentido, a língua oferece elementos para que os sujeitos escolham os melhores componentes para a manifestação de suas ideias e possam projetar diferentes conhecimentos textuais e contextuais em dada situação interativa, a fim de argumentar. Segundo Koch e Elias (2016), empregamos a língua em forma de textos

[...] e eles são repletos do modo como olhamos e interpretamos o mundo, das nossas crenças e descrenças, dos nossos gostos e desgostos, das nossas escolhas e desescolhas. Isso está na base da atividade de argumentar [...] (KOCH e ELIAS, 2016, p. 55).

Nos espaços virtuais, as escolhas textuais podem ser diversas: texto verbal ou não-verbal; recursos tecnológicos ou outros meios que vão surgindo na *internet*. O que as pessoas desejam, na verdade, é que seus interlocutores saibam do que está sendo tratado e que acompanhem o raciocínio do tema discutido.

Degano (2014) afirma que, na retórica clássica, o discurso argumentativo era como uma sequência lógica do raciocínio, com argumentos dispostos na melhor ordem possível. Mas que, na *internet*, a ordem dos argumentos não segue essa organização e que essa organização clássica não pode ser transferida para o ambiente da *internet*, tal como ela é em textos tradicionais, pois, em função da ruptura da linearidade do texto, a progressão lógica é prejudicada.

A autora ratifica sua afirmação ao acrescentar que se em textos impressos a norma para uma argumentação de sucesso é que os parágrafos ou capítulos formem relações coerentes entre as unidades textuais. Já na *Web* não seguimos essa lógica, pois os textos, nestes ambientes, aparecem fragmentados e multilineares e a organização textual fica reduzida a “nós” independentes, a “ilhas de significados”.

Consequentemente, os textos virtuais não dependem das unidades vizinhas para serem coerentes e argumentativos, mas sim de todo o ambiente da *internet*. Ela evidencia, também, que com os recursos tecnológicos, os usuários ganham “certo poder” na construção argumentativa, pois cada um constrói seus textos pautados em escolhas e propósitos (DEGANO, 2014).

Neste sentido, eles têm as possibilidades de parar em qualquer ponto, avançarem ou voltarem para explorar as postagens, de acordo com seus interesses, intenções, tempo e possibilidades e, na maioria das vezes, os textos não deixam de manter o foco no assunto abordado e de indicar uma orientação argumentativa.

2.3.3.1. A orientação argumentativa

A orientação argumentativa é motivada pela intencionalidade, pois se um texto é escrito alguma intenção há com ele. Por isso, dizemos que todo texto é argumentativo e “há uma intrínseca relação entre argumentação e intencionalidade. O texto argumentativo é aquele produzido com a intenção/função de fazer crer, fazer alguma coisa no outro” (CABRAL, 2017, p. 244). Dessa forma, toda produção textual tem uma intenção comunicativa e uma dimensão argumentativa.

As pessoas, sempre, buscam formas para apresentarem, estruturarem e sustentarem suas opiniões sobre os mais variados assuntos e, desta maneira, fica quase impossível não argumentar. Para Cabral (2011), a argumentação possui

[...] um traço constitutivo de numerosos enunciados, de tal forma que parece ser impossível empregarmos determinados enunciados sem que pretendamos com eles **orientar**³³ nosso interlocutor em direção a certo tipo de conclusão. (CABRAL, 2011, p.16-17)

Nos comentários, isso não é diferente, muito pelo contrário, eles nascem de uma necessidade dos usuários de se posicionarem sobre algo, de fazerem uma análise crítica, de mostrarem seus conhecimentos ou simplesmente de exporem suas interpretações pessoais sobre determinado assunto.

Os comentários são gêneros textuais de conteúdo opinativo por natureza e abrigam um juízo de valor emitido por seus autores (OLIVEIRA, 2019). Na *internet*, eles são construídos por aspectos inter e (hiper)textuais resultantes da colaboração dos participantes da interação, não só para a construção da coerência, como também para a organização de uma orientação argumentativa.

Na era da *Web* a tecnologia proporciona recursos necessários para acompanhar os propósitos enunciativos de seus usuários e assim, como as marcações do cotexto e dos contextos são feitas por meio de referentes nos textos tradicionais, nos espaços virtuais, os referentes aparecem como reelaborações (representações mentais) da realidade e se (re)constroem durante os processos comunicativos para sustentar um posicionamento argumentativo de determinado assunto.

³³ “Ducrot e seus seguidores interessam-se pela **orientação** que as palavras conferem ao discurso [...]” (CABRAL, 2011, p. 17).

Além disso, as diversas informações da plataforma Facebook, como por exemplo, a postagem motivadora, os *links* (com informações internas e externas da plataforma), figuras, outros comentários e as reações dos usuários (verificada pelos botões de reações) fazem parte das escolhas dos usuários. Nesse movimento de “introdução e retomada de referentes, as formas nominais vão orientando argumentativamente o leitor para dada conclusão” o que envolve o acionamento de características referenciais e levam os interlocutores a construir uma certa ideia dos assuntos tratados (KOCH e ELIAS, 2016, p. 91).

Igualmente, a orientação argumentativa pode ser configurada por modificadores avaliativos de concordância ou não dependendo das escolhas dos usuários, feitas em cada contexto, em função do projeto de texto que se quer criar. Esses processos comunicativos ganham um poder persuasivo de orientar os leitores para determinadas conclusões.

Tudo isso evidencia uma estreita relação entre processos referenciais e argumentação, fazendo da referenciação “um dos mais importantes recursos argumentativos que a língua nos oferece.” (KOCH e ELIAS, 2016, p. 100). Logo, quando lemos um comentário ativamos vários conhecimentos, preenchendo as lacunas e construindo os sentidos do texto.

Para alcançar esses objetivos, os usuários, geralmente, escolhem um assunto e o desenvolvem, numa capacidade de expor opiniões e ideias, por meio dos recursos tecnológicos. Dessa maneira, a progressão e a continuidade tópica são usadas como estratégias de gerenciamento para a construção dos sentidos e da argumentação de um texto, uma vez que os usuários fazem relações, focalizam os assuntos e buscam relevância, utilizando os diversos recursos disponíveis no ambiente virtual.

Galembeck (2017) cunha que as características da expansão tópica permitem deixar de tratar do que foi dito e passar a abordar a respeito de outros pontos do tópico. Isso evidencia que as participações dos usuários, nas redes, contribuem para os procedimentos de expansão e continuidade tópica o que faz com que os usuários orientem os textos e demonstrem uma competência argumentativa na construção dos comentários, de forma coerente e significativa, como analisamos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

3. A COERÊNCIA E A ARGUMENTAÇÃO NOS COMENTÁRIOS DO FACEBOOK: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, analisamos o *corpus* selecionado composto por comentários produzidos no Facebook, no intuito de verificar: i) a construção da coerência, concebida como uma construção negociada de sentidos com base em conhecimentos de linguagem, de textos e de mundo e ii) a orientação argumentativa que esses textos, em seus arranjos composicionais, imprimem. Para isso adotamos, tendo em vista, o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa, os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Contextualização do *corpus*;
2. Apresentação das postagens motivadoras e dos comentários;
3. Análise da construção da coerência e da orientação argumentativa nos dois primeiros comentários de cada postagem motivadora e nos dez primeiros comentários a comentários de cada comentário analisado.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO *CORPUS*

Algumas páginas do Facebook demonstram grande relevância como fontes de informação e comunicação, em nossa sociedade. E, nesse sentido, escolhemos a página do Facebook da UOL Notícias para compor o *corpus* de nossa pesquisa, pelo fato de ela já ter se consolidado, no Brasil, por um grande número de usuários da *internet*³⁴, como um espaço significativo de busca por informações e notícias.

Nas duas últimas décadas, a empresa de conteúdo UOL se constituiu como uma das maiores companhias de tecnologia, serviços e produtos da *internet*, em nosso país. Sua homepage recebe mais de 90 milhões de visitantes únicos por mês. A página da UOL Notícias no Facebook está no ar, desde maio de 2010³⁵, passando a marca de

³⁴ Fonte: UOL Notícias. Disponível em: <http://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Último acesso em 22 de maio de 2019.

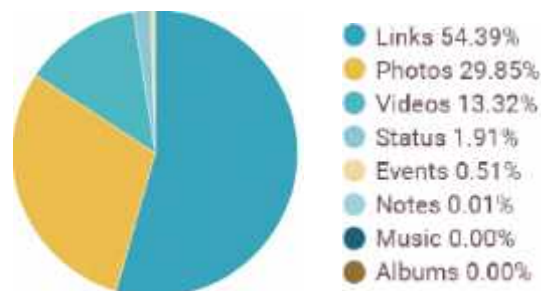
³⁵ Fonte: Página do Facebook UOL Notícias. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/UOL-Noticias/ads/?ref=page_internal/informaçõeseanúncios. Último acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

mais de cinco milhões de seguidores e de curtidas³⁶. Nesse ambiente, são publicadas notícias de diferentes temas (entre eles política, cultura, tecnologia, cotidiano). Os seus seguidores buscam as mais diversas informações, mas, além disso, eles demonstram ativa participação na página, por meio dos compartilhamentos e reações, sobretudo no sistema de comentários do Facebook em que suas opiniões, sentimentos e emoções ficam mais evidentes.

A base das publicações da página do Facebook da UOL Notícias são postagens a partir de notícias veiculadas no *site* oficial da empresa. A escolha pelas postagens feitas na página do Facebook e não diretamente no *site* de notícias foi pelo motivo de que é nas plataformas de redes sociais que, geralmente, as pessoas mantêm seus laços de amizades e assim costumam navegar, com maior assiduidade e rapidez. Conseqüentemente, aproveitam para se manterem informadas pelas páginas de notícias do Facebook. Nesse movimento, os usuários aproveitam essas páginas para transmitirem também suas vozes, em um processo incessante de comentários e compartilhamentos.

Cada postagem do Facebook é um convite tácito para a interação e cada detalhe em sua organização pode fazer uma acentuada diferença em seus resultados. Os *links*, principalmente os externos, têm presença constante nas postagens, seguidos pelas imagens e pelos vídeos. Na figura 08, podemos observar essa distribuição.

Figura 08 – Distribuição dos elementos nas postagens do Facebook



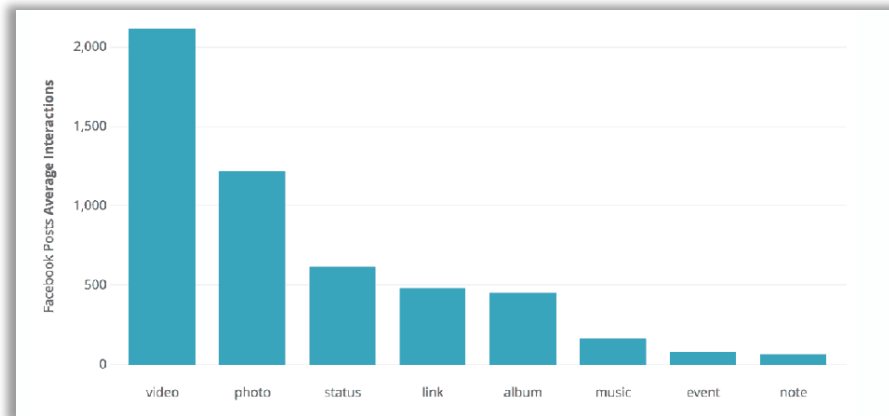
Fonte: <https://rockcontent.com/blog/post-perfeito-para-redes-sociais/>

Ao verificar a distribuição dos elementos nas postagens, constatamos a predominância de postagens com *links*, isso pode ser explicado pela praticidade que

³⁶ Página curtida por 5.227.032 pessoas e seguida por 5.219.759 pessoas. Fonte: Página do Facebook UOL Notícias. Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/> página inicial. Último acesso em 19 de fevereiro de 2019.

as páginas encontram de compartilhar informações que já estão disponíveis em outros *sites*, o que ajuda o usuário a elaborar suas opiniões sobre o assunto em pauta. No entanto, quando analisamos a quantidade de interações, a preferência do usuário é por vídeos e fotos, conforme gráfico seguinte:

Figura 09 – Média de interações por tipo de post no Facebook



Fonte: <https://rockcontent.com/blog/post-perfeito-para-redes-sociais/>

Os vídeos lideram o engajamento na rede, pois o recurso do movimento se torna atrativo e atinge um número muito maior de usuários. Na página da UOL Notícias, uma postagem com um vídeo atingiu 12 mil visualizações em 58 minutos de publicação, como mostra o exemplo:

Figura 10 – Exemplo de postagem com vídeo



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora [coletada em 24 de setembro de 2018, às 21 horas e 06 minutos]

Os elementos, como os vídeos, os *links* e as imagens, são componentes importantes e eficientes para a recepção de uma postagem. Contudo, independente do formato das postagens, o texto continua sendo o ponto chave das publicações e o seu tamanho é decisivo, para o usuário seguir na leitura ou não. Se o conteúdo é bem exibido na postagem, as pessoas não param de ler o conteúdo, antes de visualizar uma imagem ou um vídeo. Logo, os aspectos organizacionais de uma postagem determinam a motivação nas interações de uma rede social virtual. De tal modo, como já apontado, denominamos essas publicações iniciais como postagens motivadoras.

Do ponto de vista organizacional, em nosso *corpus*, as postagens motivadoras são compostas por resumos de notícias, imagens, manchetes e *links* que aguçam a participação dos usuários. A página do Facebook da UOL Notícias faz suas postagens de forma pública, ou seja, todos os usuários dessa plataforma podem visualizar suas publicações. De modo que, ao entrar na inicial, nos deparamos com as postagens tal qual o formato da figura 11.

Figura 11 – Exemplo de postagem na UOL



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
[coletada em 20 de fevereiro de 2019, às 21 horas e 06 minutos]

Observamos que, inicialmente, há um breve resumo da notícia e um *link* que direciona à notícia completa publicada no *site* da UOL Notícias, em seguida, temos uma

imagem, uma manchete e novamente o *link* do *site*. A partir desse contato com a postagem motivadora, o usuário escolhe o caminho a percorrer.

O sujeito decide em *clicar* no *link* da notícia e ser direcionado para o *site*, ler a notícia na íntegra e depois, se desejar, voltar à página do Facebook e interagir, escolhendo uma das opções (curtir ou outra reação, comentar ou compartilhar). Ou mesmo interagir sem ler a notícia completa *clcando* em uma das opções mencionadas, logo depois do primeiro contato com a postagem.

Com base em suas escolhas interacionais e em seus conhecimentos prévios sobre o assunto, o usuário expõe o posicionamento argumentativo intencionado e constrói a coerência textual em seus comentários Segundo Schnotz (2009),

[...] o leitor não extrai um significado do texto. Muito pelo contrário, o que ele faz é construir esse significado com base no texto, recorrendo ao seu conhecimento prévio. Dependendo do conhecimento prévio, mas também das metas estabelecidas e das expectativas do leitor, o resultado da construção pode ser diferente. (SCHNOTZ, 2009, p.166)

Destarte, as construções são diversificadas e únicas, e, em um curto prazo de tempo, podem surgir expressivos e variados comentários, no Facebook. Neste sentido, o *site* se tornou uma ferramenta muito popular entre os usuários da *internet* e as interações por meio de postagens e comentários se tornam, cada vez, mais naturais e frequentes para as trocas de opiniões e pensamentos em nossa sociedade. Como vemos nas postagens e comentários selecionados.

3.2 SELEÇÃO DAS POSTAGENS MOTIVADORAS E COMENTÁRIOS

Nesta seção, apresentamos as postagens e os comentários de nossas análises. A fim de preservar a identidade dos usuários, ocultamos tanto suas imagens de perfil quanto seus nomes, com exceção da imagem da pesquisadora, pois o acesso foi feito em sua conta pessoal, não necessitando da autorização para o uso de sua imagem.

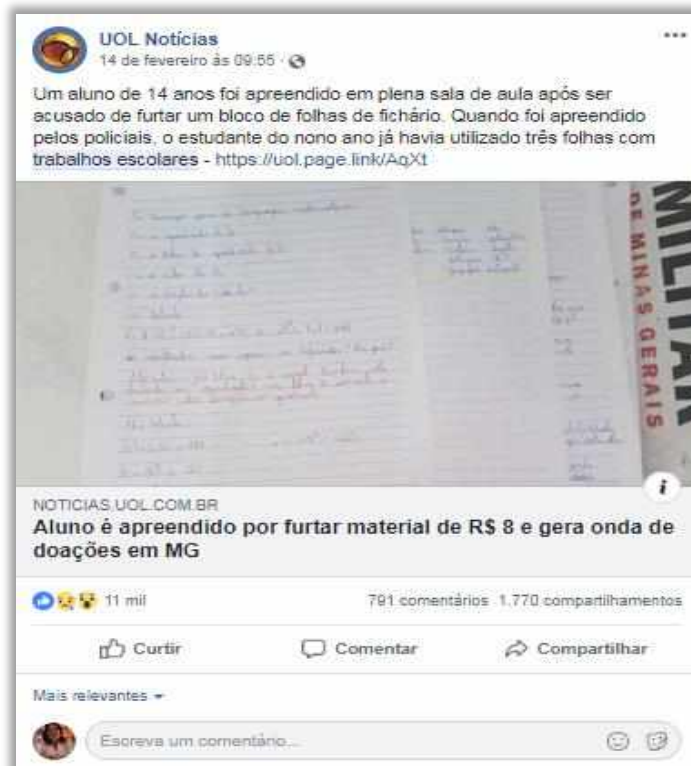
3.2.1 Postagem motivadora 1 e os comentários selecionados

A primeira postagem motivadora desencadeou os dois primeiros comentários analisados. O seu conteúdo é sobre uma notícia do cotidiano social brasileiro, publicada no *site* da UOL Notícias, no dia 13 de fevereiro de 2019 e postada, na página

do Facebook desse mesmo *site*, no dia 14 de fevereiro de 2019, às 9 horas e 55 minutos. Ela foi selecionada por apresentar grande repercussão, no Facebook desta página e, por conseguinte, em um curto espaço de tempo ter obtido mais de 11 mil reações (sendo aproximadamente 5.750 mil no botão “curtir”, 5.320 mil no botão “triste” e 420 no botão “uau”), 1.770 compartilhamentos e 791 comentários, até o momento da coleta.

Em relação ao ponto de vista organizacional, a postagem motivadora apresenta o resumo dos fatos: *“Um aluno de 14 anos foi apreendido em plena sala de aula após ser acusado de furtar um bloco de folhas de fichário. Quando foi apreendido pelos policiais, o estudante do nono ano já havia utilizado três folhas com trabalhos escolares - <https://uol.page.link/AqXt>”*, um *link* para a notícia completa, uma imagem: *“foto das folhas furtadas”* e a manchete da notícia: **“Aluno é apreendido por furtar material de R\$ 8 e gera onda de doações em MG”**, contendo novamente o *link* da notícia o que oferece mais uma oportunidade de acesso à notícia completa. Essa organização pode ser visualizada, na figura 12:

Figura 12 – Postagem motivadora 1



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora³⁷
[coletada em 18 de fevereiro de 2019, às 11 horas e 33 minutos]

³⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3091164997564962>.

A partir da postagem motivadora 1, fizemos a seleção dos comentários com a opção “mais relevantes” ativada e em seguida o uso da alternativa “ver mais comentários”³⁸ assim dos 791 comentários, feitos até aquele momento, obtivemos a quantidade de 52 comentários. Mesmo assim, não temos a pretensão de analisar essa quantidade de comentários, mas somente dois dessa totalidade. Conforme figura a seguir:

Figura 13 – Comentários da Postagem 1



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora³⁹
[coletada em 18 de fevereiro de 2019, às 11 horas e 33 minutos]

Nestes comentários, além dos comentários expressarem um debate com o assunto da postagem motivadora, ocorrem grande incidência de interações (respostas e reações), no espaço de comentários.

3.2.2 Postagem motivadora 2 e os comentários selecionados

A segunda postagem motivadora é sobre uma notícia de cunho político, publicada no *site* da UOL Notícias, no dia 27 de fevereiro de 2019, às 15 horas e 36 minutos e postada, no Facebook do *site*, no mesmo dia às 16 horas e 03 minutos. A coleta foi realizada no dia 28 de fevereiro de 2019 às 17 horas e 03 minutos com a marca de 6,9 mil reações (sendo quase 3,5 mil no botão “curtir”, 1,7 mil no botão “haha”, 570 no

³⁸ As opções “mais relevantes” e “ver mais comentários” são disponibilizadas pela própria plataforma Facebook.

³⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3091164997564962>.

botão “amei”, 417 no botão “grr”, 148 no botão “triste” e 70 no botão “uau”), 764 compartilhamentos e 1,764 mil comentários, até o momento da coleta.

A postagem motivadora 2 foi vista como interessante pela pesquisadora por, desde o envio do pedido do Ministro às escolas, ter sido um assunto muito discutido nos meios de comunicação do país, e principalmente, pela intensa repercussão e debate causado entre os usuários do Facebook. Ela expõe as informações, da seguinte maneira: *“Ministro da Educação pediu que escolas de todo o país filmassem os seus alunos cantando o hino nacional - <https://uol.page.link/qVvt>”* com o link para a notícia e uma imagem *“foto em que aparece uma imagem congelada de um vídeo de jovens dançando funk”*. Em seguida, temos a manchete: **“Reação de pedido do MEC sobre hino tem memes, paródias e protestos”** que traz novamente, o link para a notícia completa. Verificamos esses dados, na figura 14:

Figura 14 – Postagem motivadora 2



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora⁴⁰
[coletada em 28 de fevereiro de 2019, às 17 horas e 03 minutos]

⁴⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3119474014734060>.

Com base na postagem motivadora 2, selecionamos, também, os comentários com a ferramenta “mais relevantes” ativada, mas pela grande quantidade de comentários existentes não foi necessário o uso da opção “ver mais comentários”, já que os dois comentários exibidos, como os mais relevantes, até aquele momento, tinham um número elevado de reações e respostas suficientes para as análises. Trazemos estes comentários na figura 15.

Figura 15 – Comentários da Postagem 2



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora⁴¹
[coletada em 28 de fevereiro de 2019, às 16 horas e 45 minutos]

Assim como, nos comentários primeira postagem, identificamos, nestes textos um grande número de interações entre os usuários. Elas são feitas, também, por meio das respostas (comentário a comentário) e pelos botões de reações (“curtir”, “amei”, “triste”, “haha” e “uau”).

De tal modo, notamos a relevância destes textos não só entre postagem motivadora e comentários, mas também entre os comentários aos comentários e entre os botões de reações. Isso reforça o motivo da análise da coerência e da orientação argumentativa, destes comentários. Feitas as apresentações, partimos para a concretização das análises.

⁴¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3119474014734060>.

3.3 COERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO NOS COMENTÁRIOS DO FACEBOOK

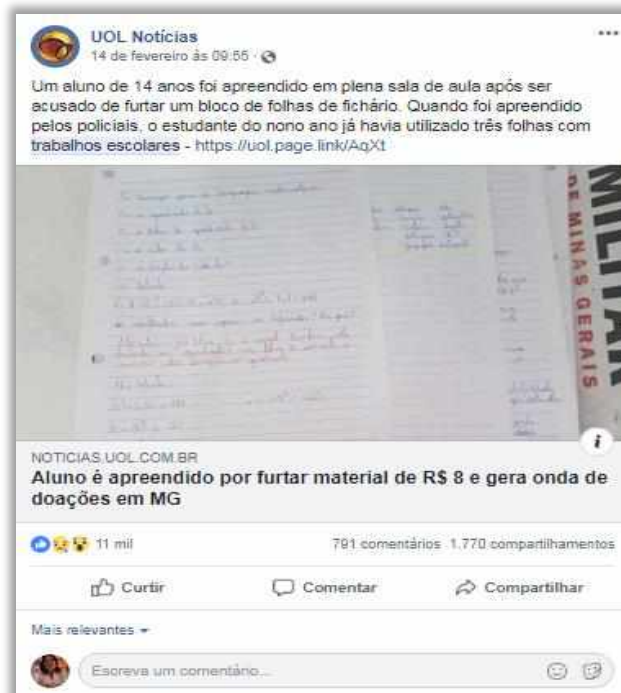
A partir da fundamentação teórica, buscamos subsídios, para a análise da coerência e da orientação argumentativa nos comentários do Facebook, considerando as seguintes categorias:

- I. Os processos referenciais, os quais constituem fenômenos mais amplos que somente seleções de referentes, considerando: i) as escolhas lexicais; ii) o emprego dos *RID's* e iii) os efeitos dos botões de reações;
- II. Os processos de instauração, de progressão e de expansão do tópico discursivo;
- III. Os processos de intertextualidade, principalmente, no uso de *links*.

3.3.1 Postagem Motivadora 1 e análises dos comentários

A postagem motivadora 1 agrupa elementos escritos, imagens e *links*, numa ligação constante de informações, com o seguinte tópico central: **“aluno é apreendido por furtar material escolar”**.

Figura 16 – Postagem motivadora 1

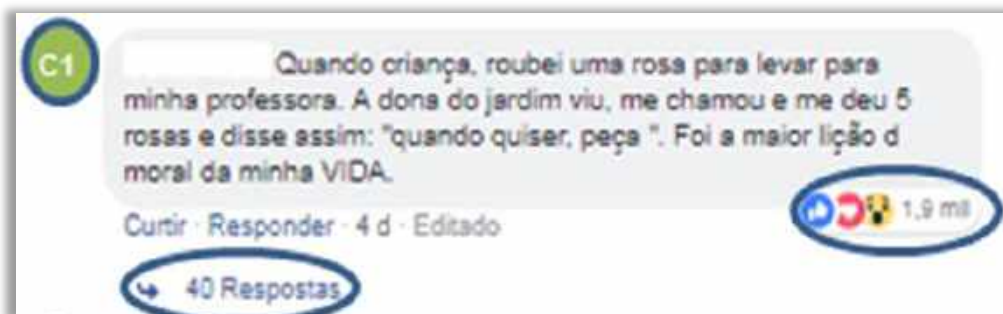


Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
<https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3091164997564962>

A partir da compreensão do tópico discursivo, os usuários compartilham suas impressões e opiniões, de acordo com a relevância assumida. Dessa forma, eles constroem seus comentários focalizando o que consideram relevante, instituem uma orientação argumentativa e, conseqüentemente, a coerência é construída, como notamos nos dois comentários analisados para essa postagem:

3.3.1.1 Comentário 1 – Focalização no roubo

Figura 17 – Comentário 1.1



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
<https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3091164997564962>

O C1 **“Quando criança, roubei uma rosa para levar para minha professora. A dona do jardim viu, me chamou e me deu 5 rosas e disse assim: “quando quiser, peça”. Foi a maior lição d moral da minha VIDA.”** gera um grande número de interações entre respostas (40) e botões de reações “curtir”, “amei” e “uau” (1,9 mil). O comentário orienta a argumentação e marca a construção da coerência de forma (hiper)textual, interativa e participativa, através de seus recursos verbais e tecnológicos. Essa construção é analisada pela dinâmica da referenciação, da progressão tópica em um constante movimento intertextual.

Do ponto de vista da referenciação, o usuário elege referentes com base na relevância que o tema traz para ele, neste caso uma situação de roubo. A escolha pelos objetos de discurso: “criança” e “professora” coloca em foco uma situação vivenciada por uma criança estudante, semelhante à descrita, na postagem motivadora. Enquanto: “rosas” e “dona do jardim” contextualmente são associados com “material escolar” e “policiais”, respectivamente. Esses processos anafóricos, proporcionam a continuidade referencial, por meio de novas expressões.

Dessa forma, as cadeias referenciais representam aquilo que é relevante, naquele momento, para a construção de modelos contextuais. Os usuários produzem textos singulares, ajustados com seus propósitos comunicativos, num complexo processo cognitivo com a intenção de que seus interlocutores compreendam seus posicionamentos (VAN DIJK, 2012). Nesse sentido, a relevância é concebida por referentes inferíveis, bem como a relação de concernência, entre os elementos do comentário e da postagem motivadora, é notada pelos mesmos referentes.

Tudo isso, além de garantir a continuidade referencial, proporciona uma nova centração do tópico auxiliando em sua expansão, uma vez que o produtor desse comentário utiliza um caso particular e cria o seguinte tópico: “**criança rouba rosas e recebe lição de vida**”. Segundo Galembek (2017), podemos chamar esse procedimento de um processo de expansão tópica que funciona como uma alusão, ou seja, o relevante para esse usuário é comparar por meio de sua “lição de vida” a ação do roubo que focalizou no tópico central.

À luz da expansão tópica, o usuário, ao criar uma nova centração, expande o tópico, sem abandonar o tópico central. O usuário não se refere diretamente ao garoto e ao furto. No entanto, contextualmente e intertextualmente, ele focaliza a postagem motivadora.

Da mesma forma, a opinião de que outra atitude poderia ter sido tomada pelos policiais e pela papelaria, indica a orientação argumentativa que o usuário pretende produzir em seu texto. Esses processos colocam em evidência a intencionalidade do produtor e demonstram uma relação intertextual ampla (CARVALHO, 2018) que o usuário cria em torno de seu comentário, uma vez que as duas situações falam de roubo por crianças.

Portanto, se pensarmos que a linguagem é intencional, bem como as suas escolhas, não podemos pensar que o C1 não tenha coerência, pois ao expandir o tópico discursivo o usuário situa em seu comentário “os assuntos tratados no universo cognitivo-conceitual dos interlocutores” sem perder a coerência (GALEMBECK, 2017, p. 199). Além disso, o comentário abre um canal de “conversação” para discussão do seu ponto de vista. Como vemos a seguir, nos comentários a comentários.

3.3.1.1.1 Comentários a comentários

Os CC's, respostas ao comentário 1, agem de forma contígua, pois os usuários interagem entre si formando uma “quase conversação” (OLIVEIRA, 2013) e, mesmo que estes comentários sejam produzidos em momentos diferentes, eles são resultados da colaboração e participação dos usuários, formando uma unidade textual coerente. O que nos faz pensar que assíncrono e síncrono são trabalhados num continuum (BARTON & LEE, 2015).

Desse modo, podemos pensar que, no Facebook, o sistema de comentários funciona como uma espécie de polílogo (MARCOCCIA, 2004), ou seja, pequenos blocos de conversações são formados e geridos por muitas pessoas que falam, ou não, dos mesmos assuntos, o que apresenta um conjunto de possibilidades para ampliar e expandir o tópico discursivo. Nesse sentido, segundo Capistrano Junior et al. (2019), as interações são poligeridas e poliautorais.

Nesse intercambio de muitas vozes, Galembeck (2017) assume que a construção do tópico discursivo é dinâmica e coparticipativa e envolve os interlocutores, enquanto eles tenham algo para dizer. Assim, o tópico se mantém pelo tempo em que a atenção é centrada em um determinado foco e é identificado nos textos por referentes textuais ou inferíveis.

Para isso, cada participante busca subsídios nas informações e nos recursos tecnológicos que o ambiente virtual fornece, a fim de construir sentidos em seus comentários e indicar a orientação argumentativa desejada. No espaço para os comentários a comentários, a forma que os textos são dispostos mostra que a coerência e a argumentação podem ser manifestadas, por todo o ambiente (hiper)textual (DEGANO, 2014).

Nas próximas análises, reunimos os CC's feitos a partir do C1 e do tópico expandido: “**criança rouba rosas e recebe lição de vida**”, no intuito de apontar a coerência e, sobretudo, a orientação argumentativa, neste espaço de resposta. Para isso levamos em conta as expressões nominais referenciais, os referentes imagéticos e os movimentos inter e (hiper)textuais, nestas interações mais próximas dos usuários do Facebook.

Quadro 2 – Comentários a Comentários do C1.1

C1 Quando criança, roubei uma rosa para levar para minha professora. A dona do jardim viu, me chamou e me deu 5 rosas e disse assim: "quando quiser, peça". Foi a maior lição d moral da minha VIDA.
Curtir · Responder · 4 d · Editado 

40 Respostas

R1 Superfã  caramba também acho. Só de ler da pra pensar isso
Curtir · Responder · 19 sem 

R2  Realmente! Uma lição para a vida toda...
Curtir · Responder · 19 sem 

R3  **C1** uma pena que nessa papelaria nem que pedisse eles iam dar!
Curtir · Responder · 19 sem 

R4  O garoto errou? Errou sim. Mas ninguém ajudou antes. A mãe desempregada, o pai está preso e ele tem outros irmãos. Teve de acontecer para a mãe conseguir um emprego, os irmãos ganharem material e ele também.
Curtir · Responder · 19 sem 

R5  é verdade, eu era a rosa 
Curtir · Responder · 19 sem 

R6  **C1** **R4** infelizmente muitos fecharam os olhos para não abrir a mão.
Curtir · Responder · 19 sem 

R7  As vezes uma palavra ensina mais do que qualquer coisa...
Curtir · Responder · 19 sem 

R8  **R4** exato. Poucos os que cuidam dessas "pequenas necessidades" que podem e muito mudar uma vida. Eu encontrei anjos na minha infância que nunca esqueci. Vizinhos e professores. 
Curtir · Responder · 19 sem 

R9  **R5** ridícula vc 
Curtir · Responder · 19 sem 

R10 Superfã  **C1** bonita história!
Curtir · Responder · 19 sem 

Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
[coletada em 18 de fevereiro de 2019, às 11 horas e 33 minutos]

a) *Escolhas lexicais*

No CC1 “**caramba também acho. Só de ler da para pensar isso.**”, o usuário expressa concordância com o ponto de vista do C1 ao encapsular o comentário com o pronome “isso”. Os CC2 “**Realmente! Uma lição para a vida toda...**” e CC7 “**As vezes uma palavra ensina mais do que qualquer coisa...**” focalizam o que teve de mais relevante a partir do C1, construindo a coerência com ele. Além disso, eles evidenciam um ponto de vista de semelhante a orientação argumentativa do C1, “a lição de vida” poderia ter sido transmitida ao garoto, sem a necessidade da apreensão.

Os três CC’s confirmam, pelo cotexto e contexto, o posicionamento argumentativo de concordância com o C1, com o tópico expandido, bem como o conhecimento do tópico central. Na intenção de manifestar algo em dada situação interativa, os usuários constroem sentidos em suas respostas criando vínculos na combinação entre seus conhecimentos e as informações do ambiente virtual. Degano (2014) traz a ideia da coerência e das relações argumentativas serem construídas com a colaboração de todo ambiente da *internet*.

Logo, vemos que a língua oferece subsídios para a argumentação e para a construção da coerência e que, no ambiente virtual, os usuários podem até parar em determinado ponto, avançar ou voltar; explorar as postagens, terem suas opiniões validadas ou contestadas por outros usuários, e ainda assim seus textos serão coerentes e suas opiniões entendidas por aqueles que navegam naquele espaço.

Outro recurso que retoma, hiper e intertextualmente, o tópico central e permite o acesso a outras informações para a construção da coerência e da argumentação nos comentários virtuais é a utilização de *links*.

b) *Uso de links*

No CC3: “[**C1**] **uma pena que nessa papelaria nem que pedisse eles iam dar!**”, quando o usuário introduz o objeto de discurso “papelaria” como uma anáfora indireta, levamos em conta as relações intertextuais, que para Carvalho (2018) estão subentendidas em todo o texto ou a partir dele. Podemos sustentar o movimento do CC3, como uma relação temática, no compartilhamento dos conteúdos que determinam o assunto que é focalizado.

Cavalcante (2008) afirma que temos a intertextualidade temática quando entendemos o texto fonte como uma unidade de coerência global. Pelo nosso conhecimento de mundo, inferimos que material escolar se compra em papelaria, mas também aventamos a hipótese desse usuário ter clicado no *link*, da postagem motivadora, e ter lido a notícia completa e obteve informações fora da plataforma do Facebook.

É, também, por meio do CC seguinte que a argumentação do usuário, mesmo produtor do CC3, sucede para destacar o que ainda não foi mencionado, mas o que é preciso saber. Na análise do CC4, fortalecemos a hipótese de o usuário ter buscado informações fora do Facebook e depois ao retornar preenche com dados novos. Dessa forma, entender o uso dos *links* auxilia na compreensão da construção da coerência de um texto.

No CC4, **“O garoto errou? Errou sim. Mas ninguém ajudou antes. A mãe desempregada, o pai está preso e ele tem outros irmãos. Teve de acontecer para a mãe conseguir um emprego, os irmãos ganharem material e ele também.”**, que é escrito pelo mesmo usuário do CC3, além de referenciar informações do tópico central, introduz novas informações como *“a mãe desempregada”*, *“o pai preso”* e *“outros irmãos”*, o que confirma nosso entendimento sobre uma construção de coerência (hiper)textual e intertextual, proporcionada pelo ambiente da *internet*.

É pelo acesso do *link*, disponibilizado pela postagem motivadora, que se encontra a notícia completa e onde estão estas informações. Logo, intertextualmente, um texto sempre remete a outros e no caso da *internet*, além de nossa bagagem textual, temos a oportunidade de buscar outros conteúdos, principalmente por meio dos *links*. Segundo Storrer (2009) a coerência nos hipertextos acontece com relações bem mais intensas que nos textos tradicionais.

O sistema de comentários do Facebook contribui para essas relações mais intensas e próximas, pois quando um usuário clica na palavra “responder” de um CC, o nome da pessoa aparece automaticamente; essa palavra funciona na verdade como um *link* interno da plataforma. Assim vemos que muitos CC’s respondem diretamente ao seu interlocutor.

O CC6 produzido pelo mesmo usuário do C1, responde diretamente: “[R4] **Infelizmente muitos fecharam os olhos para não abrir a mão**” e ao “chamá-lo” pelo nome se aproxima e explicita que está participando da discussão, reforçando o processo interacional e reforçando seu próprio ponto de vista do C1. No CC10 “[C1] **bonita história**”, o usuário além de expressar uma opinião sobre a história do tópico em expansão num posicionamento amigável, também, aborda o produtor do C1, diretamente, como em uma conversa face a face.

Essas interações evidenciam uma evolução no processo de construção da coerência e da argumentação, pois, no mundo interativo das redes sociais, temos textos construídos por meio de diferentes acessos. Oliveira (2013) traz esses espaços, tipo os do Facebook, como canais de convívio tão próximos entre seus usuários que em alguns casos os comentários se parecem mais com diálogos.

Os usuários, ao clicarem em *links*, são conduzidos a outras mídias e outras informações são disponibilizadas como também têm a possibilidade de manterem uma comunicação de forma contígua. Tudo isso acontece por meio de recursos (hiper)textuais das plataformas que as pessoas utilizam a fim de construir seus textos, sustentarem seus posicionamentos argumentativos e se aproximarem uns dos outros. Essa convergência, segundo Jenkins (2006), representa uma transformação cultural, visto o modo que os participantes buscam novas possibilidades para fazerem suas conexões.

Elias e Cavalcante (2015) afirmam que essa nova forma de escrever é um traço de conexão múltipla entre textos, resultante de uma ação colaborativa dos usuários. Para isso, não só as produções verbais ou os *links* são usados, mas também, os *RID's* analisados a seguir.

c) *RID's*

No CC8 “[R4] **exato. Poucos os que cuidam dessas ‘pequenas necessidades’ que podem e muito mudar uma vida. Eu encontrei anjos na minha infância que nunca esqueci. Vizinhos e professores.**🙏🥰🌹” também há uma resposta direta em concordância a posição do CC4, expandido novamente o tópico por meio de um

exemplo particular, o termo “exato” predica o conteúdo do comentário C1, recuperado inferencialmente.

Como nos CC’s anteriores, percebemos que neste CC o usuário “conversa” sobre sua história e expõe sua opinião de forma amigável e contígua. Nos padrões dos ambientes (hiper)textuais esta troca entre os comentários tem se mostrado uma dinâmica usual para a construção da coerência. Ademais, nesse CC, observamos o emprego de *RID*’s por meio de três *emojis* que servem para ampliar e destacar a opinião expressa de forma imagética.

Segundo Oliveira (2019), esses recursos significam respectivamente: “esperança/se Deus quiser”, “pessoa encantada com alguém ou com algo que tenham feito” e “uma rosa” os quais ajudam a desenvolver e corroborar com o posicionamento do comentário exposto anteriormente. A autora salienta que os *RID*’s

[...] contidos nas postagens e comentários são utilizados para ampliar o assunto que está sendo tratado, ou seja, os internautas empregam emoticons, *emojis*, *sticker*s, gifs e memes para ampliar o tópico discursivo e também como forma de argumentar sobre o tópico em evidência, seja de forma favorável ou não. (OLIVEIRA, 2019, p. 349)

No caso do CC8, os recursos imagéticos podem ter os significados mencionados pela autora, mas entendemos que entregar uma rosa, também, é uma forma de agradecimento, bem como o gesto de mãos unidas. Então, vemos esses dois *RID*’s como forma de demonstrar agradecimento aos “anjos da infância”. Já a “carinha com os corações nos olhos” segue a forma como Oliveira (2019) defende.

Portanto, o subsídio dos *RID*’s nesse comentário, não só propaga de forma coerente a continuidade do tópico ampliado no C1, mas também ratifica o posicionamento argumentativo nele expresso. Nessa lógica, os botões de reações, também, atuam nos comentários virtuais, como exemplificado a seguir.

d) Botões de reações

No CC5, “**é verdade, eu era a rosa** 🤔👉👉👉” nos deparamos com um posicionamento jocosos e aborrecido sobre o que está sendo debatido, até aquele momento. Neste caso, por mais que de forma contextual não encontramos relação com o tópico central, notamos a presença do objeto de discurso “rosa” que faz uma relação com o tópico

expandido do C1. Dessa forma, o comentário é coerente com o assunto do tópico expandido e demonstra um posicionamento argumentativo contrário as discussões.

Verificamos também que por meio dos botões de reações, deste CC, alguns usuários acham graça, outros demonstram raiva e alguns curtem, evidenciando que houve sentido e aceitação por alguns usuários 🤔👍👎👏. Dessa forma, esse comentário não fica perdido e demonstra continuidade tópica, coerência e principalmente um posicionamento argumentativo desfavorável ao que está sendo discutido e dá margem para outras discussões e ampliações do tópico, como podemos notar no CC a seguir.

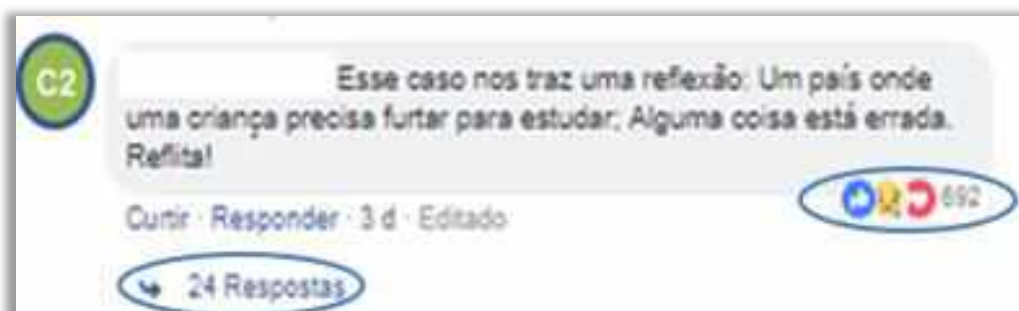
No CC9 “[R5] ridícula vc 🤔” notamos uma nova focalização, pois o comentário é cunhado um juízo de valor ao CC5, de maneira contígua e de certa forma grosseira. Segundo Schnotz (2009), o foco da atenção deve sempre estar dirigido para o tema atual, mas no caso de uma mudança de tema, devemos deslocar esse foco, conforme as situações, a fim de iniciar um novo tópico, uma nova centração.

Neste caso, podemos pensar que um novo debate sobre o posicionamento do CC5 pode ser iniciado. Esse CC é curtido por cinco pessoas 🤔, o que comprova uma orientação argumentativa de concordância ao julgamento do CC9, através dos botões de reações, de tal modo para esses usuários o comentário fez sentido e foi coerente.

Ainda na reflexão da postagem motivadora 1 e seguindo o tópico central: **“aluno é apreendido por furtar material escolar”**, analisamos o segundo comentário tido como mais relevante do sistema de comentários e suas interações.

3.3.1.2 Comentário 2 – Focalização na situação do país

Figura 18 – Comentário 2.1



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
<https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3091164997564962>

O C2 “**Esse caso nos traz uma reflexão. Um país onde uma criança precisa furtar para estudar. Alguma coisa está errada. Reflita!**” gera 24 respostas e 692 reações nos botões de “curtir”, “triste” e “amei”. Esse comentário expande o tópico central da postagem motivadora para: “**um país que crianças precisam furtar para estudar**”. O relevante para esse usuário é colocar em foco a situação social do país que para ele, leva crianças a furtar para estudar. Pinheiro (2006) traz o tópico como uma categoria interacional e diz que ele se identifica com os interesses de seus usuários.

A análise dos processos referenciais, neste comentário, nos apresenta, principalmente, a anáfora “esse caso” encapsulando a ocorrência da postagem motivadora, além da introdução dos objetos de discurso “um país” e “alguma coisa errada”, que sugerem as reflexões das questões sociais do país. Neste comentário, alguns elementos mantêm a focalização no tópico central e outros ampliam a contração tópica. Isso faz com que os conhecimentos de mundo sobre a situação política e social do país sejam ativados para a expansão tópica.

Do ponto de vista dos procedimentos de expansão tópica as diferentes formas de participações dos usuários são realizadas para reforçar a focalização do tópico em andamento, através de informações adicionais. O usuário se dirige aos possíveis usuários do Facebook, pedindo considerações sobre seu ponto de vista, ou seja, um posicionamento argumentativo de que é necessária uma reflexão sobre a situação social do país.

Por meio da modalidade de opinião, ele expressa uma opinião pessoal para emitir um juízo de valor sobre a situação social do país e, conseqüentemente, do aluno. Nesta modalidade, a expansão tópica acontece como “um deslocamento parcial do tópico, uma forma de continuidade menos estrita”. Galembeck (2017) afirma que neste processo há uma manifestação subjetiva e que apesar disto “verifica-se que a opinião pessoal possui também um caráter contextualizador e evidencia a relevância do assunto em questão” (GALEMBECK, 2017, p. 205).

Nesse sentido, as conexões (hiper)textuais convergem para a ampliação do tópico e demonstram a coerência e a argumentação dos comentários do Facebook, como também, nos comentários a comentários, a seguir.

3.3.1.2.1 Comentários a comentários

Como já vimos, o texto é aplicado num contexto comunicativo maior, as conexões são construídas e estabelecidas em um modelo mental coerente. A hipertextualidade, do espaço virtual, abre um canal de convívio entre os usuários e cria a possibilidade de intervenções diretas no conteúdo apresentado ou modificações com informações novas. E isso se dá, principalmente, por meio dos diversos recursos tecnológicos, que as mídias colocam à disposição de seus usuários. Esse modo de comunicação pode ser observado, por meio dos comentários a comentários.

Por conseguinte, os recursos (hiper)textuais, destes espaços, são usados para retomar o tópico central, elaborar significados e contribuir para a circulação de enunciados coerentes nos ambientes virtuais. Com relação à coerência nos (hiper)textos, Storrer (2009) afirma que as pessoas formulam os textos de forma que os destinatários percebam as instruções de um preenchimento referencial, numa representação abrangente do tema global.

Nos espaços da *Web*, os usuários percebem o mundo textual de uma forma espontânea e não são mais somente os dados (hiper)textuais que formam os textos, mas sim um modo de comunicação que os estimulam a interligar informações e conhecimentos com seus interlocutores. A organização tópica é desenvolvida e ampliada nos comentários do Facebook como uma sequência conversacional, semântica e pragmaticamente relevante o que pode proporcionar uma relação lógica e coerente nos blocos conversacionais (LINS, 2008).

Notamos, nas análises seguintes, que a maioria dos usuários interage de forma contígua ao C2, pois nos ambientes da *internet*, apesar dos comentários serem publicados de forma escrita, os usuários parecem dialogar entre si (OLIVEIRA, 2013). Essas interações organizam e facilitam a construção da coerência e cada comentário busca construir sentidos e evidenciar a orientação argumentativa de seus textos.

Ainda, a partir da postagem 1 e do tópico central “**aluno é apreendido por furtar material escolar**”, abordamos o tópico expandido: “**Um país que crianças precisam furtar para estudar**”, a fim de analisar os comentários a comentários, do C2.

Quadro 3 – Comentários a Comentários do C2.1

C2 Esse caso nos traz uma reflexão: Um país onde uma criança precisa furtar para estudar; Alguma coisa está errada. Reflita!
 Curtir · Responder · 3 d · Editado 

R1 **C2** estudar pra roubar?
 Curtir · Responder · 19 sem

R2 Triste realidade 
 Curtir · Responder · 19 sem

R3 Falou tdo 
 Curtir · Responder · 19 sem

R4 **C2** **R1** Sim, eu li a matéria. Na verdade, nunca sob quaisquer hipótese, deveria faltar o material para estudar, assim como não deveria faltar educação de qualidade, saúde, segurança, alimentação e etc, o Poder Público, a sociedade, a família têm ... Ver mais 
 Curtir · Responder · 19 sem

R5 **C2** **R2** Deixo meu lamento, e pedimos por dias melhores.
 Curtir · Responder · 19 sem

R6 FurtaR *** 
 Curtir · Responder · 19 sem

R7 **C2** meu caro será que precisa disso ? Ou apenas apropriar de algo que não tem condições ? Não posso comprar fichário porém posso comprar um caderno . Já imaginou se todos fizerem o mesmo ? 
 Curtir · Responder · 19 sem

R8 **C2** verdade 
 Curtir · Responder · 19 sem

R9 **C2** os pais bebê ou fuma de mais.
 Curtir · Responder · 19 sem

R10 **C2** **R7** Na história narrada, não existe contexto sobre o fichário, então, não podemos fazer ilações. Pensa, e de repente o fichário foi doado, ou era usado de outrora quando a mãe estava empregada. De maneira nenhuma devemos concordar com o furto.... Ver mais 
 Curtir · Responder · 19 sem · Editado

Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
 [coletada em 18 de fevereiro de 2019, às 11 horas e 33 minutos]

a) *Escolhas lexicais*

Em CC4: “[R1] **Sim eu li a matéria. Na verdade, nunca sob quaisquer hipótese, deveria faltar o material para estudar, assim como não deveria faltar educação de qualidade, saúde, segurança, alimentação e etc, o Poder Público, a sociedade, a família tem... Ver mais**”, o rótulo “matéria” se referindo à leitura da notícia e os objetos de discurso “material” e “educação” nos remetem à postagem motivadora e, conseqüentemente, ao tópico central o que evidencia um movimento intertextual feito pelo usuário. Essa mobilização fortalece a argumentação e contribui para a coerência do comentário.

Em CC7: “[C2] **meu caro será que precisa disso? Ou apenas apropriar de algo que não tem condições? Não posso comprar fichário porem posso comprar um caderno. Já imaginou se todos fazerem o mesmo?**” os referentes “fichário” e “caderno” retomam o assunto, assim como no CC10: “[R7] **Na história narrada, não existe contexto sobre o fichário, então, não podemos fazer ilações. Pensa, e de repente o fichário foi doado, ou era usado de outrora quando a mãe estava empregada. De maneira nenhuma devemos concordar com o furto... Ver mais**” o objeto de discurso “fichário” é usado duas vezes, mantendo a focalização no tópico central.

Todo texto é motivado pela intencionalidade, sendo assim, os CC: 4, 7 e 10 procuram fazer com que as pessoas acreditem no que eles estão dizendo, por meio dos processos referenciais. Com isso, as relações intertextuais são dadas pela copresença de partes de textos ou por derivações que estão subentendidas em todo o comentário ou a partir dele, assim as escolhas lexicais têm papel fundamental para a continuidade do assunto.

No entanto, a intertextualidade não ocorre somente com a retomada de léxicos ou de um texto específico, mas sim, segundo Carvalho (2018), podemos perceber pelos indícios concernentes a forma padrão de um gênero ou a uma temática divulgada por diversos textos. Como observamos nos comentários analisados, a seguir, em que os recursos intertextuais que o ambiente virtual oferece não é só por meio de referentes explícitos, mas principalmente *links*.

b) *Uso de links*

Nos CC4: “[R1] **Sim eu li a matéria. Na verdade, nunca sob quaisquer hipótese, deveria faltar o material para estudar, assim como não deveria faltar educação de qualidade, saúde, segurança, alimentação e etc, o Poder Público, a sociedade, a família tem... Ver mais**” e CC10: “[R7] **Na história narrada, não existe contexto sobre o fichário, então, não podemos fazer ilações. Pensa, e de repente o fichário foi doado, ou era usado de outrora quando a mãe estava empregada. De maneira nenhuma devemos concordar com o furto... Ver mais**” as interações são contíguas e nestes casos, para a produção dos argumentos, os usuários manifestam que leram a matéria e trazem novas informações para reforçar o posicionamento expresso no C2.

Esses comentários demonstram que os *links* levaram os usuários para fora da plataforma do Facebook e que houve acesso à notícia completa. Notamos nas evidências como: “*Sim eu li a matéria*”, “*Na história narrada*”, “*fichário*” e “*mãe*” que os usuários buscaram informações além da postagem motivadora e dos comentários, a fim de produzirem comentários coerentes e com argumentos baseados nos fatos noticiados.

Nos CC1: “[C2] **estudar para roubar?**”, CC5: “[R2] **Deixo o meu lamento, e pedimos por dias melhores**”, CC7: “[C2] **meu caro será que precisa disso? Ou apenas apropriar de algo que não tem condições? Não posso comprar fichário porem posso comprar um caderno. Já imaginou se todos fazerem o mesmo?**”, CC8: “[C2] **verdade**” e CC9: “[C2] **os pais bebé ou fuma de mais**” demonstram, que houve interações por *links* internos e eles se ligaram de forma contígua. Como já mencionado, quando se clica na palavra “responder” em um CC, um *link* é criado e o nome da pessoa aparece no espaço de escrita, o que aproxima os usuários auxiliando a manter uma “quase conversação” (OLIVEIRA, 2013).

Ademais os textos expressam opiniões favoráveis “*verdade*” e desfavoráveis “*estudar para roubar?*”, “*meu caro será que precisa disso?*”, revelando a abertura para o debate de ideias e posicionamentos. No CC5 é expressa uma queixa em relação ao ponto de vista do outro (talvez ironicamente), mas não deixa de expressar a opinião, de que algo está errado, ao pedir por dias melhores.


c) *RID's e outros recursos multimodais (letras e símbolos)*




No CC3: “**Falou tudo** 🙌🙌🙌🙌🙌” é uma resposta em concordância ao posicionamento do C2 “**Esse caso nos traz uma reflexão: Um país onde uma criança precisa furtar para estudar. Alguma coisa está errada. Reflita!**”. Nota-se isso pelos emojis de palmas e sabemos que se refere ao C2, pois quando não há nenhum nome escrito compreendemos que a interação é direta ao comentário inicial.


Segundo Oliveira (2019, p. 377), quando esse recurso aparece “várias vezes podem ser usados como uma rodada de aplauso” e marca mais ainda o ponto de vista assumido, neste caso a aceitação com o C2. O uso de *RID's*, por meio dos *emojis* “mãos de aplauso”, serve, neste caso, para ampliar e destacar a orientação argumentativa em andamento.


O CC6: “**FurtaR******”, também, é construído por meio de dois recursos que vão além do verbal, notamos que o uso da letra maiúscula R, seguida de asteriscos, no final da palavra furtar nos dirige intencionalmente para uma outra interpretação da palavra. Podemos inferir, pelo conhecimento de mundo, que ele se refere à palavra “roubar”. Dessa forma, o usuário satiriza os comentários que usam a palavra “furtar”, como meio de amenizar a ação do aluno e expressa um ponto de vista negativo sobre a ação do garoto e dos comentários que criticam a situação do país e deixam de lado a ação do garoto.



d) *Botões de reações*

O C2: “**Esse caso nos traz uma reflexão: Um país onde uma criança precisa furtar para estudar. Alguma coisa está errada. Reflita!**”  apresenta 692 reações pelos botões, sendo que a maioria se concentra em “curtir”, “triste” e “amei”. Por meio destes recursos, os interlocutores demonstram que há coerência no comentário e, conseqüentemente, expressam concordância com a orientação argumentativa apresentada. Os botões de reações aos comentários demonstram a argumentatividade de forma condensada bem como revelam a construção da coerência interacional. Como observado nos comentários a comentários seguintes.

No CC2: **“Triste realidade”**  a opinião do usuário é reforçada pelos botões “curtir” e “triste”; no CC3: **“Falou tudo”**  quatro curtidas demonstram aprovação dos usuários a essa mensagem; o CC4: **“[R1] Sim eu li a matéria. Na verdade, nunca sob quaisquer hipótese, deveria faltar o material para estudar, assim como não deveria faltar educação de qualidade, saúde, segurança, alimentação e etc, o Poder Público, a sociedade, a família tem... Ver mais”**  tem quinze reações positivas por meio dos botões “curtir” e “amei”.

O CC6: **“FurtaR***”**  que satiriza o fato de as pessoas estarem amenizando a ação do garoto e não usarem a palavra roubo desperta reações nos botões “curtir” e “haha” as quais evidenciam entendimento do comentário e possivelmente concordância com o posicionamento.

No CC7: **“[C2] meu caro será que precisa disso? Ou apenas apropriar de algo que não tem condições? Não posso comprar fichário porem posso comprar um caderno. Já imaginou se todos fazerem o mesmo?”**  há uma aprovação e um espanto pelos botões “curtir” e “uau”. Neste comentário a posição argumentativa contesta o tópico em expansão e causa aprovação e sobressalto.

No CC8: **“[C2] verdade”**  dois usuários curtem a opinião e no CC10: **“[R7] Na história narrada, não existe contexto sobre o fichário, então, não podemos fazer ilações. Pensa, e de repente o fichário foi doado, ou era usado de outrora quando a mãe estava empregada. De maneira nenhuma devemos concordar com o furto... Ver mais”**  as reações acontecem pelos botões “curtir” e “amei”, no sentido de aceitação, pois o CC justifica a discordância com o furto.

Oliveira (2019) afirma que um dos principais recursos tecnológicos das mídias de redes sociais são os *RID's* e nessa perspectiva, os botões de reações fortalecem as opiniões dos comentários, pela aprovação ou não do tópico focalizado.

Com o objetivo aprofundar nossas análises, nesse intenso processo de criação textual que o mundo dos comentários virtuais nos proporciona, analisamos um novo assunto com mais uma postagem motivadora.

3.3.2 Postagem Motivadora 2 e análises dos comentários

Na postagem motivadora 2, o tópico central “**Pedido de Ministro gera reações e protestos**” traz diversas interações no sistema de comentários do Facebook.

Figura 19 – Postagem motivadora 2

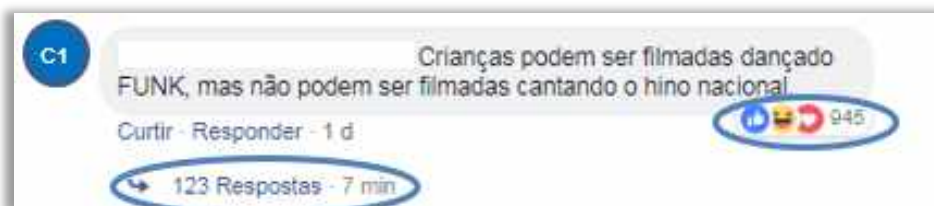


Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
<https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3119474014734060>

Com essa publicação exploramos os aspectos (hiper)textuais dos comentários em que a textualidade virtual é percebida em todo ambiente virtual. Assim, a referenciação, os processos de progressão e expansão do tópico discursivo, a relevância e a focalização se fazem presentes nos dois comentários selecionados nesta postagem.

3.3.2.1 Comentário 1 – Focalização na filmagem

Figura 20 –Comentário 1.2



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
<https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3119474014734060>

O C1 **“Crianças podem ser filmadas dançando *FUNK*, mas não podem ser filmadas cantando o hino nacional”** motiva 123 respostas e mais de 945 reações nos botões “curtir”, “haha” e “amei”. Com esse comentário, verificamos que as pessoas produzem seus textos de acordo com seus propósitos, num complexo processo cognitivo (VAN DIJK, 2012). O usuário, do C1, deixa de focalizar sua atenção, somente, no pedido do ministro para comentar sobre a filmagem e justificar um ponto de vista de discordância às reações que surgiram, na *internet*, sobre o pedido.

A partir da expansão tópica de Galembeck (2017), podemos dizer que o usuário justifica uma afirmação de um fato referente ao tópico central para dar a continuidade de sentidos ao assunto e contribui para a criação de um contexto comum, por meio da modalidade de justificativa ou relação causal.

Dessa forma, a partir da postagem motivadora e do tópico central, o C1 expande o tópico para **“filmar crianças dançando *funk* versus filmar cantando o hino nacional”**. Sobre este caso, o autor explica que, de forma genérica,

[...] todos procedimentos de expansão tópica justificam as afirmações do locutor, particularmente quando se trata de temas polêmicos. Em alguns casos, porém, o locutor sente a necessidade de justificar de forma mais explícita, uma afirmação ou de indicar a causa/consequência de um fato. (GALEMBECK, 2017, p. 203).

O usuário pretende indicar a causa/consequência do fato de as pessoas gerarem tanta discussão sobre um pedido do governo e justifica seu ponto de vista ao indicar com seu comentário que crianças dançando *funk* e serem filmadas é permitido, mas a filmagem cantando o hino nacional não é aprovada por muitos.

Além disso, a orientação argumentativa do comentário é fortalecida, já que o usuário, intertextualmente, embasa sua justificativa em uma informação concreta, neste caso na imagem de crianças dançando *funk* que aparece na postagem motivadora.

No que concerne à referenciação do C1, os objetos de discurso “*funk*” e “crianças” são introduzidos em uma relação intertextual de retomada com a postagem motivadora. Esses elementos contribuem para a apresentação do tópico expandido: **“filmar crianças dançando *funk* versus filmar cantando o hino nacional”**. No entanto, o comentário não deixa de focalizar o tópico central, pela reiteração do objeto de discurso “hino nacional”.

A retomada intertextual dos referentes da postagem motivadora é auxiliada pela (hiper)textualidade, do ambiente virtual. Essa possibilidade para Xavier (2013) é essencial na formação de textos interligados. Neste comentário, o usuário focaliza sua atenção na filmagem e a relação entre os textos é criada pela relevância que o assunto traz para o usuário “a autorização ou não da filmagem”.

Esse comentário abre alternativas para a interação e ampliação dos assuntos em comentários que serão produzidos a partir dele. A construção sociocognitiva e interacional da coerência, nos comentários, se constitui sempre de forma hipertextual, pois os usuários estabelecem conexões, a fim de construir novos textos. Os vínculos são feitos de diversas formas, mas é, geralmente, a partir do contato com um material prévio que convergem as interações para a formação de outros textos.

No entanto, acreditamos que os recursos das mídias digitais podem ser usados como estratégias argumentativas e como forma de construir coerência nos textos produzidos, nos espaços virtuais. Esses recursos podem parecer mais rápidos, mais eficazes e outros mais criativos, tudo isso depende de como o usuário deseja usar e qual sua intenção comunicativa. Nesse sentido, as ferramentas tecnológicas originam modos diversos de interação e elas podem ser utilizadas nas produções textuais virtuais com a intenção de argumentar e de construir sentidos.

A postagem motivadora 2 traz o tópico central: “**Pedido de Ministro gera reações e protestos**” e o C1 com o tópico estendido: “**filmar crianças dançando *funk* versus filmar cantando o hino nacional**” trazem diversas interações, no sistema de comentários do Facebook.

Essas relações são feitas por meio de um processo interativo contíguo que por muitas vezes envolvem vários participantes falando dos assuntos tratados ou trazendo novos temas, tudo isso no mesmo espaço e quase ao mesmo tempo. As produções destes comentários possibilitam relações intertextuais nos processos referenciais, no uso dos *RID's* e nas diversas possibilidades de *links*. Questões que serão examinadas, nos comentários a comentários, a seguir.

3.3.2.1.1 Comentários a comentários

Quadro 4 – Comentários a Comentários do C1.2

C1 Crianças podem ser filmadas dançando FUNK, mas não podem ser filmadas cantando o hino nacional.
Curtir · Responder · 1 d 👍👎🗨️ 945
123 Respostas · 7 min

R1 Superfã C1 meu filho vai pra escola estudar as matérias, doutrinação aqui não.
Curtir · Responder · 1 d 👍👎 6

R2 <http://melhordanet.com/video/nasaladeaula3.htm>
MELHORDANET.COM
Prefere seus filhos cantando o hino nacional na escola ou...
Curtir · Responder · 1 d

R3 Superfã R1 R2 só se for o bocô do teu filho. O meu vai só assistir aula.
Curtir · Responder · 1 d

R4 C1 faz de doido não.
Curtir · Responder 👍 1

R5 C1 é mole?
Curtir · Responder

R6 Para q crianças sejam filmadas tem que ter a autorização dos pais.
Curtir · Responder 👍 1

R7 C1 tão difícil entender que o problema não é o hino e sim o slogan político???
Curtir · Responder 👍 5

R8 R2 Misericórdia senhor, até quando?
Curtir · Responder

R9 Superfã C1 o princípio de liberdade lembra que o que derrubou o Collor foi a UNE caras pintadas mexeu com uma classe indigesta.
Curtir · Responder

R10 Inversão de valores... Pois EU prefiro mil vezes minha filha cantando o hino nacional do que dançando funk!
Curtir · Responder 👍👎 9

Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
[coletada em 28 de fevereiro de 2019, às 16 horas e 45 minutos]

a) *Escolhas lexicais*

No CC1 “[C1] meu filho vai pra escola estudar as matérias, doutrinação aqui não.”, o usuário rebate a afirmação do primeiro comentário, por meio das escolhas lexicais, principalmente, no posicionamento que ele pretende dar ao seu comentário. Do ponto de vista da referenciação o objeto de discurso “criança” é intertextualmente retomado como “filho”, bem como os objetos “escola” e “matérias” são introduzidos e, também, criam relações intertextuais entre os comentários.

Esses movimentos de retomadas e introduções lexicais são proporcionados, principalmente, por meio da intertextualidade ampla (CARVALHO, 2018). Nesta perspectiva, a língua oferece elementos não só para a construção de textos coerentes, mas também para argumentar. O usuário entende o pedido do governo, citado na postagem motivadora, como uma imposição e usa o referente “doutrinação” para encapsular sua ideia e indicar uma orientação argumentativa contrária ao C1.

O CC3: “[R2] só se for o bocó do teu filho. O meu vai só assistir aulas.” introduz o objeto de discurso “bocó do teu filho” para se referir ao filho do outro e acrescenta o objeto de discurso “aula”. Implicitamente percebemos o repúdio pela “doutrinação”, exposta anteriormente, e a orientação argumentativa que se pretende dar ao texto. As ideias nem sempre aparecem no cotexto, mas podem ser percebidas pelos contextos criados durante as interações. Para van Dijk (2012) os contextos são constructos dos participantes que, embora subjetivos, são socialmente fundamentados nas propriedades relevantes de cada situação.

O CC6: “Para q crianças sejam filmadas tem que ter a autorização dos pais” as escolhas lexicais “crianças”, “autorização” e “pais” marcam sua interação ao acrescentar o objeto de discurso “autorização dos pais”. Esses processos referenciais, além de retomarem o tópico expandido que focaliza a filmagem, demonstram conhecimento sobre o assunto, o que expressa a construção da coerência.

No CC7: “[C1] é tão difícil entender que o problema não é o hino e sim o slogan político???” notamos a retomada da postagem motivadora ao usar os objetos de discurso “hino” e na introdução dos referentes “problema” e “slogan político”. Dessa forma, o tópico central é recuperado em um processo de intertextualidade estrita e

ampla (CARVALHO, 2018). Isso evidencia a ligação com o tópico central e o conhecimento de mundo sobre o assunto em pauta: o pedido do ministro.

CC9: “[C1] o princípio de liberdade lembra que o que derrubou o Collor foi a UNE caras pintadas mexeu com uma classe indigesta.” com “princípio de liberdade” se referindo a escolha de cantar/filmar ou não, “Collor”, “UNE”, “caras pintadas” e “classe indigesta” retoma, pelo nosso conhecimento de mundo, estudantes e os atos de protestos da história brasileira. Esse CC pode nos dar a impressão de um texto afastado dos assuntos tratados. Todavia, podemos inferir que ao se dirigir ao produtor do C1 introduzindo os objetos de discurso citados, por meio da intertextualidade o usuário retoma os assuntos: “doutrinação”, “governo” e “estudantes/alunos”.

No CC10: “Inversão de valores... Pois EU prefiro mil vezes minha filha cantando o hino nacional do que dançando *funk!*” os objetos de discurso “inversão de valores”, “filha”, “hino nacional” e “funk” nos direcionam para a postagem motivadora, bem como para o C1. Segundo Schnotz (2009) mesmo que o leitor desvie alguma parte de seu discurso ele sempre vai conduzir sua atenção para o que é focalizado e os processos de referenciação funcionam como guia para os processos cognitivos.

As escolhas lexicais de todos esses CC's não perdem o fio condutor do tópico central e nos conduz à postagem motivadora, como também nos remetem a declaração do C1 e de seu tópico expandido de “filmar crianças dançando *funk* versus filmar cantando o hino nacional”.

Estes casos corroboram com a afirmação de Cavalcante (2014) a respeito de um leitor capaz de estabelecer sentido ao que lê, não só pelos elementos da materialidade linguística (cotexto), mas também pelos contextos tendo como base os seus conhecimentos sociocognitivos e interacionais para cada situação comunicativa. Noção que o uso de *links* também segue.

b) *Uso de links*

<http://melhordanet.com/video/nasaladeaula3.htm>

O CC2:



é feito em forma de dois *links* que

dão acesso ao mesmo conteúdo. O primeiro é um *link* comum com o endereço da página, o outro vem com a “miniatura” de uma imagem de crianças de costas em

posições sensuais, aparentemente, dançando *funk*, em uma sala de aula, acrescido do título **“Prefere seus filhos cantando o hino nacional na escola ou...”**. Este último é um recurso utilizado por vários *sites* para promoverem melhor seus conteúdos. O usuário emprega este recurso com a finalidade de convidar os participantes da interação a clicarem nos *links* e compreenderem o ponto de vista expresso. As informações complementares contribuem para a construção da coerência, bem como marcar a orientação argumentativa a favor do pedido.

Ainda na direção dos *links*, os CC3: **“[R2] só se for o bocó do teu filho. O meu vai só assistir aulas.”**, CC4: **“[C1] se faz de doido não”**, CC5: **“[C1] é mole?”**, CC7: **“[C1] é tão difícil entender que o problema não é o hino e sim o slogan político???”**, CC8: **“[R2] Misericórdia senhor, até quando?”** e CC9: **“[C1] o princípio de liberdade lembra que o que derrubou o Collor foi a UNE caras pintadas mexeu com uma classe indigesta.”** ilustram, mais uma vez, as experiências interacionais dos usuários, que ao utilizarem *links* internos, recurso disponível no espaço de resposta do comentários do Facebook, se conectam com outros usuários, semelhante aos turnos de fala de uma conversa (OLIVEIRA, 2013).




Esses movimentos de uma “quase conversação” aproximam a comunicação e fazem com que os usuários discutam suas ideias e opiniões. Por exemplo, o CC8 parece solto do contexto, mas ao se conectar com o comentário CC2 percebemos a expressão de uma opinião sobre o vídeo compartilhado, demonstrando entendimento com o assunto e a ligação com o tópico em expansão.

Levando em conta que a coerência (hiper)textual é baseada nos aspectos contextuais e em pistas que orientam as conexões de texto e de contexto, podemos dizer que o todo o ambiente de respostas do sistema de comentários do Facebook propicia que os CC’s construam a coerência e principalmente a orientação argumentativa entre eles e com a postagem motivadora.

c) *RID’s*

Nesse grupo de comentários a comentários não houve incidência de *RID’s*, dentro dos comentários, apenas nos botões de reações. Como exposto a seguir.

d) *Botões de reações*

Os CC1 “[C1] meu filho vai pra escola estudar as matérias, doutrinação aqui não. ”, CC7: “[C1] é tão difícil entender que o problema não é o hino e sim o slogan político???” ” e CC10: “Inversão de valores... Pois EU prefiro mil vezes minha filha cantando o hino nacional do que dançando *funk!* ” são exemplos de que por meio dos botões de reações, os usuários demonstram concordância com a orientação argumentativa dos comentários e, conseqüentemente, que há coerência nos comentários. Os usuários concordam que não querem doutrinação, que o problema não é o hino e sim o *slogan* e que há inversão de valores.

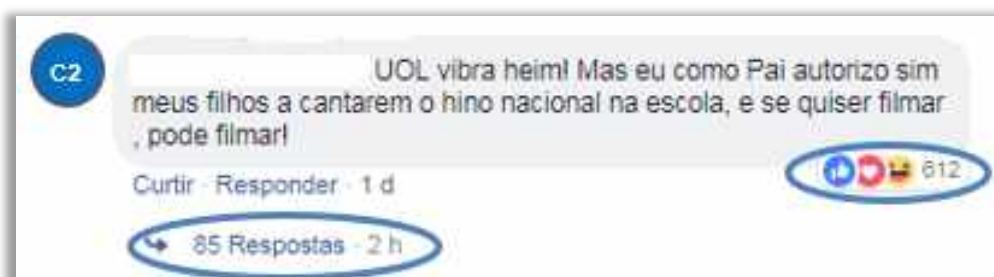
Os recursos tecnológicos fornecem certo “poder” para que os usuários atuem, nos espaços virtuais, de diferentes modos (DEGANO, 2014). Neste sentido, os usuários podem explorar as postagens, de acordo com seus interesses e manterem o foco no assunto abordado.

Dessa forma, os botões de reações são alternativas modernas para expandir o processo interacional, pois, quando a interação é feita com um desses botões, a opinião fica registrada evidenciando a orientação argumentativa do usuário e que o texto teve sentido para ele (OLIVEIRA, 2019).

Para continuar as considerações sobre o tópico central: “**Pedido de Ministro gera reações e protestos**”, analisamos o segundo comentário, da postagem motivadora 2.

3.3.2.2 *Comentário 2 – Focalização no pedido do governo*

Figura 21 –Comentário 2.2



Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
<https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/3119474014734060>

O C2: **“UOL vibra heim! Mas eu como Pai autorizo sim meus filhos a cantarem o hino nacional na escola, e se quiserem filmar, pode filmar!”** gera 85 respostas e mais de 612 reações nos botões “curtir”, “haha” e “amei”, até o momento da coleta dos dados.

Esse comentário demonstra uma objeção ao posicionamento da página UOL e expande o tópico para tratar da **“Autorização e apoio ao pedido do governo”**. O posicionamento representa uma oposição à questão apresentada na postagem motivadora, isto é, para esse usuário não faz sentido protestar contra o pedido do ministro, mas apoiar.

Na visão da expansão tópica, o C2 se apoia no uso da modalidade de objeção ou ressalva. Segundo Galembeck (2017, p. 206), nessa modalidade, o interlocutor “dá continuidade ao tópico em andamento por meio da manifestação de um juízo ou ponto de vista contrário ao de seu interlocutor”. Esse movimento possibilita uma continuidade incorporativa com características bem mais subjetivas que as outras modalidades apresentadas anteriormente.

No tocante à referenciação os objetos de discurso “hino nacional” e “escola” aparecem no comentário e retomam o assunto tratado na postagem motivadora, mas também é introduzido o termo “UOL” para marcar o ponto de vista de não concordância com a página do Facebook. No entanto o usuário sinaliza a relevância do assunto ao enfatizar que autoriza sim a filmagem. Assim, o C2 marca um apoio ao pedido do governo.

O tópico expandido do comentário 2 oferece uma continuidade de interações para novos textos serem escritos. Nos comentários a comentários selecionados, os usuários procuram revelar mais seus pensamentos e opiniões sobre o tema desse comentário.

Dessa forma, a relevância e a focalização dos assuntos funcionam como estratégias para o estabelecimento da orientação argumentativa, construindo coerência entre os comentários. As ideias apresentadas criam relações de simpatias ou de aversões, o que desencadeia as “conversações” por meio de CC’s.

3.3.2.2.1 Comentários a comentários

Quadro 5 – Comentários a Comentários do C2.2

C2 UOL vibra heim! Mas eu como Pai autorizo sim meus filhos a cantarem o hino nacional na escola, e se quiser filmar, pode filmar!
Curtir · Responder · 1 d   2 h

R1 Vai na escola e avisa lá! Aqui não adianta nada
Curtir · Responder 

R2 Superfã **R1** hahahahah
Curtir · Responder 


R3 Superfã
Vai na escola também ver as condições que essas crianças estudam, o problema não é o hino, É O SLOGAN DA CAMPANHA.
Curtir · Responder 


R4 **C2** **R1** Já estão avisados! Inclusive ao leva -los para a escola hoje Faiei para eles que na hora do hino se alguém filmar, me avise que não vou importar nem um pouco. 😊
Curtir · Responder 


R5 **C2** Parabéns
Curtir · Responder · 50 sem

R6 **C2** **R3** com certeza, mas aqui em Minas estamos muito confiantes que esse cenário vai mudar após nas urnas expulsarmos o PT e o PSDB daqui!
Curtir · Responder · 50 sem 

R7 **C2** **R3** obrigado, mas isso não é nada diferente do que acontecia na minha época!
Curtir · Responder 

R8 Qual o problema com o slogan? Essa frase não é de campanha, essa frase é do exército.
Curtir · Responder 

R9 **C2** **R8** Tbem não vejo problema, bom e desrespeitar os professores, dançar funk na aula né.
Curtir · Responder 

R10  
Curtir · Responder

Fonte: Página UOL Notícias do Facebook da autora
[coletada em 28 de fevereiro de 2019, às 16 horas e 45 minutos]

a) *Escolhas lexicais*

Nos CC1: **“Vai na escola e avisa lá! Aqui não adianta nada”**, CC3: **“Vai na escola também ver as condições que essas crianças estudam, o problema não é o hino, E O SLOGAN DA CAMPANHA”** e CC4: **“[R1] já estão avisados! Inclusive ao levá-los para a escola hoje Falei para eles que na hora do hino se alguém filmar, me avise que não vou importar nem um pouco. 😊”** temos o objeto de discurso “escola” em comum, além de “hino” que retomam a postagem motivadora. O objeto de discurso “SLOGAN DE CAMPANHA” introduz uma ideia não expressa, mas entendida pelo contexto social/político dos usuários. Eles discordam do C2 e para isso rebatem a orientação argumentativa exposta, a fim de desconstruir o posicionamento.

Já no CC9: **“[R8] Tbem não vejo problema, bom é desrespeitar os professores, dançar funk na aula né.”** o usuário retoma “professores”, “funk” e “aula” a fim de mostrar a contradição dos comentários anteriores e corroborar com a orientação argumentativa expressa no C2.

Os CC6: **“[R3] com certeza, mas aqui em Minas estamos muito confiantes que esse cenário vai mudar após nas urnas expulsarmos o PT e o PSDB daqui!”**, e CC7: **“[R5] obrigado, mas isso não é nada diferente do que acontecia na minha época!”**. Trazem objetos de discursos novos como “Minas”, “esse cenário”, “nas urnas”, “PT”, “PSDB” e “minha época”, mas levando em consideração o contexto criado nas interações essas introduções criam relações intertextuais amplas.

Já no CC8: **“Qual o problema com slogan? Essa frase não é de campanha, essa frase é do exército.”** Seu produtor traz uma pergunta e notamos a intertextualidade estrita com o CC3, pois é nele que aparecem os referentes “slogan” e “campanha”. Da mesma forma, esse comentário parece corroborar com a orientação argumentativa do C2, uma vez que levanta o questionamento sobre usar um *slogam* que não foi criado em campanha, mas sim no exército.

Os participantes por meio de retomadas intertextuais focam o tópico central, mas debatem o C2 concordando e discordando da orientação argumentativa sugerida. A produção de outros CC's, pelo próprio produtor do C2 nos leva a perceber a tentativa

de conservação da orientação argumentativa exposta no tópico expandido, como podemos notar na utilização massiva de *links* internos por esse usuário.

b) *Uso de links*

No CC4: “[R1] já estão avisados! Inclusive ao leva-los para a escola hoje Falei para eles que na hora do hino se alguém filmar, me avise que não vou importar nem um pouco. 😊” o usuário, produtor do C2, pelo uso de *link* interno, se dirige diretamente a seu interlocutor explicando-lhe suas atitudes.

No CC5: “[C2] **Parabéns**” o usuário aparece cumprimentando o usuário do C2 para demonstrar sua concordância com a orientação argumentativa. Isso comprova que ele entende o tópico expandido e contribui, mais uma vez, na contiguidade interacional dos usuários.

Os CC6: “[R3] com certeza, mas aqui em Minas estamos muito confiantes que esse cenário vai mudar após nas urnas expulsarmos o PT e o PSDB daqui!”, CC7: “[R5] obrigado, mas isso não é nada diferente do que acontecia na minha época!” e CC9: “[R8] Tbem não vejo problema, bom é desrespeitar os professores, dançar funk na aula né.” são feitos, mais uma vez, pelo produtor do C2 e o usuário, em uma “quase conversação” com seus interlocutores, continua justificando a orientação argumentativa, feita em seu comentário.

No caso do CC6 ele rebate, de forma otimista, as condições de estudos das crianças, ao expor o resultado eleitoral de seu estado. Já no CC7 ele agradece o cumprimento, além do mais, por meio do pronome “isso”, encapsula um conteúdo anterior que pelo nosso conhecimento de mundo inferimos que seja o fato de cantar o hino nacional e mantém uma aproximação de seu interlocutor. E, finalmente, no CC9 em um movimento de concordância com sua própria colocação levanta questionamentos de forma a refutar, ironicamente, o tópico central baseado em fatos de conhecimento de mundo, a respeito da realidade brasileira, de alguns alunos desobedecerem aos professores. Para reforçar seu posicionamento, ele utiliza a marca da oralidade “né” o que possibilita ainda mais a aproximação dos usuários, como se fosse uma conversação face a face.


c) *RID's, letras maiúsculas e elementos linguísticos virtuais*

O CC2: “[R1] **hahahahah**” é produzido com elementos linguísticos que aglomerados estabelecem a forma mais comum de se rir na internet. Segundo Oliveira (2019, p. 92) “são elementos linguísticos utilizados em textos virtuais a fim de demonstrar risos”. O recurso pode ser entendido, neste comentário, como uma concordância ao comentário anterior, ou mesmo como uma forma ironizá-lo.

No CC3: “**Vai na escola também ver as condições que essas crianças estudam, o problema não é o hino, E O SLOGAN DA CAMPANHA.**” O produtor usa o recurso de letras maiúsculas “E O SLOGAN DA CAMPANHA”, isso marca a parte do comentário que o usuário quer acentuar. Na internet a introdução deste recurso é entendida como “gritar”.



No CC4: “[R1] **já estão avisados! Inclusive ao leva-los para a escola hoje Falei para eles que na hora do hino se alguém filmar, me avise que não vou importar nem um pouco.** 😊” um *emoji*, com a cara alegre piscando é utilizado, para finalizar este comentário. Esse *RID*, para Oliveira (2019), tanto pode ter caráter de concordância como de ironia, dependendo do contexto. Neste caso, acreditamos que tenha sido usado de forma irônica, a fim de rebater o CC1 e fortalecer seu posicionamento.

No CC5: “[C2] **Parabéns**” aparece um cumprimento ao C2 o que contribui, mais uma vez, para aproximar os usuários, e neste caso, demonstrar a concordância do CC5, com a orientação argumentativa. A palavra “**Parabéns**” aparece em cor diferenciada e fica destacada. Este recurso é disponibilizado pela plataforma do Facebook toda vez que um usuário escreve somente este termo.

O CC10: “” é feito somente em forma de *RID*, composto por uma carinha vomitando. Na verdade, Oliveira (2019) caracteriza este recurso como um *sticker* ou *figurinha*, pois segundo a autora ele pode ser confundido com um *emoji*, devido ao fato de possuírem sentido parecido, no entanto, “o que os tornam diferentes é o tamanho que são exibidos: os *emojis* são menores do que as *figurinhas* e muitas delas são animadas.” (OLIVEIRA, 2019, p. 82-83).

A autora apresenta, em sua pesquisa, o *sticker* utilizado, neste comentário, como um dos considerados mais descortês e que comumente tem o sentido atribuído como nojo, coisa chata, cansaço, desprezo, passando mal, enfim, coisas desagradáveis. Nesse sentido, verificamos que no CC10 o *RID* está sendo utilizado para argumentar de forma desfavorável sobre o que está sendo debatido, no C2.

d) *Botões de reações*

No CC1: **“Vai na escola e avisa lá! Aqui não adianta nada”**  ³²”, temos as reações “curtir”, “haha” e “amei” e no CC3: **“Vai na escola também ver as condições que essas crianças estudam, o problema não é o hino, E O SLOGAN DA CAMPANHA.”**  ²³ aparece “curtir”, “amei” e “grr”. Esses dois comentários discordam do posicionamento argumentativo do C2 e para isso contrapõem a opinião do usuário. Assim alguns usuários expressam suas emoções sobre esses posicionamentos.

Os botões de reações desempenham papel relevante nas interações para que percebamos a aceitação, a discordância nos comentários produzidos que por meio da expressão de *emojis* deixam manifestar as emoções, os sentimentos e os pensamentos dos usuários. Essas ações ocorrem de tal forma que em um *click*, vinculamos informações e posicionamentos de forma rápida, coerente e com um incrível poder de síntese (OLIVEIRA, 2019).












Podemos ver este recurso presente, repetidamente, em quase todos os comentários do Facebook. Desta forma, a fim de não voltar a dizer o que já foi dito sobre este recurso, a análise deste item é composta somente dos dois comentários a comentários descritos anteriormente. E, a partir destes exemplos, podemos perceber que os usuários participam, ativamente, pelos botões de reações para a orientação argumentativa e para a construção da coerência.

Com base nas observações realizadas, neste capítulo, trazemos a seguir dois quadros que sintetizam os comentários analisados.

Quadro 6 - Sínteses das análises Postagem Motivadora 1

POSTAGEM MOTIVADORA 1 TÓPICO CENTRAL: “ALUNO É APREENDIDO POR FURTAR MATERIAL ESCOLAR”		
	C 1 TÓPICO EXPANDIDO: “criança rouba rosas e recebe lição de vida”	C 2 TÓPICO EXPANDIDO: “um país que crianças precisam furtar para estudar”
Focalização	“roubo”	“situação do país”
Modalidade de expansão tópica	Exemplificação: alusão a casos particulares.	Opinião: juízo de valor ou opinião pessoal
Processos referenciais	“criança”; “professora”; “rosas” = “material escolar”; “dona do jardim” = “policiais”	“esse caso”; “um país”; “alguma coisa errada”
Orientação argumentativa	Outra atitude poderia ter sido tomada	Necessidade de reflexão da situação social do país.
	COMENTÁRIOS A COMENTÁRIOS	COMENTÁRIOS A COMENTÁRIOS
Referenciação: escolhas lexicais	1: “isso” (anáfora encapsuladora) 2: “lição para a vida” 7: “palavra ensina mais”	4: “matéria” (rótulo); “material” e “educação” 7: “fichário” e “caderno” 10: “fichário”
Intertextualidade e <i>Uso de Links</i> (externos e internos)	<i>links</i> externos (anáforas indiretas) 3: “papeleria” 4: “a mãe desempregada”, “pai preso” e “outros irmãos” <i>links</i> internos 6 e 10: (comentários contíguos)	<i>links</i> externos 4: “Sim eu li a matéria” 10: “Na história narrada”, “fichário” e “mãe” <i>links</i> internos 1, 5, 7, 8 e 9: (comentários contíguos)
RID's	8: 🙏🌹❤️ “agradecimentos e encantamento ao C1.	3: 🍌🍌🍌🍌🍌 concordância 6: “FurtaR***” outra interpretação da palavra.
Botões de reações	5 🙏🌹❤️👍👍 e 9 🙏🌹❤️: graça, raiva e curtidas evidenciam, sucintamente, o sentido e a aceitação dos comentários.	2 🙏🌹❤️👍👍, 3 🙏🌹❤️, 4 🙏🌹❤️👍👍, 6 🙏🌹❤️👍👍, 7 🙏🌹❤️👍👍, 8 🙏🌹❤️👍👍 e 10 🙏🌹❤️👍👍: curtidas, tristezas, risadas, espantos e corações. Demonstram aprovações e até tristezas aos comentários.

Quadro 7 - Sínteses das análises Postagem Motivadora 2

POSTAGEM MOTIVADORA 2		
TÓPICO CENTRAL: “PEDIDO DE MINISTRO GERA REAÇÕES E PROTESTOS”		
	C 1 TÓPICO EXPANDIDO: “filmar crianças dançando <i>funk</i> versus filmar cantando o hino nacional”	C 2 TÓPICO EXPANDIDO: “Autorização e apoio ao pedido do governo”
Focalização	“filmagem”	“pedido do governo”
Modalidade de expansão tópica	Relação causal: justifica uma afirmação de um fato.	Objecção ou ressalva: juízo ou ponto de vista contrário
Processos referenciais	“crianças”, “ <i>funk</i> ”, “ <i>hino nacional</i> ”	“hino nacional”, “escola”, “UOL”
Orientação argumentativa	Discordância às reações da <i>internet</i> , sobre o pedido.	Apoio ao pedido do governo.
	COMENTÁRIOS A COMENTÁRIOS	COMENTÁRIOS A COMENTÁRIOS
Referenciação: escolhas lexicais	1: filho, escola, matérias e doutrinação. 3: bocó do teu filho, aula. 6: crianças, autorização e pais. 7: problema, hino nacional e slogan político. 9: princípio de liberdade, UNE, caras pintadas, Collor e classe indigesta. 10: inversão de valores, filha, hino nacional e <i>funk</i> .	1, 3 e 4: “escola”, “hino” e “SLOGAN DE CAMPANHA” 6, 7 e 8: “Minas”, esse cenário”, “nas urnas”, “PT”, “PSDB”, “minha época”, “problema com slogan” “de campanha” e “do exército”. 9: “professores”, “ <i>funk</i> ” e “aula”
Intertextualidade: <i>Links</i> Comunicação contígua	<i>links</i> externos 2: http://melhordanet.com/video/nasaladeaula3.htm  <i>links</i> internos 3,4,5,7, 8 e 9: (comentários contíguos)	<i>links</i> internos 4, 5, 6, 7, 8 e 9: comentários contíguos entre o produtor do C2 e os demais comentaristas.
<i>RID</i> 's	Não houve incidência de <i>RID</i> 's.	2: “hahahahah”,  4:  5: <i>Parabéns</i> 10: 
Botões de reações	1  8, 7  5 e 10  9: curtidas e amei expressam aceitação das ideias pelos usuários.	1   32 e 3   23: “curtir”, “amei” e “grr”. expressam a opinião e sentimentos.

Os quadros de sínteses das análises nos indicam que, por meio do cotexto e dos contextos, os usuários ao lerem as postagens motivadoras expandem seu tópico, de acordo com seus conhecimentos e interesses. Eles assumem o que seja relevante e focalizam esse assunto, em seus comentários. Este movimento proporciona a construção de comentários coerentes com os assuntos tratados.

Além disso, entre as possibilidades de interação que as redes sociais virtuais oferecem para seus usuários, nos deparamos com conjuntos de comentários em uma “quase conversação” estabelecida por meio de ações contíguas, (hiper)textuais e intertextuais. A partir destas interações e conexões, os usuários apontam, em seus textos, a orientação argumentativa e a coerência textual são instaladas, no ambiente (hiper)textual.

Quando os usuários produzem um comentário virtual, eles desejam que seus interlocutores entendam o assunto tratado e que com isso as pessoas acompanhem o raciocínio e muitas vezes que concordem com eles. As tecnologias das plataformas de redes sociais proporcionam ótimos recursos para acompanhar os propósitos enunciativos de seus usuários, mas como afirma Cavalcante (2016, p.116) é preciso considerar “a intencionalidade do sujeito e seu livre arbítrio para deixar marcas de seus posicionamentos”.

As análises contribuíram para indicar que os comentários do Facebook, além de acrescentarem informações a qualquer usuário da plataforma servem para deixar as marcas e intenções das pessoas que vivem conectadas e desejam compartilhar suas opiniões, sentimentos e desejos. Por esse ângulo expomos, a seguir, as conclusões desta pesquisa, para as reflexões da LT.

CONCLUSÃO

Considerando-se que os textos produzidos na *Web* vêm impulsionando pesquisas e reflexões, na (re)definição de conceitos e nos critérios de descrição e de análise, no âmbito da LT, a realização desse estudo foi motivada pela seguinte pergunta: Como é construída a coerência e a orientação argumentativa, em uma escrita produzida por muitos autores e organizada (hiper)textualmente, nos sistemas de comentários do Facebook?

Tendo em vista a questão levantada, tentamos respondê-la ao longo desta pesquisa e para este propósito, estabelecemos o objetivo geral de analisar como os usuários do Facebook constroem a coerência e a orientação argumentativa em seus comentários. Já como objetivos específicos buscamos modos de descrever e de examinar a referenciação e a topicalidade na construção da coerência (hiper)textual, além de verificar a orientação argumentativa nos comentários selecionados.

Considerando tais objetivos, sustentamos em nossas reflexões que, nas renovações das práticas textuais e interacionais, os ambientes virtuais influenciam, mais do que nunca os modos de interação, argumentação e construção dos textos. Além disso, em face das colaborações interacionais *online-offline*, as relações se estabelecem em um *continuum* entre textos, intenções, elementos cotextuais e contextuais dos comentários.

Distinguimos que os comentários podem ocorrer, em dois padrões: os iniciais e os comentários a comentários. Sendo que nestes últimos as possibilidades de réplicas e de tréplicas indicam, mais claramente, o debate de ideias e de posicionamentos argumentativos evidenciados pela mobilização dos elementos cotextuais e contextuais. Nestas interações constantes e contíguas, a participação colaborativa dos usuários caracteriza suas experiências cotidianas e serve para a expressão dos pensamentos, sentimentos e opiniões de uma sociedade que vive conectada, em uma constante prática inter e (hiper)textual de leitura e escrita.

As análises realizadas, a partir de duas postagens da página do Facebook da UOL Notícias, demonstram que os comentários unem a escrita ao dinamismo dos conteúdos virtuais e trazem as incessantes trocas comunicativas de seus usuários.

Neste sentido, a referenciação, a topicalidade e a intertextualidade têm papel basilar, para identificar as características dos processos de construção da coerência e da orientação argumentativa. Assim, os resultados das análises indicam que:

- Na referenciação, os usuários apresentam os referentes verbais e imagéticos com base na intencionalidade e na orientação argumentativa que desejam imprimir. Essas escolhas contribuem para o estabelecimento e para a apreensão das relações entre cotexto e contextos (Cavalcante, 2014) e, conseqüentemente, constroem a coerência;
- Na topicalidade, os usuários produzem seus comentários focalizando o assunto que consideram relevante, tanto nas postagens motivadoras quanto nos comentários, e expandem o tópico central, guiados pelos processos referenciais. Nesse sentido, o tópico em expansão (Galembeck, 2017) será debatido e novos textos são construídos para marcar as opiniões de forma coerente, por outros usuários e pelo próprio produtor do comentário inicial;
- Na intertextualidade, notamos a importância do contexto nas intertextualidades amplas e temáticas (Carvalho, 2018), além da contribuição dos *links* (internos e externos) para um movimento inter e (hiper)textual e contíguo das interações, a fim de a coerência ser construída e a orientação argumentativa apoiada ou não;
- Nos recursos tecnológicos, observamos como os *RID's* e os botões de reações (Oliveira, 2019) fortalecem as opiniões nos comentários e, por conseguinte, vinculam informações e posicionamentos de forma rápida, sucinta e coerente, principalmente, na aprovação ou não do tópico focalizado na postagem motivadora.

As análises contribuíram, mais uma vez, para assegurar que, durante as interações virtuais a coerência dos comentários é construída, mantida e ampliada. Essas interações mostram que, nos sistemas de comentários do Facebook, existe uma unidade de comunicação negociada que pode ser perceptível entre as pistas de todas as semioses. Elas “orientam as múltiplas conexões feitas no interior de um texto, entre textos e contextos” (CAPISTRANO JUNIOR et al, 2019, p.175).

Expomos, ao longo da pesquisa, que com algumas atualizações, o que é dito sobre a coerência textual pode ser válido para as produções (hiper)textuais, do ambiente

virtual do Facebook, uma vez que os comentários produzidos neste espaço, apresentam coerência e apontam a orientação argumentativa intencionada pelos seus usuários.

Toda a investigação teórica e analítica desta pesquisa, apoiada no processo interativo do Facebook, possibilita compreender as relações textuais, sociais e interacionais de nossa sociedade em tempos virtuais e com isso, almejamos ter dado um pequeno, mas significativo, passo para a compreensão da construção da coerência e da orientação argumentativa nos textos que circulam em nossos espaços de interações.

As reflexões aqui apresentadas pretendem oferecer caminhos para pesquisas futuras em relação aos desafios do estudo do texto em novos contextos de interações e incitar discussões sobre a necessidade de repensar, na LT, novos conceitos e categorias de análise para esses textos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTON, David; LEE Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BARROS, Kazue Saito Monteiro de. Linguística Textual e Análise da Conversação. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). **Linguística Textual**: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017. p. 302-334.

BONINI, Adair. Mídia/Suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n.3, p. 679-704, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf>>. Último acesso em 10 jun. 2019.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras**: dizer e argumentar. 1ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Linguística Textual e Teoria da Argumentação na Língua: texto e língua em diálogo. In: CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (Orgs.). **Linguística Textual**: diálogos interdisciplinares. 1ed. São Paulo: Labrador, 2017. p. 239- 262.

CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo; ELIAS, Vanda Maria da Silva; LINS, Maria da Penha Pereira; NEGREIROS, Gil; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. Organização tópica na interação em rede: aspectos textuais, contextuais e de coerência. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, vol. 13, n. 25, p. 159-180, 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextos_linguisticos/article/view/27886/18771>. Último acesso em: 01 nov. 2019.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. Tese (doutorado) - Orientador: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante. Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza – CE. 2018. Disponível em: < http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39589/9/2018_tese_aplcarvalho.pdf>. Último acesso em: 28 out. 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. **REVEL**, edição especial, vol. 14, n. 12, 2016. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/ea45a0fb01f8dde37a9435628505a55d.pdf>>. Último acesso em: 22 out. 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar, LIMA, Silvana Calixto; SILVA, Luciana Pereira da. Coerência e referenciação. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecido Lino; ELIAS,

Vanda Maria. (Orgs.). **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 91-107.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva, CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CORTEZ, Suzana Leite; PINTO, Rosalice Botelho Wakim Sousa; PINHEIRO, Clemílton Lopes. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, vol. 13, n. 25, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>>. Último acesso em: 22 out. 2019.

DEGANO, Chiara. Textuality on the *Web*: A Focus on Argumentative Text Types. In: Lim, Hwee Ling, and Fay Sudweeks. **Innovative Methods and Technologies for Electronic Discourse Analysis**. IGI Global, 2014, p. 414-436. Chapter 19. Disponível em: <<https://www.igi-global.com/chapter/textuality-web-focus-argumentativetext/77001>>. Último acesso em: 22 out. 2019.

ELIAS, Vanda Maria da Silva; CAVALCANTE Mônica Magalhães. Linguística Textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. In: CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (Orgs.). **Linguística Textual: diálogos interdisciplinares**. 1ed. São Paulo: Labrador, 2017. p. 317- 338.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Linguística Textual e Análise da Conversação: o tópico discursivo e seus processos de expansão. In: CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (Orgs.). **Linguística Textual: diálogos interdisciplinares**. 1ed. São Paulo: Labrador, 2017. p. 189-212.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2006.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Tópico discursivo. In: JUBRAN Clélia Cândida Abreu Spinardi e KOCH Ingedore Grünfeld Villaça (Orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do texto falado**, vol. I. Campinas/SP: UNICAMP, 2006. p. 89-132.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637253>>. Último acesso em: 22 out. 2019.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi et al. (1992). Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Orgs.). **Gramática do português falado**, vol. II. Campinas/SP: UNICAMP, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Hipertexto e construção de sentidos. **Revista Alfa**, v. 51, n. 1, p.23-38, 2007. Disponível em:<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425>>. Último acesso em: 27 jun. 2018.

_____. **As tramas do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17. ed. – 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LINS, Maria da Penha Pereira. Organização tópica do discurso de sequências de tiras diárias de quadrinhos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. O tópico discursivo. São Paulo: Campinas, v. 48, n. 1, p. 125-134, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637260/4982>>. Último acesso em: 22 out. 2019.

_____. **O tópico discursivo em textos de quadrinhos**. Vitória: EDUFES, 2008.

LINS, Maria da Penha Pereira; CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo. Linguística Textual e Pragmática: uma interface possível. In: CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (Orgs.). **Linguística Textual**: diálogos interdisciplinares. 1ed. São Paulo: Labrador, 2017. p. 15-42.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MARCUSCHI Luiz Antônio. Linearização, Cognição e Referência: o desafio do Hipertexto. Comunicação apresentada no **IV Colóquio da Associação Latino Americana de Análise do Discurso**, Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999. Disponível em: <http://Web.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cam bio/17Marcus.pdf>. Último acesso em: 28 jun. 2018.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36

_____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. In: KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; BENTES, Ana Christina; REZENDE, Renato Cabral (Orgs.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. O tópico discursivo. São Paulo: Campinas, v. 48, n. 1, p. 7-22, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637251/4973>>. Último acesso em: 22 out. 2019.

_____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCOCCIA, M. **Online polylogues: conversation structure and participation framework in internet newsgroups**. Journal of Pragmatics – an interdisciplinary journal of language studies, v. 36, p. 115-145, 2004.

MONTEIRO, Daniela Arns Silveira. **O gênero comentário: análise sócioretórica de exemplares publicados nos jornais catarinenses e folha de S. Paulo**. Dissertação de mestrado. Tubarão: Unisul, 2008. Disponível em: <http://pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/94359_Daniela.pdf>. Último acesso em: 22 out. 2019.

OLIVEIRA, Marcia Regina de. Interações na blogosfera. In SHEPHERD Tania G.; SALIÉS Tânia G. (Orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo. Contexto. 2013. p. 157-179.

OLIVEIRA, Mônica Lopes Smiderle de. **Construção Tópica e mecanismo de (im) polidez em interações do Facebook: uma análise pragmática dos recursos imagéticos- digitais**. Tese (Doutorado em Linguística) - Orientador: Profa. Dra. Maria da Penha Pereira Lins. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. Vitória – ES. 2019. Disponível em: <http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_13200_VERS%C3O%20FINAL%2001-06.pdf>. Último acesso em: 22 out. 2019.

PINHEIRO, Clemliton Lopes. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas v. 48, n. 1, p. 43-52, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637254>>. Último acesso em: 22 out. 2019.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'analyse du discours numérique** : Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris, Editions Hermann, 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**, 2 ed. Porto Alegre: Sulinas, 2014

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Revista Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 114-124, maio-ago. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7323>>. Último acesso em: 30 jun. 2018.

_____. **Introdução à análise de redes sociais online**. EDUFBA. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24759>>. Último acesso em: 22 out. 2019.

SANDIG, Barbara. O texto como conceito prototípico. In: WIESER, Hans Peter; KOCH Ingedore Grünfeld Villaça (Orgs.). **Linguística Textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 47-72.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior**, Campinas, UNICAMP, 4 abr. 2013. Especial: As novas mídias e o ensino superior. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>>. Último acesso em: 19 nov. 2018.

SCHNOTZ, Wolfgang. O que acontece na mente do leitor? Os processos de construção mentais durante a compreensão textual do ponto de vista da psicologia e

da linguística cognitiva. In: WIESER, Hans Peter; KOCH Ingedore Grünfeld Villaça. (Orgs.). **Linguística Textual**: perspectivas alemãs. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 166-185.

STORRER, Angelika. A coerência nos hipertextos. In: WIESER, Hans Peter; KOCH Ingedore Grünfeld Villaça. (Orgs.). **Linguística Textual**: perspectivas alemãs. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 98-120.

VAN DIJK, Teun A. Texto e Cognição. In: _____. **Discurso e Contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012. p. 87-158.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Pipa Comunicação, 2013.